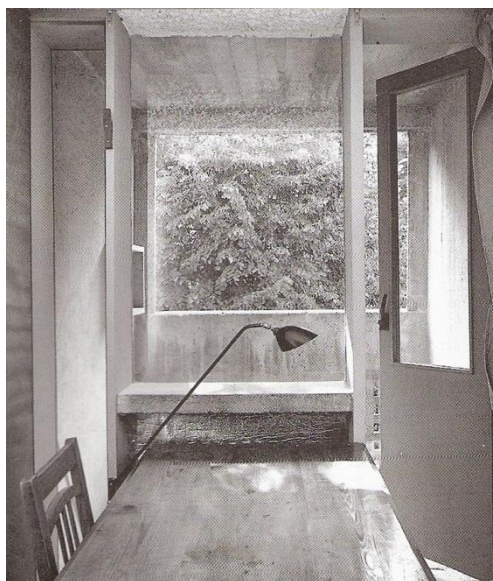




FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA



A ROOM OF ONE'S OWN
Intervenção no Convento de Santo António
dos Capuchos para Centro de Estudos

Tiago João Duarte dos Santos Póvoa
(Licenciado em Estudos Arquitectónicos)

Orientador Científico: Professor Doutor **Hugo José Abranches Teixeira Lopes Farias**
Co-orientador Científico: Professor Doutor **Michel Toussaint Alves Pereira**

Júri:

Presidente: Professor Doutor **Jorge Manuel Fava Spencer**
Arguente: Professor Doutor **António Lobato Santos**
Professor Doutor **Hugo José Abranches Teixeira Lopes Farias**
Professor Doutor **Michel Toussaint Alves Pereira**

Dissertação/Projecto para obtenção do
Grau de Mestre em Arquitectura

Projecto Final de Mestrado

Lisboa, FAUTL, 15 de Outubro de 2012

“Todo o mundo precisa de alguma espécie de ninho onde pousar.”

Hermann Hertzberger in *Lições de Arquitectura*

Título da Dissertação: A Room of one's own – Intervenção no Convento de Santo António dos Capuchos para Centro de Estudos

Nome do Aluno: Tiago João Duarte dos Santos Póvoa

Orientador: Prof. Dr. Hugo José Abranches Teixeira Lopes Farias

Co-orientador: Prof. Dr. Michel Toussaint Alves Pereira

Mestrado: Mestrado Integrado em Arquitectura com Especialização em Arquitectura

Data: 28 de Setembro de 2012

RESUMO

O presente relatório final de Mestrado aborda a temática dos *espaços próprios*, essencialmente individuais, que sentimos como nossos, nos quais nos revemos e dos quais nos apropriamos. O objectivo passa por procurar, não apenas uma definição clara para estes espaços, mas sobretudo enunciar aquilo que são as características mais importantes para a definição de um espaço como esse. Para isso, recorre-se a temas mais abstractos como os conceitos de *Retiro*, *Recolhimento* ou *Isolamento*, passando depois para as imagens de *Casa*, *Sala* ou *Cela* onde se revê aquilo que devem representar espaços como estes. Numa aproximação mais pragmática exploram-se as definições de *Recanto* ou *Nicho*, e o modo como estes espaços possibilitam o *recolhimento* como necessidade humana, em compensação aos momentos/espaços da partilha.

O desenvolvimento deste tema prende-se com o projecto final de mestrado a desenvolver, ou seja, a intervenção no Convento de Santo António dos Capuchos para Centro de Estudos. Neste contexto, e considerando a função em causa, existe a preocupação de criar, na parte correspondente ao convento, uma série de espaços que possam ser requisitados para o desenvolvimento de teses, para investigações, ou para o estudo ou trabalhos diários. Ademais, existe um interesse individual sobre estes espaços.

O trabalho apresenta uma reflexão acerca do tema proposto e despoletado em “A Pattern Language” de Christopher Alexander, mas procura abordá-lo num âmbito que ultrapassa o domínio da arquitectura procurando uma resposta mais alargada no âmbito da disciplina.

Palavras chave: Espaço próprio, Retiro, Recolhimento, Apropriação, Pessoal

Dissertation Title: A Room of one's own – Intervention on the Santo António dos Capuchos Convent for a Studies Center

Student's Name: Tiago João Duarte dos Santos Póvoa

Orientation: Prof. Dr. Hugo José Abranches Teixeira Lopes Farias

Co-orientation: Prof Dr. Michel Toussaint Alves Pereira

Masters: Integrated Master's Degree in Architecture

Date: 28th September, 2012

ABSTRACT

This masters final dissertation broaches on the problematic of small dimensions spaces, essentially the individual ones which we feel as our spaces, that respond to our most basic needs and where we reconsider ourselves. The aim elapse to look for, not a straight definition of these spaces, but essentially enounce what are the most important characteristics to define a place like that. To do it, we take some abstract issues like the concepts of Retreat, Self-communion or Isolation, and then the images of House, Room, or Alcove, where we analyze what these spaces should represent. In a more detailed and pragmatic view, we explores the definitions of Corner or Niche, and the way how these spaces allow the self-communion as a human need, in relation with moments/spaces of sharing.

The development of this theme is connected to the masters final project: intervention on the Saint Antony of Capuchos Convent to a Well Being Studies Center. In this context, and having in mind the function of the building, there is the concern to create, in the convent, a number of spaces that the users can solicit to develop their thesis, investigations, studies, or even daily works. With this master, there is a personal interest in that kind of spaces.

The work shows a reflection about the theme proposed and broached in “A Pattern Language” of Christopher Alexander, but looks to approach it in a way that goes far than the limits of architecture, searching a larger answer, in the theoretical terms and in the things that remains to the project.

Keywords: Retreat, Self-communion, Isolation Own, Appropriation, Personal,

Agradecimentos

Aos meus pais, irmã pela Vida.

Aos meus avós pelas Lições.

À minha Bisavó pela Sabedoria.

À minha Família pela Preserverança.

Aos meus amigos pela Motivação.

Aos professores Hugo Farias e Michel Toussaint pela Orientação.

A todos os professores e colegas pela Partilha.

ÍNDICE

	Página
I. Resumo	i
II. Abstract	ii
III. Agradecimentos	iii
IV. Índice geral	v
V. Índice de Imagens	vii
1. Introdução	1
2. A Room of one's own	
2.1 Christopher Alexander	4
2.2 Louis Kahn	7
2.3 Herman Hertzberger	9
2.4 Gaston Bachelard	13
2.5 Edward Hall	16
2.6 Outros Autores	17
3. O isolamento como necessidade humana	
3.1. Retiro	21
3.2. Recolhimento	22
3.3. Isolamento	24
3.4. Intimidade	25
3.5. Silêncio	29
4. Tipos de espaços Próprios	
4.1. A Casa	31
4.2. A Sala	35
4.3. A Cela	40
4.4. O Recanto	42
4.5. O Nicho	43
4.6. A Alcova	44
4.7. O Armário	47

5.	Dos espaços próprios aos espaços partilhados	
5.1.	Espaço para um grupo pequeno	51
5.2.	Espaço individual	53
6.	Espaços Complementares	
6.1	Interiores	55
6.2	Exteriores	56
7.	Introdução no Convento de Santo António dos Capuchos para Centro de Estudos	
7.1.	Enquadramento	59
7.2.	Estratégia	59
7.3.	O Centro de Estudos	65
7.3.1	Espaços Próprios	69
7.3.2	Espaços partilhados	71
7.3.3	Espaços para habitação	73
7.3.4	Espaços públicos	73
7.3.5	Caracterização espacial	77
8	Conclusão	79
9	Bibliografia	82

Anexos

A1 – *A Room of one's Own* por Christopher Alexander

A2 – Programa do projecto para o Centro de Estudos

A3 – Esquícios do projecto para o centro de Estudos

A4 – Desenhos do Projecto

ÍNDICE DE FIGURAS

Imagem da capa - Cela do Convento de Santa Maria de La Tourette, projecto de Le Corbusier - BOESIGER, Willy (1992). <i>Le Corbusier; oeuvre complete</i> . ed. Les Éditions d'Architecture; 1995, ISBN: 0-500-34038-2	
Figura 1 - Recantos de Leitura na Biblioteca da Academia Philips Exeter, projecto de Louis Kahn - http://flickrhivemind.net/Tags/kahn,louis/Interesting	2
Figura 2 - Alcova na casa de Caminha, projecto de Sérgio Fernandes - http://olharquitectura.blogspot.pt/search/label/Casa%20em%20Caminha	6
Figura 3 – Biblioteca da Academia Philips Exeter, projecto de Louis Kahn - http://www.greatbuildings.com/buildings/Exeter_Library.html	8
Figura 4 – Zonas de Trabalho da Central Beheere, Projecto de Herman Hertzberger - HERTZBERGER, Herman (1991). <i>Lições de Arquitectura</i> . São Paulo: 2006. 272 pp. ISBN: 85-336-1034-3	26
Figura 5 – “Light to Silence, Silence to Light”: Esquízo de Louis Kahn - KAHN, Louis (2003). <i>Essential Texts</i> . New York: W. W. Norton & C ^a , 2003. 288 pp. ISBN: 0-393-73113-8	28
Figura 6 – Making of a Room, esquízo de Louis Kahn - KAHN, Louis (2003). <i>Essential Texts</i> . New York: W. W. Norton & C ^a , 2003. 288 pp. ISBN: 0-393-73113-8	34
Figura 7 – Cela do Mosteiro de Santa Maria de la Tourette, projecto de Le Corbusier- BOESIGER, Willy (1992). <i>Le Corbusier; oeuvre complete</i> . ed. Les Éditions d'Architecture; 1995, ISBN: 0-500-34038-2	38
Figura 8 – Zona de sentar junto à janela na Norman & Doris Fisher House, projecto de Louis Kahn - http://tamarsaks.blogspot.pt/2010/09/norman-fisher-house.html	40
Figura 9 – Alcova de lareira na Casa Batlló, projecto de Gaudi – Imagem de Bernardo Nadais	42
Figura 10 – Memórias, recortes, imagens na Parede do Quarto do Autor – Imagem do Autor	46
Figura 11 – Elevação no pavimento para as crianças utilizarem na escola de Montessori, em Delft, projecto de Herman Hertzberger. Fixa usos e	

delimita espaços - HERTZBERGER, Herman (1991). Lições de Arquitectura. São Paulo: 2006. 272 pp. ISBN: 85-336-1034-3	48
Figura 12 – Armário com uma grande diversidade de objectos no Quarto do Autor – Imagem do Autor	48
Figura 13 – Imagens da Colina de Santana – Imagens de Mariana Robalo e Pedro Ferreira.	58
Figura 14 – Planta esquemática da colina de Santana no contexto da Cidade de Lisboa, e esquema com principais acessos aos Hospitais. – Realizado pelo autor.	58
Figura 15 – Esquemas dos Cinco Hospitais existentes na Colina de Santana e primeiras orientações para as intervenções realizados pelo autor	60
Figura 16 – Vista aérea do Complexo do Hospital de Santo António dos Capuchos – Googel Earth – Recolhido pelo Autor	62
Figura 17 – Alterações no Piso 1 do edifício do Convento – Amarelos e Vermelhos	62
Figura 18 – Interior da Igreja do Convento de Santo António dos Capuchos – Imagem de Bernardo Nadais	64
Figura 19 – Corredor de acesso ao claustro do convento de Santo António dos Capuchos – Imagem de Bernardo Nadais	66
Figura 20 – Vista para a Cidade a partir do exterior do Antigo edifício do convento – Imagem de Pedro Ferreira	68
Figura 21 – Claustro dos Capuchos – Imagem de Bernardo Nadais	70
Figura 22 – Vista para o interior do Claustro a partir do patamar do piso 1 – Imagem de Bernardo Nadais	72
Figura 23 – Imagem do interior da Cisterna do Convento dos Capuchos – Imagem de Duarte Belo	76
Figura 24 – Materialidades escolhidas para o Centro de Estudos – Imagens do Autor	74

1. INTRODUÇÃO

Christopher Alexander apresenta na sua obra *A Pattern Language*¹ um capítulo designado “A room of one’s own”, precisamente o título do Relatório final de Mestrado aqui apresentado. Para o autor, ninguém consegue estar com outros sem oportunidades frequentes para estar sozinho. Independentemente de se tratar de habitação ou de um equipamento, a existência de um *espaço próprio* onde o indivíduo se pode recolher e onde se sinta seguro é condição necessária para a manutenção do equilíbrio entre a participação na estrutura comunitária e o desenvolvimento de uma personalidade individual.

Por *espaços próprios* entendam-se os espaços onde cada um de nós se recolhe, onde reflectimos, para onde nos retiramos quando precisamos de nos concentrar ou isolar, que guardam os nossos bens e onde sabemos que estamos em segurança. Estes *espaços próprios* constituem o foco de todo o trabalho aqui apresentado.

A abordagem passa por considerar, desde os conceitos de *Recanto*, ou *Nicho* tratados por Bachelard, em *A poética do espaço*², passando pelos tipos de espaço desde a *alcova* ou *cela* individual, aos espaços para pequenos grupos abordados por Alexander, até às abordagens dos comportamentos referidos por Edward T. Hall. Procura reflectir sobre a necessidade de espaços de *retiro*, de *recolhimento*, espaços sob os quais temos controlo, dos quais nos apropriamos e sentimos como “nossos”, como resposta aos espaços comuns, partilhados, públicos.

Ao longo das últimas décadas foram construídos novos complexos arquitectónicos que reinterpretam lógicas claustrais, onde é possível averiguar a presença de pequenas unidades mais ou menos isoladas. Nestas unidades, os utilizadores recolhem-se e procuram um espaço delimitado, onde a introspecção seja potenciada. Partindo destes pequenos espaços chegamos a outros, de consideravelmente maiores dimensões, onde se dá o encontro e reunião de todos, tanto para responder a necessidades físicas a que as pequenas unidades não respondem, como para as necessidades de socialização que estas condicionam. Repare-se, por exemplo, no caso da Biblioteca da Academia Phillips Exeter de Louis Kahn (New Hampshire, EUA, 1966-1972), e nos seus pequenos *recantos* de leitura junto à janela, que embora não delimitados fisicamente, definem espaços individuais muito

¹ ALEXANDER, Christopher et al.(1977). *A pattern language: towns, buildings, construction*. New York: Oxford University Press, 1977.

² BACHELARD, Gaston (1957). *A Poética do Espaço*. S. Paulo: Martins Fontes, 2003.



Figura 1 - Recantos de Leitura na Biblioteca da Academia Philips Exeter, projecto de Louis Kahn

Próprios (ver figura 1). Estes exemplos são essenciais e representam casos próximos daqueles que constituem o projecto arquitectónico desenvolvido. Para além disso deve ainda considerar-se que o facto de se tratar de uma intervenção num edifício conventual o que por si só já constitui uma matéria de considerável relevo.

As referidas matérias servirão de base à investigação que assenta na necessidade de criação de espaços individuais, ou para pequenos grupos, inseridos no Centro de Estudos a desenvolver para o antigo Convento de Santo António dos Capuchos, como complemento aos espaços comuns para conferências, *workshops* ou cursos e como resposta à necessidade de espaços individuais que possam servir para trabalhos ligados a este Centro. Para além disso, o interesse pessoal sobre espaços individuais, próprios, de *recolhimento* acrescenta, uma outra justificação para a escolha do mesmo.

O método de trabalho passa por um desenvolvimento do conceito, nas referências a eles feitas, bem como a uma abordagem dos conceitos que para este remetem. Desta forma, Christopher Alexander apenas serviu de mote para uma abordagem mais ampla. Procura-se perceber a relevância arquitectónica, social e funcional destes espaços, quer na sua essência, quer na articulação com espaços de outro tipo. Partindo da análise de casos de estudo, e das considerações acerca destes espaços, procurar-se-á definir quais são as características espaciais, formais, estéticas, materiais, dimensionais, funcionais, lumíneas e de vistas essenciais para a sua valorização. A compreensão de como suscitar a apropriação destes espaços pelos seus utilizadores, a sua vitalidade, e capacidade de fazer os mesmos sentirem que este é o “seu” espaço, são igualmente alvo de investigação no âmbito deste trabalho.

O projecto final de mestrado procede a uma análise à temática apresentada no âmbito da arquitectura, mas remetendo também para as ciências sociais, através essencialmente de referências bibliográficas. Para além disso, fará referência a casos de estudo que apresentem a problemática referida, associando não apenas o tema, mas também a sua aplicabilidade ao projecto desenvolvido. A experimentação através do desenho e da maquete, por forma a desenvolver estudos de materialidade, luz, proporção, forma e escala serão igualmente outros métodos considerados.

2. A Room of One's Own

O presente capítulo analisará as abordagens de vários autores, retirando aquilo que se consideram ser as contribuições para a definição de um *espaço próprio*. Inicia-se com a análise a Christopher Alexander, por ser este que dá nome à tese, seguindo-se Louis Kahn, Herman Hertzberger, Edward Hall entre outros.

2.1 Christopher Alexander

A obra de Christopher Alexander *A Pattern Language*³ debruça-se sobre uma série de temáticas muito abrangentes. De entre as visões ditas *padrões* que apresenta, o autor foca alguns temas consideravelmente importantes e que ultrapassam a dimensão daquele que é o tema deste relatório final de mestrado, isto é “*A room of one's own*”.

A abordagem de Alexander faz-se de maneira sintética, pragmática e tipológica definindo até as dimensões aconselhadas para cada um dos espaços⁴. A perspectiva apresentada para cada um dos temas centra-se na definição do espaço, das necessidades a que deve responder e na forma como se devem articular, apresentando esquemas abstractos de como se devem organizar e hierarquizar, e algumas imagens representativas das realidades a que se refere. Para além deste autor, a categorização de espaços tem em George Perec, e em especial na sua obra *Species of Spaces and Other Pieces*⁵, outro dos seus expoentes.

Alexander, no capítulo 141 intitulado “*A room of one's own*” demarca a necessidade humana de *recolhimento* para permitir a proximidade face aos outros ou a si próprio, “Ninguém pode estar próximo de outros sem ter também oportunidades frequentes para estar sozinho”⁶. A forma como o tema é abordado coloca-o mesmo como uma problemática, isto é, “*Ele (personagem abstracta) quer participar na vida familiar e ser reconhecido como um importante membro do grupo, mas não se pode individualizar.*”⁷. A sua base de estudo,

³ ALEXANDER, Christopher et al.(1977). *A pattern language: towns, buildings, construction*. New York: Oxford University Press, 1977.

⁴ A aceitação deste facto passa pela contextualização da obra e de toda a investigação associada nos finais dos anos 60 e 70 do século passado, período onde as preocupações com a tipificação assumiram particular importância.

⁵ PEREC, George (1974). *Species of spaces and other Pieces*. London, England: New York, N.Y., USA: Penguin Books, 1997.

⁶ Tradução Livre; “*No one can be close to others, without also having frequent opportunities to be alone.*”; ALEXANDER, Christopher et al.(1977). *A pattern language: towns, buildings, construction*. New York: Oxford University Press, 1977. P. 669

⁷ Tradução Livre. “*He wants to participate and to be recognized as an important member of that group, but he cannot individualize himself.*” *Ibidem*, P. 669

que lhe permitiu chegar a estas conclusões, parte da arquitectura mas chega até outras áreas como a psiquiatria citando mesmo estudos de Alexander Leighton⁸.

A necessidade que parece assumir este espaço denota-se na forma retórica como questiona o leitor “Em termos de espaço, o que é necessário para resolver o problema? Simples, um espaço para si próprio.”⁹. Depois de tipificar uma série de actores dentro de uma estrutura familiar refere qual o seu papel e quais os espaços que têm disponíveis para si próprio, centrando-se muitas vezes no espaço de escritório ou no próprio quarto. Aconselha que estes espaços estejam o mais afastado possível das zonas comuns e refere como exemplo que podem ser *alcovas* com secretárias, estantes e cortinas, abordando depois em particular as *alcovas* noutro capítulo da mesma obra.¹⁰

As unidades que se designam por *espaços próprios* são muito mais do que esta primeira definição do autor e desenvolvem as preocupações centrais do mesmo em outros capítulos como: 76 *House for a Small family*, 77 *house for a couple*, 78 *House for a person*, 79 *Your own home*, 127 *Intimacy gradient*, 129 *Common Areas in the heart*, 142 *Sequence of sitting Spaces*, 143 *Bed cluster*, 148 *Small work groups*, 151 *Small meeting rooms*, 152 *Half private Offices*, 179 *Alcoves*, 188 *Bed Alcove*, 203 *Child Caves*, 204, *Secret Place* e 253 *Things from your life*.

Nos quatro primeiros, por se tratar de habitação, aborda-se a resposta a necessidades básicas, e à diferença entre os habitantes e as relações de *intimidade* e privacidade mais extremas. Quando passamos para os espaços de trabalho ou encontro afastamo-nos da vida privada e passamos a centrar-nos naquilo que são as questões mais sociais, da junção de vários indivíduos que à partida têm posições hierárquicas idênticas, o que altera consideravelmente a resposta espacial e as problemáticas geradas.

As temáticas que aproximam o autor de casos particulares como as *alcovas*¹¹ permitem que se debruce sobre a questão das necessidades básicas, reduzindo estes

⁸ Sociólogo e psiquiatra nascido nos Estados Unidos da América, em 1908 que desenvolveu estudos sobre a depressão e a ansiedade em vários países do mundo.

⁹ Tradução Livre; “*In terms of space, what is required to solve the problem? Simply, a room of one’s own*” *Ibidem*, P. 67

¹⁰ Para todo o caso é preciso considerar que embora este capítulo da obra de Alexander tenha sido importante para o despoletar desta temática e da forma como esta se iniciou, a abordagem a desenvolver não se centra nas definições deste autor mas apenas no tema que aborda. (Ver Anexo A – “*A room of one’s own*” de Christopher Alexander)

¹¹ Entenda-se por *alcovas*, a definição dada por Christopher Alexander, mas que também outros autores desenvolvem. Ver capítulo 4.6 – *Alcovas*.



Figura 2- Alcova na casa de Caminha, projecto de Sérgio Fernandes

espaços próprios até à escala mais restrita que podem atingir. Os últimos três capítulos referidos, bem como o intitulado “*Intimacy gradient*” referem-se, não a estes tipos de espaços mas a questões que serão abordadas nos capítulos seguintes. De forma inequívoca, os “*rooms of own’s one*” devem permitir, como Alexander afirma, serem apropriados por aqueles que o habitam, com variados graus de interacção com o exterior, com níveis de *intimidade* que possam chegar até locais secretos, e que respondam a todas as necessidades, isto é, são espaços abertos à apropriação que o ocupante possa potenciar (ver figura 2).

Este estudo serve de facto para levantar questões e colocar sobre a mesa uma série de possibilidades que outros autores desenvolvem nas suas obras escritas e até mesmo nos seus projectos e que podem ser aqui referidos como objecto de estudo¹².

2.2 Louis Kahn

Agora que o tema está lançado vejamos o caso, não ainda da obra, mas da produção escrita de Louis Kahn, quando se debruça em “*Essencial texts*” sobre a temática de “*The Room, the Street and the Human Agreement*”¹³. O facto de Kahn ter afirmado a *Sala* como “o princípio da *Arquitectura*”¹⁴, e “uma longa rua é uma sucessão de salas”¹⁵ revelam a presença e a influência do espaço individual.¹⁶

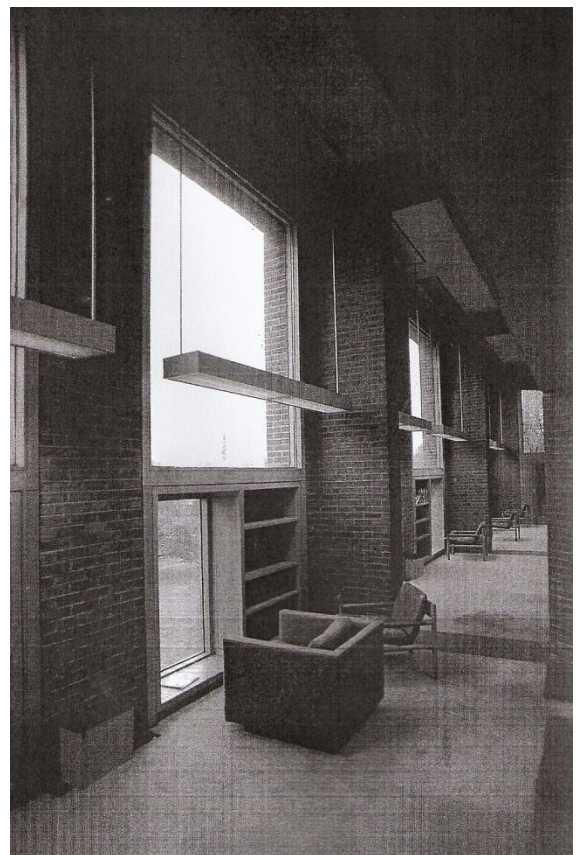
¹² Virginia Woolf (1882-1941), escreveu um artigo exactamente com a mesma designação deste relatório (e que serviu de inspiração para o título do capítulo do livro de Alexander), mas a abordagem feminista e crítica que faz afasta-se da noção que lhe queremos inculcar, e por isso não se extrai nenhuma parte da referida obra, muito embora ela tenha sido consultada no decorrer do trabalho desenvolvido.

¹³ Tradução livre; “A Sala, a Rua e o Consentimento Humano” in KAHN, Louis (2003). *Essential Texts*. New York: W. W. Norton & C^a, 2003. P. 252

¹⁴ Citando o discurso por ele proferido em Detroit, quando foi agraciado com a Medalha de Ouro do Instituto Americano dos Arquitectos

¹⁵ Tradução livre; “A street is a sequence of rooms”, *Ibidem*; P. 254

¹⁶ Considerando estas salas, não como salas de estar mas como aquilo que representam na designação inglesa original “rooms”.



**Figura 3 – Biblioteca da Academia Philips
Exeter, projecto de Louis Kahn**

A abordagem transversal que faz sobre a sala, centra-se em algumas das características que o autor mais considera, desde a luz, calor, brilho, cuja importância reforça citando a questão levantada por Wallace Stevens “Que parte do sol tem o teu edifício?”, passando pela questão da caracterização individual do espaço, e do quanto sentimos que o espaço é nosso quando nele entramos. Considera-se as variações perante o facto deste espaço ser ou não partilhado, a que distância estão as paredes de mim, o que conforma a noção de *intimidade*, os elementos de conexão como corredores e o facto destes serem neutros e normalmente não serem espaços de ninguém em particular mas antes de todos, bem como questões mais simples e sensíveis como a presença do som num espaço.

Para Kahn, as *salas* devem sugerir o seu uso sem ser necessário um nome. Quando passa à questão da rua considera outro facto, ou seja, a importância de cada edifício, naquilo que estes podem oferecer à cidade (ver figura 3). O consentimento humano, transversal a esta questão da rua, é tanto mais importante quanto nos aproximamos da escala da cidade, prende-se com a necessidade de harmonia, de conexão que só é possível por esta interacção entre os elementos individuais. Se este facto é verdadeiro para as cidades, também se aplica a outras escalas, como a definição de áreas comuns como os claustros com as várias *celas* na envolvente. Kahn aborda ainda o *silêncio* e a luz e refere metaforicamente, como chamada de atenção, a questão do espírito do lugar, próximo da definição que Norberg-Schulz¹⁷ apresenta.

Kahn afirma que quando um edifício se encontra pronto alerta “*Olhem, Eu quero contar-te como eu fui feito*” e ninguém ouve porque todos andam ocupados de *sala em sala*, e só quando o edifício se encontra em ruínas e sem uso, o espírito deste emerge contando o “prodígio de que (o edifício) foi feito”.¹⁸

2.3 Herman Hertzberger

Se numa escala mais tipificada Alexander apresenta os espaços de uma maneira bastante variada, a abordagem, quer teórica quer da prática projectual que Herman Hertzberger faz, denota um outro ponto de vista acerca do espaço, da arquitectura e da resposta que esta deve dar às necessidades humanas.

¹⁷ NORBERG-SCHULZ, Christian. *Genius loci. Towards a phenomenology of architecture*; Londres; Academy Editions; 1980

¹⁸ Tradução Livre; “Look, I want to tell you how I was made (...) the wonder that the building was made by” KAHN, Louis; *Essential Texts*; New York : W. W. Norton & C^a, 2003, P. 254

Uma das questões que Herman Hertzberger levanta na sua obra *Lições de Arquitectura*¹⁹, e que aqui devem ser referidas, prendem-se com as diferenças entre as espacialidades criadas através da forma, material, luz e cor, de modo a introduzir uma certa noção de individualidade a cada espaço, fazendo denotar diferenças de privacidade, de uso, de restrição de acesso e até de grau de relevância no conjunto. Esta noção apresenta-se particularmente importante no que se refere ao tema em causa e à necessidade do habitante sentir determinado espaço como seu.

Espaços próprios exigem uma noção de territorialidade que Hertzberger aborda, de entre as quais se destaca o zonamento territorial. Este conceito diz respeito essencialmente à noção de quem tem responsabilidade sobre estes espaços, de quem zela por eles e de quem os sente como seus. Na questão da definição das nos indivíduos entre aquilo que se considera como público, como privado e como se articulam as partes, esta questão revela-se fulcral na definição daquilo que é um *espaço próprio* e da necessidade de se definir a articulação com os espaços de outros. O exemplo que o próprio autor cita, isto é, o edifício da Central Beheer (Apeldoorn, Holanda, 1967-1972), representa de facto aquilo que é a apropriação de um espaço pelos seus utilizadores.

Hertzberger afirma “*A influência dos usuários pode ser estimulada, pelo menos nos lugares certos, isto é, onde se pode esperar o envolvimento necessário; e como isto depende do grau de acesso, das demarcações territoriais, da organização, da manutenção e da divisão de responsabilidades, é essencial que o projectista esteja plenamente consciente desses factores nas suas gradações adequadas*”²⁰. Contudo, e lembra o próprio autor, o facto de se potenciar que aconteça não quer dizer que de facto estes o façam. Se nos espaços privados de trabalho, ou *ilhas particulares* como designa Hertzberger, foi possível responsabilizar cada um dos funcionários pelo seu espaço, nos espaços comuns é difícil que assim seja, dado aquele espaço pertencer a todos, mas nenhum em particular sentir que ele individualmente seja responsável por este, sendo, por isso, este espaço mantido por uma equipa especial. Muito embora sejam igualmente mantidos pela equipa, existe “(...) *uma diferença de atmosfera marcante entre a área comunitária e os espaços individuais de trabalho com toda a sua diversidade*”²¹.

Se os *espaços próprios* são provavelmente aqueles que, numa primeira instância, podem ser apropriados pelo utilizador, quando se refere a “*De usuário a morador*”

¹⁹ HERTZBERGER, Herman; *Lições de Arquitectura*; São Paulo, 2006

²⁰ *Ibidem*. P.28 Esta preocupação permitiu que neste exemplo os funcionários se apropriassem dos espaços conseguindo efeitos surpreendentes.

²¹ *Ibidem*; p. 28

Hertzberger rompe com este preconceito que eventualmente possamos ter. Ao ser considerada a intervenção do futuro morador nas várias fases do projecto, envolvendo-o, mais facilmente este passará do usuário, que apenas se serve do espaço, ao morador, que o sente seu, que zela por ele e que se responsabiliza pelo mesmo²². Contudo, deve considerar-se sempre que o arquitecto criará um espaço adequado, que servirá como resposta às solicitações de determinado utilizador, estando, contudo as intervenções deste condicionadas por uma série de apriorismos que o projectista lhe coloca.

A necessidade humana de um *espaço próprio* tem em Hertzberger mais uma grande base de interpretação, pois considera que *“Um ‘ninho seguro’ – “um espaço conhecido à nossa volta, onde sabemos que nossas coisas estão seguras e onde nos podemos concentrar sem sermos perturbados pelos outros – é algo de que cada indivíduo precisa tanto quanto um grupo. Sem isso, não pode haver colaboração com os outros. Se você não tem um lugar que possa chamar seu, você não sabe onde está! Não pode haver aventura sem uma base para onde retornar: todo o mundo precisa de alguma espécie de ninho onde pousar.”*²³.

De entre os casos apresentados, as preocupações apresentadas na Escola de Montessori em Delft (1969-1970), também da autoria de Hertzberger, com a ocupação e apropriação dos espaços pelas crianças que a frequentam, parecem revelar o caso mais paradigmático de acomodação dos espaços aos moradores. Neste caso os moradores iam mudando e era necessário fazer as crianças sentir que podiam modelar a escola de modo a que sentissem que aquela era de facto a “sua” escola. As estratégias apresentadas passam desde a colocação de uma prateleira por cima da porta de cada *sala* para que do exterior se possa perceber o que acontece na mesma, pela criação de pequenos *recantos* desnivelados para as crianças se reunirem, zonas informais das quais estas se podem apropriar, bem como uma grande variedade de estruturas móveis que podem ser utilizadas quer durante as aulas quer nos intervalos, aliando o aspecto pedagógico ao lúdico.

Se em parte estas intervenções servem para caracterizar cada um dos espaços, aquele que Hertzberger define como “intervalo” parece ser objecto de maior enfoque, servindo-se de uma série de estratégias para relacionar os dois lados do mesmo: *“ O valor deste conceito é mais explícito na soleira par excellence, a entrada de uma casa. Estamos*

²² Considere-se usuário, aquele que apenas usa o espaço, apenas se serve dele para responder às suas definições, e por morador, aquele que se serve do espaço, mas para além disso o sente como seu, se apropria, responsabiliza por ele, e o sente como seu, como definido em HERTZBERGER, Herman (1991). *Lições de Arquitectura*. São Paulo: 2006.

²³ HERTZBERGER, Herman (1991). *Lições de Arquitectura*. São Paulo: 2006. P.30 O conceito de *ninho* será retomado na abordagem a Bachelard, mais à frente.

*lidando aqui com o encontro e a reconciliação entre a rua, de um lado, e o domínio privado de outro.*²⁴ A definição de um patamar murado antes do acesso à escola, a criação de espaços de estudo junto às salas de aula ou as secretárias junto à janela são bons exemplos daquilo que o arquitecto aborda na definição do conceito de “intervalo”. Este conceito representa *“a chave para eliminar a divisão rígida entre áreas com diferentes demarcações territoriais. A questão está, portanto, em criar espaços intermediários que, embora do ponto de vista administrativo possam pertencer quer ao domínio público quer ao privado, sejam igualmente acessíveis por ambos os lados, isto é, quando é inteiramente aceitável, para ambos os lados, que o outro também possa usá-lo.”*²⁵

Considerando este facto, o autor afirma que se articularmos correctamente as relações entre as várias esferas (pública e privada) podemos até trazer para a esfera privada espaços exteriores, que desta forma passam a ser mais valorizados e até cuidados pelos moradores. No caso da Central Beheer já mencionado anteriormente, o projectista tenta fazer dos espaços comuns como que trechos de espaço urbano, facilitando a articulação entre espaços, destes com o exterior e vice-versa. Neste projecto, construído como uma extensão ordenada por uma modulação tridimensional (com base na célula individual) onde assentam zonas variáveis e interpenetráveis, o resultado não se refere a uma meta inequívoca mas que admite a interpretação para assumir a sua identidade através do uso a este associado, ou seja, deixando espaço para além de criar espaço.

Se Kahn se refere à luz e ao *silêncio*, Hertzberger dá particular relevo aos materiais utilizados e à preocupação que tem com o facto destes incentivarem a que os ocupantes sintam aquele espaço como seu. A noção do todo, tem para este autor uma particularidade, pois considera que *“(…) quanto mais articulação houver, menor será a unidade espacial, e, quanto mais centros de atenção existirem, mais o efeito total será individualizante – isto é, muitas actividades poderão ser produzidas ao mesmo tempo por grupos separados.”*²⁶

Uma das considerações que Hertzberger faz e que parece ser das mais adequadas ao trabalho desenvolvido prende-se com o facto deste afirmar que *“As coisas só devem ser grandes quando forem compostas de um conjunto de unidades pequenas, pois dimensões excessivas criam imediatamente distância e separação, e, ao insistirem em projectar numa*

²⁴ *Ibidem.* P. 32

²⁵ HERTZBERGER, Herman; *Lições de Arquitectura*; São Paulo, 2006. P. 40

²⁶ *Ibidem.* P. 193

*escala demasiado ampla, grandiosa e vazia, os arquitectos se tornam produtores em grande escala de distância e alienação.*²⁷.

Hertzberger refere também a articulação. Considera que é um dos aspectos essenciais a ter em mente pois assim evita-se alguma confusão que possa existir com o conceito de escala. Para colocar o leitor na sua perspectiva coloca a seguinte questão: *“Consideremos o Transatlântico – é uma construção em grande escala ou em pequena escala? É claro uma grande embarcação (embora seja uma mera mancha no oceano), e não se adaptaria a uma rua, mas ainda assim, é composto de um grande número de pequenas cabines, cubículos, corredores e escadas – todas unidades de dimensões bem menores do que as suas equivalentes em terra.”*²⁸.²⁹

2.4 Gaston Bachelard

A Abordagem deste autor completa as dos anteriores por ter uma perspectiva poética e até afectiva dos conceitos que aborda. Por outro lado refere-se às necessidades humanas e à forma como estas se remetem para os espaços que habitamos. Gaston Bachelard levanta questões que se podem rever no conceito e indiciam a necessidade humana de *espaços próprios*.

Na sua obra *A Poética do Espaço*, o autor afirma que o conceito “encolher-se” pertence à etimologia do verbo “Habitar”: “Só habita com intensidade aquele que se soube encolher”³⁰. Repare-se na pertinência desta afirmação face ao tema proposto. No âmbito dos vários conceitos abordados, considera em primeiro lugar que a imaginação aumenta os valores da realidade, e por isso o primeiro passo é não considerar qualquer edifício, espaço ou lugar como um objecto. Recorre até à poesia, que para ele tem como condição prévia o não-saber, para exemplificar este facto *“Quando damos aos objectos a amizade que convém, não abrimos o armário sem estremecer um pouco”*³¹.

A casa, como a apresenta de forma inequívoca no título do primeiro capítulo da obra “A Casa. Do Porão ao Sotão”, remete para o sentido de cabana. Não é esta, a primeira referência à casa nestes termos, dado que G. Jung já o havia feito, o próprio Bachelard o afirma nesta obra³². Embora esta necessidade deva ser relativizada, ambos consideram a

²⁷ *Ibidem*. P. 194

²⁸ *Ibidem*; P. 200

²⁹ Ao longo da sua obra, Hertzberger prova essa mesma preocupação tanto nas escolas de Montessori ou de Evenaar (Amsterdão, 1984-1986), como até no lar de Idosos Die Drie Hoven (Amsterdão, 1972–1974).

³⁰ BACHELARD, Gaston; *A Poética do Espaço*; S. Paulo : Martins Fontes, 2003; P. 21

³¹ *Ibidem*; P. 94

³² *Ibidem*; P. 95

casa, não no sentido restrito da habitação, mas no sentido do espaço que é nosso, onde nos sentimos seguros, como um ser privilegiado na abordagem à questão da *intimidade*, “porque a casa é o nosso canto no mundo”³³. A Casa representa para cada um de nós o “nosso” primeiro universo.

A mudança de casa, e o entrecruzar das lembranças das casas por onde já passamos colocam-nos perante uma noção de segurança, de refúgio³⁴, de *intimidade* que remetem para aquilo que designamos de casa. É graças a elas que mantemos grande número das nossas lembranças, e quando a casa se complica um pouco mais, com *recantos*, *sótãos*, *caves*, *corredores*, mais caracterizadas são essas mesmas lembranças.

Aqueles que designa de espaços de solidão têm tal importância que não devemos nunca tentar apagá-los da nossa memória, eles são mais que muitos outros constitutivos das nossas memórias, e voltamos a eles nos nossos sonhos nocturnos. A arquitectura é um fiel guardador de memórias, como afirma John Ruskin “Não há senão dois fortes vencedores do esquecimento dos homens, poesia e arquitectura. E a última de algum modo inclui a primeira e é mais forte na sua realidade”.³⁵ Por outro lado, num sentido mais afectivo e historial, a *casa* deve evitar o excesso de pitoresco pois isso pode ocultar a sua *intimidade*. “*As verdadeiras casas da lembrança, as casas onde os nossos sonhos nos conduzem, as casas ricas de um fiel onirismo, rejeitam qualquer descrição. Descrevê-las é mandar visitá-las. Do presente pode dizer-se tudo, mas do passado! A casa primordial e oniricamente definida deve guardar sua penumbra.*”³⁶.

Bachelard debruça-se sobre a *casa* e o *quarto* e lê-os, pois considera que ambos são diagramas da psicologia que guiam os escritores e os poetas na análise da *intimidade*. Dessa forma analisa uma série de descrições de autores sobre *casas*, e depreende aquilo que já havia aferido acerca da noção de *intimidade*. A referência a Minkowska e a análise de desenhos de *casa* pedidos a crianças, revelam que a *casa* é acima de tudo “um estado de alma”. Se a criança está angustiada, não tem *intimidade*, sente-se exposta, na sua representação da *casa* transparece tudo isso, assim como se a *casa* a protege e nela se sente feliz, tudo se demonstra. A simples preocupação de algumas crianças representarem

³³ *Ibidem*; P. 24

³⁴ Galfetti, Gustau (1995). *Casas Refúgio/Private Retreats*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili: 2002. As preocupações de Galfetti acerca das casas refúgio, e os exemplos por ele apresentados retomam mesmo esta noção de *retiro* face à realidade, onde podemos evitar uma série de circunstâncias que nos sejam adversas, chegando mesmo a extremos de *isolamento* que embora não sejam frutuosos para a perspectiva a desenvolver, são referências a considerar na sua obra.

³⁵ RUSKIN, John. *The Seven Lamps of Architecture*. , 2ª ed. New York, Dover Publications, 1989.

³⁶ BACHELARD, Gaston (1957). *A Poética do Espaço*. S. Paulo: Martins Fontes, 2003. P. 64

a maçaneta pode revelar que ali mora alguém, e podemos entrar, podemos conhecê-la, está suficientemente segura de si e por isso podemos entrar.

O *ninho* é uma *casa* de vida, que envolve o seu habitante mesmo depois de ele sair do ovo, como para o pássaro esta é uma cálida e doce morada. Bachelard, considera-o o esconderijo da vida alada, que pode mudar, crescer, reduzir, alterar-se mas continua a ser o ninho. O ninho, por muito precário que seja desencadeia em nós esta noção de segurança inequívoca. Para além disso, o ninho representa a confiança no mundo, o pássaro não o construiria se não confiasse nele.

A *concha* definida por Bachelard, ao contrário do ninho, é uma construção mais primordial, de defesa próxima, um limite de segurança que construímos e que nos acompanha. Não que o ninho não a represente, mas a concha está tão próxima e tão rígida que se torna sempre presente na vida do animal que a habita. De construção complexa, a concha destaca-se das restantes coisas sensíveis, como descreve o autor. A saída da concha representa em si o ultrapassar esse limite para chegar ao contacto com o exterior. Mas o abandonar a concha representa muito mais do que isso, pois estamos a transpor, não o limite próximo, mas os nossos próprios limites na sua mais directa acepção. Esta simbologia atravessa desde as pinturas de Bosch, às gravuras de Cork, até citações de Gaston Puel “*A concha oblonga da canoa fechou-se sobre ele*”. Cita ainda Palissy por este ver a concha como imagem de um longo destino, de uma permanência que a *casa* hipotética de cada um de nós também tem.

No decorrer da obra de Bachelard, as imagens de ninho e concha passam a contaminar-se mutuamente “*Essas conchas são ninhos de onde saem pássaros*”³⁷. No fundo, e no decorrer das ideias apresentadas para cada um dos temas, ambos simbolizam a segurança e o sentimento de controlo³⁸ sobre o espaço que nos rodeia, de que também a analogia do canto com a bolsa do canguru é exemplo. Com estes exemplos aproxima o leitor daquilo que é o significado do conceito de *habitar*, e este é apenas o meio de que se serve para o transmitir. Os espaços que ocupamos, em especial aqueles de que apenas nos servimos temporariamente, dificilmente são habitados, os sentimos nossos, nos apropriamos deles e nos responsabilizamos por eles.

³⁷ BACHELARD, Gaston (1957). *A Poética do Espaço*. S. Paulo: Martins Fontes, 2003. P. 130

³⁸ Julianne Hanson e Bill Hillier referem que cada edifício ou sua unidade “...identifica pelo menos um *habitante*, no sentido de uma pessoa com especial acesso a, e controlo sobre, a categoria de espaço criada pela fronteira [dessa unidade].” In HANSON, Julianne, HILLIER, Bill (1984). *The Social Logic of Space*, 4ª. Cambridge, Cambridge University Press, 1997.

Se nas *conchas* e *ninhos* estamos a falar de modos de habitar estanques e claramente definidos, no tema que se segue, os *cantos*, Bachelard coloca-se perante sentimentos de *intimidade* que sentidos ou apenas imaginados, ocorrem em espaços menos definidos e caracterizados, mas que para ele têm uma raiz mais humana, “Todo canto de uma casa, todo o ângulo de um quarto, todo o espaço reduzido onde gostamos de encolher-nos, de recolhermo-nos em nós mesmos, é, para a imaginação, uma solidão, ou seja, o gérmen de um quarto, o gérmen de uma casa.”³⁹ Este retraimento físico em nós mesmos já traz uma marca de negativismo, pois o canto “vivido” rejeita a vida, restringe a vida, oculta a vida, o que não deve anular a necessidade e importância da sua análise, antes pelo contrário.

A necessidade de solidão manifesta-se em nós, mas apenas é proveitosa quando o espaço nos abre a possibilidade a, ao invés de nos impor esse *isolamento*. Noel Arnaud escreve “sou o espaço onde estou⁴⁰” e este facto aproxima o leitor da importância da sua análise. Este autor refere os grandes sonhadores de cantos, de ângulos, de buracos, para os quais nada é vazio, na dialéctica do cheio e do vazio. Este canto é local para onde nos afastamos, para onde nos retiramos do mundo, onde nos abrigamos, mas também através do qual podemos olhar à nossa volta, observar, e nessa solidão analisar, compreender, e rever tudo o que se passa. É aí que o sonhador conhece o repouso intermediário entre o ser e o não-ser.

2.5 Edward T. Hall

A investigação levada a cabo por Edward T. Hall e que levaram à produção de obras como “A Dimensão Oculta”, abordam questões bastante pertinentes no contexto desta dissertação.

Hall apresenta uma série de conceitos relativos à ocupação dos espaços e à forma como nos relacionamos com estes, e entre nós. Classifica-as numa gradação desde as distâncias pública, social, pessoal, chegando à íntima. Para esta classificação baseia-se essencialmente em experiências com animais. Mas estas experiências procuram por outro lado perceber os mecanismos de defesa que utilizamos para garantir estas distâncias.

³⁹ *Ibidem*; P. 145

⁴⁰ BACHELARD, Gaston (1957). *A Poética do Espaço*. S. Paulo: Martins Fontes, 2003 P. 131

Os humanos possuem uma série de sensores que lhe permitem analisar o ambiente em que se inserem, e consoante a forma como nos referenciamos, podemos estar a falar de espaços térmicos, visuais, tácteis e auditivos.

O espaço íntimo como o define o autor, é aquele a que deixamos que apenas as pessoas que nos são afectivamente mais próximas cheguem. Este é um espaço que transportamos connosco e que varia de situação para situação, de ambiente para ambiente, e que no fundo guarda o que nos é mais essencial. Um *espaço próprio* como que materializa esse espaço íntimo.

Partindo destes conceitos o autor faz referência às diferenças entre culturas tipificadas, como a árabe, a japonesa, a americana, a alemã e a inglesa. Embora o estudo tenha sido realizado nos anos 60 do século XX, é necessário referir que esta análise foca-se numa visão americana estereotipada da situação. Contudo, as questões que diferenciam as culturas e a forma como estas se apropriam dos espaços e as distâncias de que necessitam são tão diversas que foram nesta dissertação consideradas.

A comunicação é outro dos factores considerados por Hall, em especial pela continuidade face a estudos anteriores, como os de Franz Boas, relacionando-a com a cultura. Parte de análises simples como a de referenciar cada léxico à cultura e línguas de origem e analisá-lo, muitas vezes em referência a outras. Desta forma releva o significado original do termo e demonstra a relação entre ambos.

2.6 Outros Autores

No que diz respeito à questão do espaço mínimo e à forma como este se pode organizar refiram-se os trabalhos de Alexander Klein⁴¹ acerca da habitação mínima, com especial enfoque na Alemanha da primeira metade do século XX, mas que demonstram grande parte das preocupações, problemas levantados, e formas de resolução dos mesmos, considerados essencialmente na tomada de decisões ao longo do projecto. Mariana Nascimento⁴² retoma a questão do “mínimo” como espaço para habitar e debruça-se sobre um caso lisboeta, na Madragoa, onde apresenta uma reflexão sobre estes limites próximos numa habitação que respondam a todas as necessidades.

⁴¹ KLEIN, Alexander (1980). *Vivienda Mínima: 1906-1957*. Arquitectura/Prespectivas. Gustavo Gili, 1980.

⁴² NASCIMENTO, Mariana Correia Neves Crawford (2009). *O “mínimo” como espaço para habitar: caso de estudo: o Edifício da Madragoa*. Lisboa: Instituto Superior Técnico, 2009. Dissertação para obtenção do grau de Mestre de Arquitectura.

Na obra *The Interior Dimension*⁴³ de Joy Monice Malnar e Frank Vodvark, a questão colocada não se prende apenas com o espaço interior, mas com a interioridade humana e com a sua articulação com a realidade. A obra define quatro tipos de factores a considerar que se apresentam aqui como uma alternativa às abordagens anteriormente apresentadas: factores físicos, factores sociais, factores psicológicos e factores culturais. No primeiro grupo, alerta-se para a importância da noção de espaço transmitida, não apenas pelas dimensões do espaço e das relações entre as partes mas também pelas funções que neles ocorrem, pelos equipamentos que disponibilizamos e por todos os estímulos que o espaço criado nos pode enviar.

No segundo grupo, os factores sociais são antes de mais considerados alguns factores que influenciam o modo de habitar na habitação e da forma como os habitantes se comportam consoante a organização da mesma. Aborda a questão das lavandarias, cozinhas ou outros serviços comuns, quer para um edifício habitacional, quer para o bairro, e de como esses factores podem compensar as pequenas unidades isoladas como habitações individuais, quartos em residências de estudantes ou outros. Estas estratégias pretendem, ao contrário de outros exemplos já referidos onde o objectivo era conseguir um refúgio face ao mundo envolvente, compensar o excessivo *isolamento* dos indivíduos. “*Condeno o excessivo isolamento alienado de muitas pessoas.*”⁴⁴. Para além disso considera que, essencialmente as casas isoladas podem criar uma injustiça social referenciável, que deve ser evitada. Neste caso o recolhimento não é permitido, mas deve antes ser compensado⁴⁵.

Em termos psicológicos, a questão centra-se essencialmente nos aspectos que influenciam a aceitação e sentido de que o espaço é pertença do seu ocupante. Para este factor contribuem desde as questões mais sensíveis como a presença de materiais que agradem ao utilizador, ou que no limite ele tenha tido a possibilidade de escolher, a possibilidade de poder ouvir música com a qual se identifica, e que podem servir de sinal para outros perceberem que estão a chegar à esfera privada do espaço do outro até questões comportamentais, como os lugares preferencialmente escolhidos quando

⁴³ MALNAR, Joy et al.(1992). *The Interior Dimension: A theoretical approach to enclosed space*. New York, Van Nostrand Reinhold, 1992

⁴⁴ Tradução livre. “He condemns the excessive isolation alienated by many people”. MALNAR, Joy et al.(1992). *The Interior Dimension: A theoretical approach to enclosed space*. New York, Van Nostrand Reinhold, 1992; P. 218

⁴⁵ No caso em estudo, deve pois considerar-se a necessidade de, ao criar pequenas unidades, compensá-las com espaço de desafogo, para onde os seus ocupantes possam sair, encontrar-se, reunir-se. Na obra em causa a questão centra-se essencialmente na problemática da habitação individual americana extensiva em grandes territórios.

entramos num café ou num restaurante. Cita a abordagem de Edward Hall em *A Dimensão Oculta* (1966)⁴⁶ e a forma como organiza e define as apropriações do espaço pelos utilizadores nas três categorias definidas por este autor: as características fixas, as semi-fixas e as informais. Se a primeira delas define o edifício pelas suas características físicas, estanques e não mutáveis que condicionam as apropriações dos seus ocupantes, a segunda diz respeito aos aspectos mutáveis do espaço, como o mobiliário, e a terceira aos aspectos comportamentais variáveis (com a cultura, a religião, os factores afectivos, etc.) e que mais dificilmente são incorporados no projecto, sendo que os seus ocupantes podem variar.

Culturalmente, em *The Interior Dimension*⁴⁷, incluem-se rituais, símbolos, sinais, códigos ou hábitos comportamentais que distinguem indivíduos e a forma como estes se relacionam. No relatório aqui apresentado esta questão possui uma especial pertinência uma vez que estamos a considerar espaços hipotéticos para serem apropriados temporariamente por habitantes desconhecidos, com necessidades e condicionantes com que temos que lidar. Considera-se por isso de especial pertinência as preocupações com a manutenção de um espaço pouco condicionado e facilmente apropriável.

A perspectiva de Piera Scuri, apresentada essencialmente na sua obra *Design of enclosed Spaces*⁴⁸, alerta para uma série de factores fulcrais para a concepção dos espaços em especial dos espaços interiores, pois considera que o trabalho de um arquitecto deve maximizar as potencialidades do material e este deve apoiar-se no material ao invés de apenas o utilizar. O uso de materiais de pequena escala, próximos da escala da mão do utilizador e que possam ser facilmente substituídos, alterados e manipulados, aproxima o utilizador na relação com o edifício.

A sua chamada de atenção para a pequena escala, não se prende apenas com os materiais mas também com todos os equipamentos, os envidraçados, a iluminação pontual ao invés das grandes calhas de luz, entre outros aspectos que aproximem o utilizador da apropriação e consequente manutenção do “seu” espaço. O detalhe, a forma como se aproxima a posição dos objectos e o modo como nos aproximamos e os utilizamos são

⁴⁶ HALL, Edward (1966). *A Dimensão Oculta*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1986. 230pp.

⁴⁷ MALNAR, Joy et al.(1992). *The Interior Dimension: A theoretical approach to enclosed space*. New York, Van Nostrand Reinhold, 1992

⁴⁸ SCURI, Piera (1995). *Design of Enclosed Spaces*. New York: Chapman & Hall, 1995.

factores determinantes para a autora⁴⁹. Afinal, tal como Mies afirmava “Deus está nos Detalhes”⁵⁰.

Marion Segaud⁵¹ defende a necessidade da janela e da sua importância na mediação com a esfera pública, exterior, a partir da qual olhamos o mundo de um lugar seguro, protegido, nosso. Se Bachelard fala do Ninho ou concha, Segaud apoia-se na casa e nas suas potencialidades quando possui uma janela.

Yi-Fu Tuan, na obra *Space and Place*⁵² debruça-se sobre a questão do tempo e da *intimidade*, na relação que se estabelece essencialmente com a noção de espaço, na percepção que se faz do mesmo e na apropriação que dele fazemos. A noção de *intimidade* face a uma envolvente pública ou semi-pública têm para este autor especial importância. “Espaços íntimos são espaços para a nutrição, para onde sabemos que nos podemos recolher quando estamos doentes, ou apenas precisamos de alguma espécie de apoio”⁵³.

Esta *intimidade* vai muito para além do espaço, mas está directamente condicionado por factores psicológicos, sociais, antropológicos e essencialmente emocionais. Como no caso do programa apresentado a Le Corbusier para o Convento de La Tourette⁵⁴, o que lhe é pedido são espaços de *silêncio* para o Homem, não apenas para rezar, estudar, mas também para trabalhar, viver, aprender, disfrutar. A relação com a paisagem do projecto desenvolvido, embora diferente de La Tourette Le Corbusier essencialmente natural, tem um papel absolutamente fulcral. Ainda que se afastem, a atenção ao controlo e apropriação dos espaços são factores que os aproximam como programas arquitectónicos.

⁴⁹ O factor sensorial, a maneira como se deve colocar os materiais, as texturas, a repercussão do som, os cheiros, a reflexão da luz, e os modos como estas sensações chegam ao utilizador podem permitir criar variações incríveis na maneira como este lida com o “seu” espaço. A ornamentação, sem que atinja o excesso pode servir para esta aproximação. A questão simbólica representa outra questão de referir, quer ela esteja já presente no espaço projectado, quer se deixe espaço para que o seu utilizador o incuta.

⁵⁰ Mies van der Rohe - Speaking about restraint in design, the New York Herald Tribune, 28 Jun 1959.

⁵¹ SEGAUD, Marion (2007). *Anthropologie de l'espace – habiter, fonder, distribuer, transformer*. Collection Armand Colin; 10ª Edição; Paris, 2007.

⁵² YI-FU TUAN (1977). *Space and Place – The Prespective of experience*; Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997

⁵³ *Ibidem*

⁵⁴ BOESIGER, Willy (1992). *Le Corbusier; oeuvre complete*. ed. Les Éditions d'Architecture; 1995.

3. O isolamento como necessidade humana

O presente capítulo debruça-se sobre os conceitos intrínsecos aos *espaços próprios*, distinguindo-os entre si. Para isso recorre-se aos trabalhos de vários autores, conjugando-os para conformarem as definições desejadas.

3.1 Retiro

“Existe algo em nós que comunica mediatamente connosco. Compreensão imediata, ligação emocional imediata, recusa imediata.”⁵⁵

O conceito de *retiro*, segundo a etimologia da palavra, remete para um “local solitário”, “sítio ermo” ou “remoto”. Por outro lado, e considerando o verbo retirar, encontramos significados como “pôr para fora”, “recolher”, “tirar para trás ou para si”. Estes são os significados que interessam analisar.

Tal como a frase de entrada desta dissertação de Hermann Hertzberger, citando *Lições de Arquitectura*, anuncia “todo o mundo precisa de alguma espécie de ninho onde pousar.” O Homem necessita de locais para onde se possa retirar, onde se possa recolher, se possa colocar fora da realidade que o condiciona, podendo aí retirar essa mesma realidade para si.

O *retiro*, embora surja até em termos de significado muito associado à religião, não necessita de o ser. Qualquer pessoa, e embora esta seja uma questão subjectiva variando com a personalidade de cada um, necessita de espaços de *retiro*, que podem ser desde um canto da *sala* onde se pode ler um livro, escrever, ou desenhar, até uma quinta no campo. Neste caso, não falamos apenas de *retiro* individual. A noção de *casa* de férias, de *casa* de campo, *casa* na localidade onde crescemos e onde já não moramos, remete para essa ideia de, em família, em pequenos grupos, com amigos, ou individualmente, alguém se isolar da vida activa e do meio em que normalmente vive.

Se quisermos referir a questão da religião, como exemplo, a ideia de *retiro* remete para uma busca de auto-conhecimento, embora conotada com um desenvolvimento religioso, que dependendo da religião, pode pender mais ou menos sobre o desenvolvimento pessoal. Contudo, o desenvolvimento na religião não deixa de ser um desenvolvimento pessoal, mesmo que seja feito através da oração ou da meditação

⁵⁵ ZUMTHOR, Peter(2006). *Atmosferas*. Barcelona; Gustavo Gili, 2006. P. 13

religiosa. Genericamente, *retiro*, no sentido de tirar-se da presença de, é de facto um retirar-se daquilo que nos parecem ser interferências na nossa vida quotidiana.

Bachelard, logo na entrada de *A poética do Espaço*⁵⁶, notifica acerca do tema da casa, o quanto esta representa, ou deve representar, uma *intimidade* que se possa conceber como o abrigo onde nos recolhemos e nos podemos reenquadrar na nossa vida. Contudo, e em especial se esta não permitir esse abrigo, ou até se nela não conseguirmos encontrar um espaço para cada um dos elementos do agregado, temos muitas vezes a necessidade latente de sair de casa, de ir para um local mais recatado.

O autor alerta para o facto de “não basta considerar a casa como “um objecto” sobre o qual podemos fazer reagir julgamentos e devaneios. Para um fenomenólogo, para um psicanalista e um psicólogo. (...) É preciso superar os problemas de descrição, para atingir as virtudes primárias, aquelas em que se revela uma adesão inerente, de certo modo, à função original do habitar.”⁵⁷ Este facto, não se restringe à casa, mas a qualquer espaço que habitemos. Se a casa não permitir esse *retiro*, torna-se latente no Homem a necessidade de recorrer a outras estruturas, de procurar espaços que o permitam.

George Perec na sua Obra *Species of spaces*⁵⁸ refere categorizações espaciais que nos notificam para questões já referidas. Repare-se em especial no conceito de “Space of a moment”⁵⁹ que utiliza no início da referida obra. Este conceito, para além de poder remeter para os locais dos acontecimentos mais especiais das nossas memórias (como o local onde conhecemos alguém especial, onde presenciamos alguma tragédia ou por onde passamos num momento mais marcante das nossas vidas), remete ainda para essa ideia de *retiro*, o espaço para um momento, para uma pausa, para nos abstrairmos, para parar. Tal como afirma a psicanalista Blenda Oliveira⁶⁰ acerca da importância da rotina, assumida pelo Homem, existe sempre a utopia da fuga ao que está organizado, a necessidade de se recolocar, de se afastar da realidade quotidiana.

3.2 Recolhimento

Retiro, implica necessariamente, como referido, um refúgio, para onde nos possamos afastar. Mas necessitamos de considerar outro conceito, o de recolher,

⁵⁶ BACHELARD, Gaston (1957). *A Poética do Espaço*. S. Paulo: Martins Fontes, 2003.

⁵⁷ *Ibidem*. P. 24

⁵⁸ PEREC, George (1974). *Species of spaces and other Pieces*. London, England: New York, N.Y., USA: Penguin Books, 1997.

⁵⁹ *Ibidem*. P. 4

⁶⁰ Blenda Oliveira no artigo “O papel da rotina na vida das crianças” comunicado pela Casa Movimento.

do latim *recolligere*, «juntar; reunir»⁶¹ e da derivação para recolhimento. Aqui, e em oposição ao conceito de *retiro*, não se pretende desenvolver a ideia de um espaço para onde nos podemos retirar mas antes para a capacidade e necessidade que o Homem tem de se recolocar na verdadeira acepção da palavra, de se repor face a, em presença de.

Em *L'amoureuse initiation*, o poeta Milozs escreve “Eu contemplava o jardim de maravilhas do espaço com o sentimento de olhar o mais profundo, o mais secreto de mim mesmo; e sorria, pois nunca me imaginara tão puro, tão grande, tão belo! Em meu coração irrompeu o canto de graça do universo. Todas essas constelações são tuas, estão em ti; não têm qualquer realidade fora do teu amor! Ah como o mundo parece terrível para quem não se conhece!”⁶². É este o ponto considerado por Bachelard que aqui se pretende dar ênfase, isto é, recolher-se pode nem sequer implicar deslocações, mas é da maior importância considerar o quão proveitosa pode ser essa capacidade/oportunidade.

Recolher-se implica de facto esse observar-se a si e ao mundo a partir de um ponto de vista exterior, e sob o ponto de vista da arquitectura, existem uma série de estruturas que devem potenciar que tal aconteça. O espaço e o tempo condicionam as nossas vidas de forma mútua e trabalhando com um deles estamos necessariamente a lidar com o outro, como analisa Yi-Fu-Tuan. Indubitavelmente, “a permanência é um elemento importante na ideia de lugar”⁶³, e só nessa permanência pode o habitante recolher-se.

Recolher-se permite, entre outras coisas que o indivíduo possa meditar e, como considera Bachelard “Nessa meditação não somos lançados no mundo, já que de certa forma abrimos o mundo numa superação do mundo visto tal como ele é, tal como ele era antes que sonhássemos”⁶⁴.

“Para o indivíduo, o ambiente privado representa o Universo” como refere Walter Benjamim⁶⁵. E é nesse ambiente que o recolhimento se torna possível. Individualmente, é necessário perceber quais as necessidades específicas dos ocupantes, bem como a maneira como estes se relacionam com o espaço, por forma a adequar os mesmos, respondendo a essa necessidade mais ou menos pronunciada de recolhimento. Hall aborda, em *A Linguagem Silenciosa*⁶⁶ e em *A Dimensão Oculta*⁶⁷ as questões culturais como

⁶¹ “Nome masculino, ato ou efeito de recolher ou recolher-se, apanha ou colheita, acção de retirar-se, lugar onde se recolhe alguém ou alguma coisa, depósito, (em religião) casa religiosa, vida retirada, meditação, reflexão, recato ou modéstia. De recolher+-i+-mento.” In *Grande Dicionário Língua Portuguesa*, Porto: Porto Editora, 2004.

⁶² BACHELARD, Gaston (1957). *A Poética do Espaço*. S. Paulo: Martins Fontes, 2003, P. 194

⁶³ YI-FU TUAN (1977). *Space and Place – The Perspective of experience*; Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997, P. 140

⁶⁴ BACHELARD, Gaston (1957). *A Poética do Espaço*. S. Paulo: Martins Fontes, 2003, P. 190

⁶⁵ BURGIN, Victor (1996). *In/Different Spaces: Place and Memory In Visual Culture*. Berkeley: University of California Press, 1996.

⁶⁶ HALL, Edward (1966). *A Linguagem Silenciosa*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1986.

⁶⁷ HALL, Edward (1966). *A Dimensão Oculta*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1986.

condicionantes do modo de nos relacionarmos com os espaços, e não deixa de considerar a multiplicidade de factores com os quais um espaço de recolhimento necessita de lidar. Para que haja recolhimento pode haver necessidade de espaços distintos bem separados ou apenas de elemento de protecção que não permita a vista directa de um lado para o outro, ou, pelo contrário não ser necessário nenhum deles. A cultura modela os hábitos e estes condicionam o nosso comportamento, e quando se menciona recolhimento refere-se a quando “estamos onde não estamos” como afirmava Pierre-Jean Jouve, e isso só é possível á luz dos nossos constrangimentos individuais.

3.3 Isolamento⁶⁸

Etimologicamente, *isolamento* remete para um afastamento, que pode ser físico, psicológico, ou ambos (repare-se nos sinónimos “pôr(-se) de parte” ou “separar-se de outro”⁶⁹). Na continuidade dos conceitos abordados, a questão do *isolamento* comporta alguma carga de negatividade que deve ser aqui evitada, em especial por estar associado ao conceito de solidão, mas que é aqui considerada como voluntária. Note-se que o termo quer apenas referir, o afastamento de que necessitamos e que faz parte, ou pelo menos deve fazer parte, da nossa rotina.

Para que haja *isolamento*, podemos necessitar de mais ou menos distância. Um óptimo exemplo da forma como as pessoas se comportam no mesmo espaço, das distâncias que as afastam e de como articulam vários tipos de distâncias, é a abordagem feita por Edward Hall em *Dimensão Oculta*⁷⁰ relativamente ao Zonamento Territorial⁷¹. Neste estudo, os filhos ingleses que, mesmo partilhando o mesmo quarto conseguem alcançar o *isolamento* necessário, em contraste com os americanos ou alemães, que necessitam de quartos individuais (sendo que no caso dos segundos as paredes ligeiras não são suficientes) para garantir esse *isolamento* que permite o desenvolvimento da sua personalidade.

No caso dos ingleses, veja-se o exemplo dos filhos que partilham o quarto: basta que um deles se cale e se sente na cama que os restantes perceberão que se quer isolar. De

⁶⁸ O *Isolamento* voluntário é aquele a que se refere nesta dissertação e esta é condição essencial para que as considerações enunciadas sejam coerentes. Não se incluem de forma alguma neste isolamento, os que advêm de questões de saúde, legais ou outras situações em que este seja imposto

⁶⁹ “Isolamento: Nome Feminino. Acto ou efeito de isolar, estado de pessoa ou coisa separada do que a rodeia; isolação, revestimento de algo com material que impede a passagem da corrente eléctrica, do som ou do calor. De *isolar*+mento.” In *Grande Dicionário Língua Portuguesa*, Porto: Porto Editora, 2004.

⁷⁰ HALL, Edward (1966). *A Dimensão Oculta*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1986.

⁷¹ Embora categorizando, de forma bastante clara e rígida, o que se justifica pela período em que foi elaborado o estudo em causa, isto é anos 60, característicos pela catalogação das matérias.

facto, como a origem da palavra já anuncia, o *isolamento* pode manifestar-se de várias formas. Para Hall, é a cultura que faz essas diferenças, factor que deve ser considerado na definição dos espaços, não esquecendo, contudo, todas as alterações que as culturas sofreram desde os estudos de Hall até à actualidade.

Pegemos no exemplo de George Sand e na sua analogia com o palácio e a choupana citado por Hall. A autora diz que “se pode classificar os homens segundo o seu anseio de viver numa choupana ou num palácio. Mas a questão é mais complexa: quem tem um palácio sonha com uma choupana, quem tem uma choupana sonha com um palácio. Ou melhor, cada um de nós tem as suas horas de choupana e as suas horas de palácio.”⁷² Isto prende-se com a noção de *isolamento*, do quanto tendemos a querer sair do contexto em que nos encontramos, em especial sozinhos, isolando-nos. Facilmente este ausentar-se permite a compreensão da nossa realidade individual face ao meio em que nos inserimos, e por isso um crescimento intelectual, social, familiar e relacional difícil de alcançar de outras formas.

Malnar e Vodvark⁷³ referem a interioridade humana como uma das suas maiores preocupações na articulação do homem com a realidade. Esta interioridade de que o homem necessita deve ser compensada e equiparada a locais de encontro, reunião, como já referido. Por outro lado, para estes autores, os factores psicológicos e essencialmente culturais devem ser incorporados no modo como nos apropriamos do espaço, e essa interioridade deve ser adequadamente procurada de modo a potenciar as capacidades do morador. Os rituais, os símbolos e os hábitos comportamentais devem ser incorporados na definição dos espaços de modo a que este corresponda directamente ao seu utilizador.

3.4 Intimidade

Alexander aborda a questão da *intimidade* sob o ponto de vista da adequação dos espaços, referindo exemplos de situações em que os diferentes graus de *intimidade* não estão garantidos. No tema *Grau de Intimidade*⁷⁴ a questão da homogeneidade dos espaços relativamente aos graus de *intimidade*, o autor considera isso como uma redução das possibilidades da criação de espaços. Para pessoas pobres, e mesmo construindo apenas

⁷² BACHELARD, Gaston (1957). *A Poética do Espaço*. S. Paulo: Martins Fontes, 2003, P. 76

⁷³ MALNAR, Joy et al.(1992). *The Interior Dimension: A theoretical approach to enclosed space*. New York, Van Nostrand Reinhold, 1992

⁷⁴ Tradução Livre. “Intimacy Gradient”. ALEXANDER, Christopher et al.(1977). *A pattern language: towns, buildings, construction*. New York: Oxford University Press, 1977. P.610.



Figura 4 – Zonas de Trabalho da Central Beheere, Projecto de Herman Hertzberger

barracas, a necessidade de diversos graus de *isolamento* nas divisões é muitas vezes considerada, mesmo que quanto a outras necessidades os espaços não consigam responder, como afirma Bachelard em *A Poética do Espaço*⁷⁵.

Para Alexander um espaço necessita apenas da privacidade necessária, e não mais do que isso. Consideremos um espaço comum, como por exemplo um átrio de um edifício, ele deve ser tão público e aberto quanto possível, desde que se garanta que quem a ele aceda se sinta acolhido. Uma *sala* de reuniões já necessita de um certo grau de *intimidade*, contudo isso nunca a deve privar de ter vistas, quer para outros espaços, quer para o exterior. Até um pequeno gabinete deve comportar vistas para outros espaços, nem que pontuais e controláveis, desde que isso não interfira com a *intimidade* individual (ver figura 4). Qualquer espaço deve poder, facilmente, alterar o nível de *intimidade*, e deve evitar ser completamente estanque quando é ocupado. Cada espaço tem necessidades específicas consoante a sua função, mas esta não deve impedir, mas antes fomentar as relações entre as pessoas⁷⁶.

O conceito de *Intimidade* prende-se com “o que se une estritamente”⁷⁷. Repare-se no quanto esta expressão representa uma explicação do conceito nas suas várias acepções: a *intimidade* entre pessoas (quanto maior a *intimidade* entre elas mais unidas se encontram); a *intimidade* entre espaços (que pelo contrário, quanto mais unidos, menos *intimidade* existe entre os mesmos) ou ainda a *intimidade* como uma característica do espaço, mais ou menos quantificável. Em termos arquitectónicos, o sinónimo, é na maior parte dos casos o contrário da designação “o que se une estritamente”, dado que como explicado, em termos genéricos, quando mais unidos os espaços, menor o grau de *intimidade* criado em cada um deles. Por outro lado é importante referir que por vezes pequenos espaços comportam menores graus de *intimidade*⁷⁸.

⁷⁵ BACHELARD, Gaston (1957). *A Poética do Espaço*. S. Paulo: Martins Fontes, 2003. P.146

⁷⁶ Considere-se aqui a excepção dos espaços prisionais ou hospitalares, onde é necessário, por motivos médicos ou de segurança, evitar o contacto entre pessoas.

⁷⁷ “Nome feminino. Qualidade de íntimo; familiaridade, relações íntimas, vida íntima, privacidade, interioridade, qualidade do que proporciona bem-estar e privacidade. De *íntimo*+*-i*+*-dade*”. In Grande Dicionário Língua Portuguesa, Porto: Porto Editora, 2004.

⁷⁸ Condicionantes várias permitem que esta abstracção conceptual não se verifique em alguns exemplos, dos quais se podem citar a Central Beheere de Herman Hertzberger, onde os espaços muito unidos permitem pequenos núcleos de trabalho, ou em oposição a Casa Farnsworth de Mies Van Der Rohe que embora de pequena escala não comporta grandes níveis de *intimidade*.

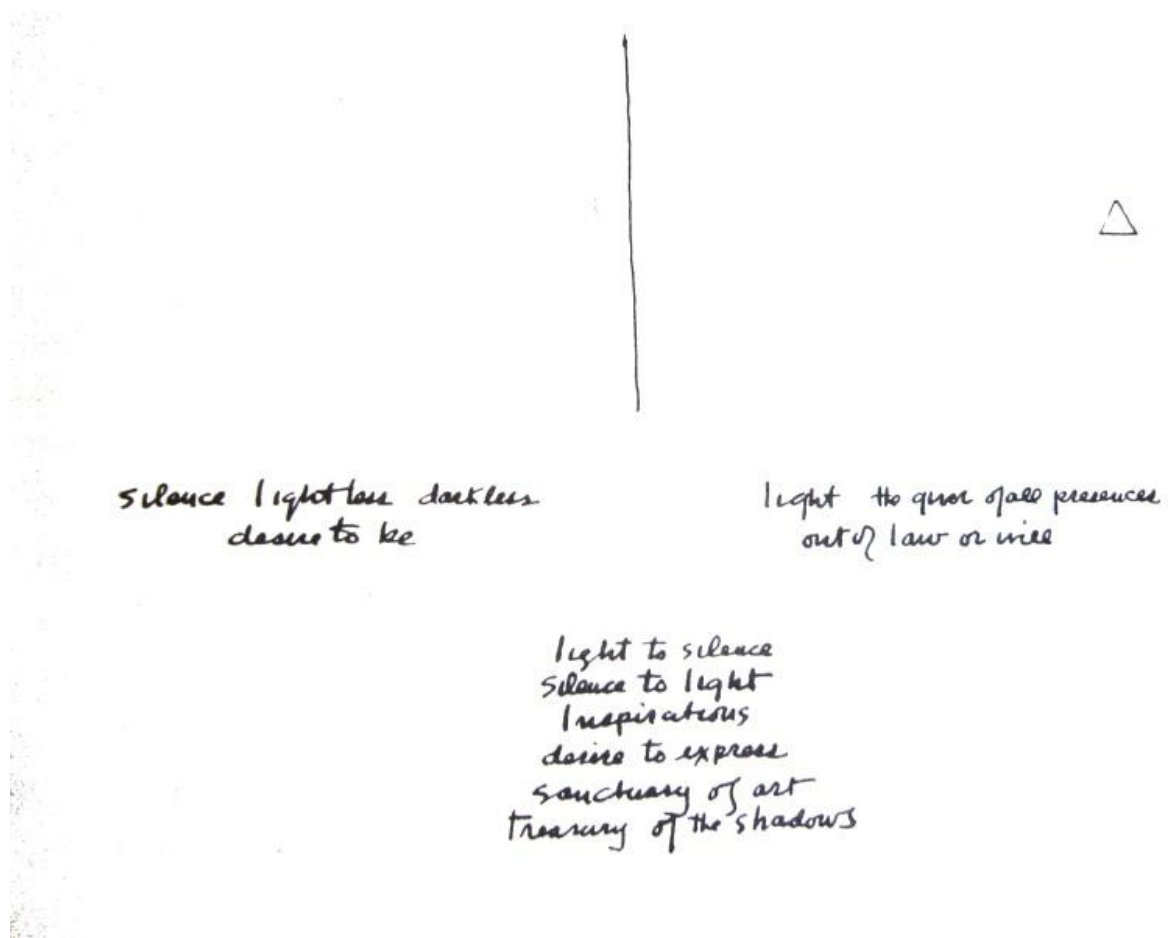


Figura 5 – “Light to Silence, Silence to Light”: Esquízo de Louis Kahn

Hertzberger demonstra a importância da *intimidade* e da maneira como esta é anunciada, através do trabalho dos *intervalos*⁷⁹ ou seja da definição clara da transição entre os espaços. Consideremos apenas alguns exemplos: a definição de um grande patamar de entrada num edifício como um espaço que pertence a este mas que o relaciona com a rua, a criação de um percurso estreito entre a zona de acesso e um gabinete, ou ainda a criação de uma zona obscurecida antes de uma *sala* amplamente iluminada.

3.5 Silêncio

A procura de um *espaço próprio*, não implica necessariamente *silêncio*, pode antes implicar um espaço onde podemos ouvir música com o volume muito alto, onde nos podemos expressar de forma livre sem que isso interfira com os outros de modo directo, mas que possa ter repercussões no modo como lidamos com eles. Contudo, e considerando a necessidade de podermos exercer controlo sobre esse espaço, a maior dificuldade será encontrar um espaço onde possamos ficar em *silêncio* mesmo que no exterior exista muito barulho (ver figura 5).

Para podermos controlar um espaço, necessitamos de retirar-lhe tudo o que possa ser interferência, incluindo o som. A ausência de som constitui uma enorme mais valia, isto é, dar importância aos mais simples ruídos e poder analisá-los. Assim como um espaço vazio permite que se possa analisar cada um dos objectos que nele se encontram, como as salas de exposições, que devem ser tão neutras quanto possível, *espaços próprios* devem ser espaços silenciosos, onde podemos nós controlar o som que nele queremos que exista.

Julles Vallés afirma em *L'enfant* “O espaço sempre me fez silencioso”⁸⁰. De facto o *silêncio*, como o significado da palavra na música, corresponde a uma pausa⁸¹, e o espaço que o permite, abre de facto uma pausa da rotina diária, seja ele qual for. De certa forma, e mesmo sendo possível estarmos num espaço nosso, que controlamos, e donde podemos observar o mundo, como nos indica Bachelard, só o sentiremos como nosso se, estando aí em segurança, pudermos fechar os olhos e projectarmo-nos sobre o mundo, tornando-o nosso.

⁷⁹ Entenda-se por intervalos, como os espaços que fazem a transição entre espaços contíguos, sejam eles ambos interiores, ambos exteriores, ou um interior e outro exterior. HERTZBERGER, Herman (1991). *Lições de Arquitectura*. São Paulo: 2006.

⁸⁰ BACHELARD, Gaston (1957). *A Poética do Espaço*. S. Paulo: Martins Fontes, 2003. P. 189

⁸¹ “Nome Masculino. Estado de pessoa que cessou ou se abstém de falar ou de produzir qualquer som, ausência de ruído, sossego, calma, descanso, sigilo, segredo, interrupção do discurso, omissão, interrupção de correspondência, (na Música) pausa ou sinal que indica pausa.” In Grande Dicionário Língua Portuguesa, Porto: Porto Editora, 2004.

Os *espaços próprios* devem, claro, ser silenciosos na sua essência, o que não quer dizer espaços herméticos, sem relação com a envolvente. Ter um espaço silencioso significa poder facilmente torná-lo silencioso, sem que isso exija grandes movimentações.

Como afirma Zumthor “Cada espaço funciona como um instrumento grande, coleciona, amplia e transmite sons.”⁸². Assim, o espaço que queremos para nos recolher não deve incorporar os sons que não desejamos, mas deve, por outro lado ter a capacidade de nos devolver todos os que mais queremos que ele guarde.

Kahn refere-se a Barragán e à sua casa “pelo predomínio de *silêncio* que a percorre toda”⁸³. Este *silêncio* não é ausência total de som, remete antes para a importância que o arquitecto dá aos sons mais essenciais, como o da água a correr. Noutra circunstância, numa conversa entre os dois acerca dos Laboratórios Salk e do espaço entre os edifícios no qual Kahn tinha projectado um jardim, Barragán afirma, remetendo para a noção de *silêncio* e contemplação “Eu não poria nem uma árvore, nem uma só erva neste projecto (...) Se fizeres antes uma praça, ganharás uma fachada de céu.”⁸⁴ Assim fez Kahn e criou um espaço de *silêncio*, onde tal como na casa de Barragán apenas se ouve água a correr, sob a vista do Pacífico. Kahn considera um projecto e todo o seu desenvolvimento como a criação⁸⁵ de uma composição musical, e tal como nesta, o *silêncio*, essa pausa na composição, é parte constituinte do todo.

Kahn refere o *silêncio* não como algo evidente, mas antes como uma percepção criada, como aquele *silêncio* que as Pirâmides do Egipto nos transmitem. Naquele Jardim, como nas pirâmides conformam-se os dois conceitos mais essenciais para o autor, ou seja o *silêncio* e a luz. Para ele, estes dois conjugados proporcionam a criação do espírito, cuja constatação é essencial para a arquitectura ter presença⁸⁶.

⁸² ZUMTHOR, Peter(2006). Atmosferas. Barcelona; Gustavo Gili, 2006. P. 29

⁸³ Tradução livre. “A ese sentido del silencio que predomina en toda su casa” In LATOUR, Alessandra (1991). *Louis I. Kahn – escritos, conferencias y entrevistas*. Biblioteca de Arquitectura: El Croquis Editorial, Madrid, 2003. P. 241

⁸⁴ Tradução Livre. Yo no pondría ni un solo árbol, ni una brizna de hierba, en este espacio (...) Si hacen de esto una plana, ganarán una fachada: una fachada al cielo” *Ibidem*, P. 243

⁸⁵ Afirma peremptoriamente que desconhece qualquer diferença entre elas. *Ibidem*, P. 243

⁸⁶ Ver prólogo. *Ibidem*, P. 260

4 Tipos de Espaços Próprios

Considerando todos os conceitos abordados anteriormente, apresentam-se de seguida vários tipos de *espaços próprios*, definindo características comuns e especificidades de cada um.

4.1 A Casa

Para uma compreensão mais clara dos sentimentos de *intimidade*, recolhimento e *isolamento*, a *casa*, no sentido mais amplo do termo, e tudo o que ela conjuga servem como ponto de partida. Apreendendo-a como objecto simples ou como uma complexidade de factores em interacção, a *casa* representa sempre uma essência íntima que resulta da conjugação de todas as *casas* onde já nos abrigamos, com que sonhamos, e que as nossas memórias guardam.

A *casa*, representa em si, comporta, aquele espaço que nos pertence, que controlamos, onde nos abrigamos, ao qual recolhemos, onde moramos, para onde a família se retira, onde a *intimidade* nos é potenciada e onde procuramos que haja o *silêncio* adequado. É nela que guardamos os nossos bens mais preciosos, as nossas memórias, e mesmo que mudando de *casa*, pelo menos a noção de um espaço sob o qual podemos agir, e que deve ser o reflexo daquilo que somos, já garante à *casa* a sua importância. No fundo a *casa* é o primeiro espaço de nós próprios, ou pelo menos o primeiro espaço criado pelo Homem que tendemos a reconhecer como tal. É a ela que recolhemos em primeira instância para garantir alguma *intimidade*.

Bachelard, aborda-a em dois âmbitos: um primeiro em que deambula sobre o seu sentido como cabana, e um segundo em que a relaciona com o mundo, respectivamente “A *casa*. Do Porão ao Sótão. O sentido da cabana.” e “*Casa e Universo*”⁸⁷. “Porque a *casa* é o nosso canto no mundo”⁸⁸. Ela é o espaço a que nos reportamos, independentemente de materiais, sistemas construtivos, cores, texturas, e do valor a ela associado. E sempre que isso não acontece à partida, quando nos mudamos para essa, a tal *casa*, à medida que a vamos ocupando, vamos apropriando dela e modificando-a, acomodando-a às nossas necessidades. A *casa* é como que uma concha que nos protege. Mesmo as *casas* que, de alguma forma, possuíam características de insegurança ou outras que não nos agradam

⁸⁷ BACHELARD, Gaston (1957). *A Poética do Espaço*. S. Paulo: Martins Fontes, 2003. PP. 23 e 55

⁸⁸ *Ibidem*, P. 24

especialmente não devem ser apagadas, pois fazem parte das nossas memórias e preservam parte do nosso crescimento.

Louis Khan afirma “eu não conheço melhor serviço que um arquitecto possa prestar, como profissional, do que o de compreender que todo o edifício deve servir à instituição do Homem, quer seja ela a instituição do estado, quer a da casa, ou a da aprendizagem da saúde ou do lazer.”⁸⁹. Cabe ao arquitecto projectar a *casa*, capacitando-a para receber o Homem, abrigá-lo, e dessa forma, potenciar que este termine o trabalho que o arquitecto iniciou. Projectar uma *casa* é pois criar *retiro*, dar *silêncio*, criar condições para nos recolhermos e até isolarmos.

Repare-se no conto *O Cativo*⁹⁰ de José Luís Borges acerca do rapaz que não se lembra dos pais de que se havia afastado demasiado cedo e que apenas reconhece quando regressa à *casa* onde viveu. É graças à *casa* que guardamos a maior parte das nossas lembranças e, segundo Bachelard, quanto mais complexa, com sótão, cave, *recantos* e corredores possuir a *casa*, mais refúgios têm as nossas lembranças. “A eles regressamos durante toda a vida, em nossos devaneios.”⁹¹.

Mas a *casa*, o nosso canto no mundo, tem uma outra componente a considerar: ela permite criar uma oposição face à envolvente. Baudelaire afirma, “o sonhador pede anualmente ao céu tanta neve, granizo e geada quanto seja possível. É preciso que haja um inverno canadense, um inverno russo. Seu ninho será mais quente, mais doce, mais amado...” e completa “atrás das cortinas escuras, parece que a neve é mais branca. Tudo se activa quando se acumulam as contradições”⁹². De facto, este exemplo reporta bem o que Henri Bosco sintetiza afirmando “Quando o Abrigo é seguro, a tempestade é boa”⁹³.

Hertzberger aborda outra questão que importa aqui referir. A *casa* é muito mais que uma habitação e a expressão “sentir-se em *casa*” ultrapassa o limite das quatro paredes remetendo, inequivocamente, para uma sensação de pertença. Sentir-se em *casa* é estabelecer com o espaço, o local, a edificação uma relação bidireccional que nos faz passar de usuários a moradores.

⁸⁹ KAHN, Louis (1998). *Conversations with Students*. Texas: Rice University: 2002 in contra-capla

⁹⁰ BORGES, Jorge Luis (1989). *Obras completas Volume II*. Barcelona, Espanha, Editora Globo, 2000

⁹¹ BACHELARD, Gaston (1957). *A Poética do Espaço*. S. Paulo: Martins Fontes, 2003. P. 28. Para Bachelard, a *casa* ou o *quarto* são diagramas da psicologia que guiam os escritores e os poetas e que portanto podem ser “lidos”, facto fulcral que desenvolve quando analisa descrições de escritores acerca de *casas* ou *quartos*.

⁹² *Ibidem*, P. 29

⁹³ *Ibidem*, P. 29

A casa, como espaço identitário face a um indivíduo ou a um grupo, está adequada aos “seus” moradores, bem como às suas características pessoais, sociais, relacionais, culturais, religiosas. Ela é para si, de si. Tal como, ao analisarmos o mundo o estamos a ver pelos nossos olhos, ao o fazermos a partir da nossa casa, estamos condicionados por ela. E se a casa é modelada pelos seus habitantes, também ela, à medida que vai fazendo parte da construção da memória de quem a habita, passa a conformar o modo como o mundo, que não o nosso canto, é percebido. Como refere Alexander “As pessoas não podem estar genuinamente confortáveis e saudáveis numa casa que não é delas”⁹⁴, e não apenas no sentido legal.

Victor Hugo refere-se a Quasimodo, a propósito do tema do espaço e da inter-relação deste com os seus habitantes, e ao facto de a catedral de Notre-Dame ter sido para ele sucessivamente “o ovo, o ninho, a casa, a pátria, o universo”⁹⁵. Afirma até que esta foi como que a carapaça que o protegeu, e que por isso como que ganhou a sua forma. Deste modo, e através destas imagens aproxima-nos da ideia de inter-relação dinâmica entre espaço e homem. No fundo é isso que procuramos que a casa seja para nós, uma concha que como a do caracol, tem a nossa forma, e nos recebe adequadamente.

A casa não é mais que um espaço para si próprio, participante no modo como nos comportamos. Não é senão, como afirma Hertzberger “Um ‘ninho seguro’ – um espaço conhecido à nossa volta, onde sabemos que as nossas coisas estão seguras e onde nos podemos concentrar sem sermos perturbados pelos outros – é algo de que cada indivíduo precisa tanto quanto o grupo. Sem isso não pode haver colaboração com os outros. Se você não tem um lugar que possa chamar seu, você não sabe onde está”⁹⁶. É este o espaço para si próprio definido por Christopher Alexander, que a casa configura.

De um modo consideravelmente diferente, e tendo em conta questões mais pragmáticas como a função, Galfetti e os projectos que apresenta de casas abrigo ou refúgios, comportam claramente a noção do espaço onde procuramos *isolamento*. Esta parece ser a resposta a uma habitação convencional que nem sempre responde às necessidades do utilizador, pois “Uma série de factores alheios à própria arquitectura, como a localização, a vizinhança, as facilidades de pagamento e outros, podem ser determinantes

⁹⁴ Tradução Livre. “People cannot be genuinely comfortable and healthy in a house which is not theirs”. ALEXANDER, Christopher et al.(1977). *A pattern language: towns, buildings, construction*. New York: Oxford University Press, 1977. P. 393

⁹⁵ HUGO, Victor, *Notre-Dame de Paris*, livro IV, P. 3

⁹⁶ HERTZBERGER, Herman (1991). *Lições de Arquitectura*. São Paulo: 2006. P. 28

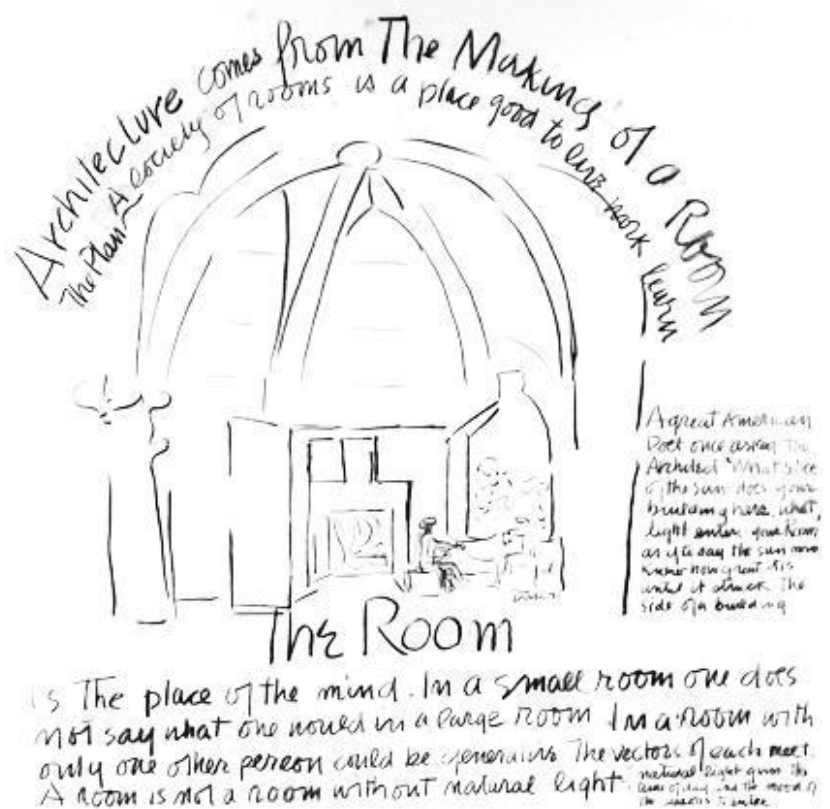


Figura 6 – Making of a Room, esboço de Louis Kahn

na escolha de uma habitação. Assim sendo, a riqueza espacial da própria habitação fica em segundo plano.”

Yi-Fu-Tuan explora a questão das experiências íntimas do espaço e do modo como ocasiões íntimas condicionam a nossa percepção do espaço. A habitação é, na sua essência, o espaço para a maior *intimidade*, com *alcovas*, *recantos*, *armários*, sendo que dentro desse sistema existem diversos níveis, que diferenciam os espaços e a forma como nos apropriamos dos mesmos. São essas experiências que, mesmo de modo inconsciente, nos moldam a personalidade e consequentemente os comportamentos.

4.2 A Sala⁹⁷

Se *casa* deve caracterizar-se de acordo com a personalidade de quem a habita e a *sala* é, a unidade constitutiva da mesma, logo esta deve igualmente responder à personalidade de quem nela habita, mas noutra escala, respondendo a outras necessidades.

Consideremos o conceito inglês utilizado para título da tese *Room*. Em inglês este termo pode referir-se a uma *sala* (*living room*), a um quarto (*bedroom*), ou então apenas a uma divisão, a um espaço delimitado. Aliás, o significado da expressão “*To make a room*” significa “fazer espaço”. Mas a *sala* representa muito mais do que o significado do termo.

A *sala*, como espaço específico, caracteriza-se também pelos seus utilizadores, para além da personalidade própria que possui. A capacidade de se conformar cada espaço depende de como este é utilizado e da capacidade que o utilizador tem de interferir nele. Se se tratar de um espaço para uma pessoa, ou com uma função única, este é adaptado por essa pessoa para responder às suas necessidades. Por outro lado, se se tratar de um espaço partilhado, este passa a ter que responder às necessidades de todos (embora seja possível criar zonas distintas dentro do mesmo contexto, e existir alguma polivalência, em geral não é fácil adequar a todas as necessidades dos vários habitantes).

Para Kahn a *sala* é o princípio da arquitectura (ver figura 6), a unidade básica, que se conjuga formando habitações, ruas. Para ele a *sala* é a base para a construção dos territórios (em sentido antropológico), e dessa forma, o conjunto das *salas* de cada um

⁹⁷ Neste tema não se pretende desenvolver a ideia de sala de estar, ou qualquer outra, mas antes no sentido do equivalente em inglês “room”, como divisão, que pode comportar uma ou outra função.

formam as *salas* comuns, isto é o espaço colectivo. A abordagem do autor passa pelas principais características do espaço, destacando a Luz e a caracterização que o morador faça do espaço. Se o primeiro é da maior importância, o segundo é aquele que se tem reforçado mais nesta dissertação, em especial com a preocupação de o morador sentir o espaço como seu. Khan considera que as *salas*, devem sugerir o seu uso, factor que se torna mais pertinente em *salas* de uso muito específico. As *celas* de conventos, por exemplo, recebem facilmente gabinetes, *salas* de trabalho ou outras funções, sem que isso implique alterações na definição do espaço.

Hertzberger aborda a questão do zonamento territorial, no sentido de se saber quem tem responsabilidade sobre determinado espaço. Este facto trata claramente a questão da diferença entre o espaço público, sobre o qual ninguém se sente directamente responsável, e o espaço privado. Num edifício de usos partilhados, responsabilizo-me pela “minha” *sala*, mas não o faço pelos espaços comuns sem que os outros se responsabilizem igualmente. Uma das grandes preocupações do autor é o envolvimento dos utilizadores nos seus espaços e dessa forma, a sua participação na estrutura comunitária.

A *sala* como divisão, mais do que a *casa*, e numa escala mais próxima da da *alcova* ou do *recanto*, tem a escala de proximidade individual mais adequada, tende a potenciar e a comportar as distâncias pessoais e até íntimas⁹⁸, aproximando-nos das nossas necessidades individuais, para além de nos capacitar para a relação com o outro. A nossa *sala* é o nosso ninho, ou melhor, a nossa concha⁹⁹, feita à nossa medida, e completamente adaptada às nossas necessidades.

Alexander designa um dos capítulos da sua obra *A Pattern Language* por *Things from your life*¹⁰⁰. A questão central aí colocada é a da necessidade que todos possuímos de nos rodear das coisas que instintivamente queremos ter à nossa volta.¹⁰¹ O importante para Alexander é que as pessoas não se distraiam e sejam levadas a habitar espaços que respondam às tendências da moda desse período, mas, ao invés disso, esse espaço possua apenas os objectos que vêm directamente da vida dessas pessoas, como por

⁹⁸ Considere-se as definições de Hall para as noções de distância pública e de eu íntimo, isto são, aquilo que não nos incomoda mostrar aos outros, e o que jamais mostraríamos, presentes na obra HALL, Edward (1966). *A Dimensão Oculta*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1986.

⁹⁹ BACHELARD, Gaston (1957). *A Poética do Espaço*. S. Paulo: Martins Fontes, 2003.

¹⁰⁰ ALEXANDER, Christopher et al.(1977). *A pattern language: towns, buildings, construction*. New York: Oxford University Press, 1977, P. 1164

¹⁰¹ Para este autor o desenvolvimento da decoração e do Design de Interiores veio em certa medida distrair as pessoas face ao essencial. O autor ironiza afirmando que os designers tentam condicionar as pessoas dizendo-lhes que elas não fazem parte daquilo que se designa por 'Bom Design'.

exemplo fotografias de família, lembranças de viagens, livros que leram, discos que ouvem, entre outros.

A *Sala*, a nossa divisão, corresponde-nos, e pode ser o nosso quarto. Vejamos agora um exemplo: facilmente identificamos um quarto de uma criança, normalmente por estar coberto de brinquedos. O que seria se a criança passasse a ocupar o quarto dos pais, e vice-versa? Com certeza, jamais sentiria aquele quarto como seu, mas gradualmente arrastaria para lá todos os seus brinquedos, os seus livros, os jogos que usaria. Mesmo assim, a escala da cama, as cores com certeza não o fariam sentir como seu. De certa forma quando as crianças têm uma *casa* em miniatura, no jardim ou numa qualquer divisão da *casa*, ou até uma *casa* na árvore, esta corresponde-lhes, na escala adequada, à *sala* para os adultos. Esta responde às dimensões da criança a vários níveis, pois a porta tem apenas mas alguns centímetros que ela, é-lhe possível abrir e fechar a janela facilmente, saltando pode conseguir tocar no tecto, tudo operações que no seu quarto à escala do adulto não é possível. Para além de tudo isto, será provavelmente o único espaço onde ninguém quererá ocupá-lo, e por isso a criança tem total poder de decisão para criar um espaço à sua medida.

A “*nossa sala*” é o nosso referencial e, à partida, a *casa* corresponde ao conjugar dos vários espaços, bem como à maneira como estes se conjugam, resultando das várias *salas* de cada um, e dos espaços comuns cujo consentimento levou à definição. Dessa forma, a *casa* media a relação do nosso espaço com o exterior, delimita a nossa fachada pública. Ela é a primeira noção de proximidade, antes da *nossa sala*, do nosso *espaço próprio*. A *sala* é, por excelência, o espaço para o *isolamento*.



Figura 7 – Cella do Mosteiro de Santa Maria de la Tourette, projecto de Le Corbusier

4.3 A Cella

A *cela* é por definição a câmara individual, ou o aposento como remete o termo latino em que tem origem *cella*¹⁰².

Associada, essencialmente, a três tipos de edifícios, conventuais, hospitalares e prisionais, a *cela*, onde se constitui como unidade constitutiva básica. Trata-se do espaço individual (ou partilhado) destinada à habitação do doente, do recluso ou do monástico. Entre os três casos, existe uma diferença que interessa considerar, isto é, a motivação que coloca a pessoa a viver numa *cela*. Se no caso dos conventos, é voluntária a decisão da pessoa se colocar nessa circunstância, no caso dos hospitais ou prisões trata-se de uma necessidade ou de uma imposição legal. Embora possa parecer uma diferença a menosprezar, este factor determina completamente a forma como os habitantes destes espaços se relacionam com os mesmos. A mesma *cela* pode constituir para uns o limite possível no mundo, e para outros a forma de protecção, *retiro*, face ao mesmo.

Em termos de uso é esta a definição, mas procura-se aqui uma abordagem mais abstracta. A *cela* é, desde logo, a unidade, uma parte de um conjunto, que quando repetida e devidamente articulada, estrutura um sistema mais complexo do que a unidade *per se* ou do que a soma das unidades. Nesta organização, a *cela* permite uma vida contemplativa, a introspecção, o essencial *retiro*, a vida interior, pessoal, que é compensada na articulação das partes com o todo. Esta *cela* não é necessariamente a *cela* hospital, conventual ou prisional, mas um *espaço próprio* (ver figura 7).

Se se analisar os casos de conventos que foram transformados em hospitais (como o caso do convento de Santo António dos Capuchos, local de intervenção do trabalho prático associado a esta dissertação), escolas, ou espaços culturais, percebemos que uma organização constituída por *celas*, no sentido mais amplo do termo, pode facilmente ser convertido numa outra organização que necessite de pequenas unidades que se articulam num todo através de um claustro, galerias ou corredores¹⁰³. A *cela* não é mais que essa *sala* própria a que recolhemos. Ela não é mais que o garante de uma vida individual na sua essência, e mais do que a *sala*, esta tende a ser exclusivamente individual, pois permite a

¹⁰² “Nome feminino. Aposento de religioso, no convento, quarto individual nas penitenciárias, cubículo, câmara, alvéolo do favo. Do Latim *cella*-, cela, pequeno aposento”. In Grande Dicionário Língua Portuguesa, Porto: Porto Editora, 2004.

¹⁰³ Considerem-se os casos da actual Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa e Governo civil de Lisboa que ocupam o antigo Convento de São Francisco, os actuais hospitais da Colina de Santana em Lisboa, designadamente o de Santo António dos Capuchos, já referido, que ocupam antigos conventos como o convento das Clarissas de Santa Marta, o Convento de Santo António dos Capuchos, o Convento de São José, antigo colégio Jesuíta, ou ainda o Mediateca Van Gogh, em Arles, antigo convento e hospital da vila.



Figura 8 – Zona de sentar junto à janela na Norman & Doris Fisher House, projecto de Louis Kahn

vida solitária, isolada, e a resposta a esta necessidade nas suas mais variadas valências. A *cela* constitui como que um espaço heterotópico¹⁰⁴, porque comporta uma realidade diferente das restantes, responde a regras especiais, diferentes da envolvente, isto é, as nossas próprias regras.

4.4 O Recanto

Na óptica de Bachelard, e como ponto de partida para uma reflexão acerca dos cantos e *recantos* “todo o canto de uma casa, todo o ângulo de um quarto, todo o espaço reduzido onde gostamos de encolher-nos, de recolher-nos em nós mesmos, é para a imaginação, uma solidão, ou seja, o gérmen de um quarto, o gérmen de uma casa”¹⁰⁵. É pois essa consideração essencial neste subtipo de espaço arquitectónico.

O local onde nos podemos recolher, representa uma enorme capacidade de conter memórias. Imagine-se o exemplo da mesa redonda que na *sala* se encontra num *recanto* com bancos corridos encostados à parede, numa zona de pé direito mais baixo, com uma pequena janela para o exterior a iluminar a referida mesa. Ou outro mais concreto, os espaços de leitura individuais, já referidos, que Louis Kahn projecta na Biblioteca da Academia Exeter, onde os utilizadores da Biblioteca podem recolher-se para uma leitura mais atenta face ao centro da estrutura onde se podem desenvolver conferências, encontros, ou onde podem os utilizadores trabalhar em grupo. O *recanto* é, no contexto geral comum e mais público, o espaço mais íntimo, aquele onde tendencialmente um ou alguns se reserva(m).

Recantos respondem a necessidades das pessoas, não necessariamente funcionais, mas emocionais, psicológicas até, a que o projectista deve procurar responder. “Fechai o espaço! Fechai a bolsa do canguru! Nela faz muito calor.”¹⁰⁶. A necessidade que nos impele a viver nos cantos, a procurar esse *recolhimento*, nasce também, de uma série de imaginários introduzidos pela cultura, e que nos desperta facilmente esse desejo e o torna subconsciente, como afirma Bachelard. “A graça de uma curva é o convite para habitar. Não se pode fugir dela sem esperança de regressar. A curva amada tem poderes de ninho; é um apelo à posse. É um canto curvo. É uma geometria habitada. Nela estamos num mínimo do refúgio, no esquema ultra-simplificado de um devaneio do repouso.”¹⁰⁷. (ver figura 8)

¹⁰⁴ FOUCAULT, Michel (1967). *Des espaces autres. Hétérotopies*. Paris, 1967.

¹⁰⁵ BACHELARD, Gaston (1957). *A Poética do Espaço*. S. Paulo: Martins Fontes, 2003. P.145

¹⁰⁶ BLANCHAR, Maurice (1948), *Les temps de la poésie*, G.L.M., 1948, P. 32

¹⁰⁷ BACHELARD, Gaston (1957). *A Poética do Espaço*. S. Paulo: Martins Fontes, 2003. P.154

Alexander, em *Child Caves*, aborda os *recantos* que as crianças normalmente utilizam nas suas brincadeiras. Estes não são mais que os *espaços próprios* que, ao contrário do seu quarto feito à escala do adulto, têm um pé direito muito mais pequeno, os limites ao toque a apenas um esticar de braço de distância, e onde os seus brinquedos mais importantes enchem o espaço.

Quando, ao projectar escolas ou até edifícios de escritórios, Hertzberger cria rebaixos ou elevações no pavimento, não está mais do que a pontuar um espaço comum com *recantos* que anulam a neutralidade do espaço, garantindo vários usos e vários espaços para preservar memórias. No fundo o *recanto* está capacitado para acomodar pessoas, assim como o *nicho* está capacitado para receber objectos, imagens, etc. como veremos no capítulo seguinte.

4.5 O Nicho

O espaço onde se coloca uma imagem ou um objecto e que se apresenta como um recuo no paramento é normalmente designado por *nicho*. Pode conter várias prateleiras, servir como arrumação ou antes como um local excepcional dentro do espaço.

Se desejarmos guardar uma fotografia de um momento ou de uma pessoa especial, um símbolo religioso de referência ou um objecto que, por um qualquer motivo, tenha para nós especial importância procuraremos um *nicho* ou local de especial destaque. Num determinado espaço um *nicho* pode conter em si memórias únicas. Ele é o *recanto*, não onde nos encolhemos, mas provavelmente para onde remetemos parte da nossa identidade. Se for encerrado, então é, presumivelmente o local secreto de que todos necessitamos, como refere Alexander: “Acreditamos que existe uma necessidade nas pessoas para viver com um local secreto nas suas casas: um local que é usado de modo especial, e revelado apenas em momentos muito especiais”¹⁰⁸.

Se o significado, ainda que figurado, do termo *nicho* já remete para um local abrigado ou escondido, Bachelard, aborda a questão de uma maneira única remetendo o *nicho* para a categoria dos espaços que guardam memórias. “Se aproveitarmos as imagens para a psicologia, reconheceremos que cada grande lembrança está engastada em seu

¹⁰⁸ Tradução Livre. “We believe that there is a need in people to live with a secret place in their homes: a place that is used in special ways, and revealed only at very special moments”. ALEXANDER, Christopher et al.(1977). *A pattern language: towns, buildings, construction*. New York: Oxford University Press, 1977. P. 930

cofrezinhos”¹⁰⁹. Estes lugares não guardam bens valiosos para o ourives, mas, numa primeira instância para quem os possui. O *nicho* tem essa capacidade de ser cofre, por vezes aberto, de guardar recordações, de proteger algo que é da maior importância.

O *nicho* pode não pertencer a ninguém em particular, como os *nichos* religiosos, mas nesse caso não deixam de guardar memórias, referenciais, só que desta vez não se tratam de memórias pessoais, mas pertencem antes ao imaginário colectivo. Ao incorporar uma referência transversal é, de certa forma, o garante de que a memória vai persistir para além da geração em que foi feito. Por ter essa capacidade de guardar memórias, ele pode conter uma grande diversidade de objectos, indo guardando diversas memórias ao longo da sua existência. Como uma parede cheia de *nichos*, o muro das lamentações, embora com conotações religiosas, adquire significado por poder acomodar os pedidos, preces, orações a quem a ele recorre.

4.6 A Alcova

Alcova, de origem árabe, خيمة (al-qubbâ), significa tenda ou esconderijo, pequeno espaço individual normalmente para dormir¹¹⁰.

O termo sempre remeteu para a divisão mais privada de uma habitação, aquela que dificilmente teremos acesso quando visitamos alguém¹¹¹. Para todos os efeitos trata-se de um espaço mínimo, contido, apenas com o espaço indispensável para aí desempenhar as funções necessárias é normalmente aberto para uma divisão de maiores dimensões. Serve normalmente para receber a cama, mas também se pode designar *alcova* qualquer espaço de pequenas dimensões criado para receber uma mesa, uma zona de sentar contínua, uma bancada de trabalho, ou qualquer outra função desde que seja um espaço criado para um efeito específico (ou como complemento a outro) e que possa ser encerrado.

“Na vida moderna, a principal função da família é emocional, ela é fonte de segurança e amor. Mas estas qualidades só se tornarão reais se os membros do agregado

¹⁰⁹ BACHELARD, Gaston (1957). *A Poética do Espaço*. S. Paulo: Martins Fontes, 2003. P. 97

¹¹⁰ “Nome Feminino. Pequeno quarto interior para dormir, quarto de casal, (figurado) abrigo, refúgio. Do árabe al-qubbâ, «tenda»). In Grande Dicionário Língua Portuguesa, Porto: Porto Editora, 2004.

¹¹¹ Contudo também foi usada a definição para designar o quarto dos prazeres, aquele em que ocorriam as relações sexuais.

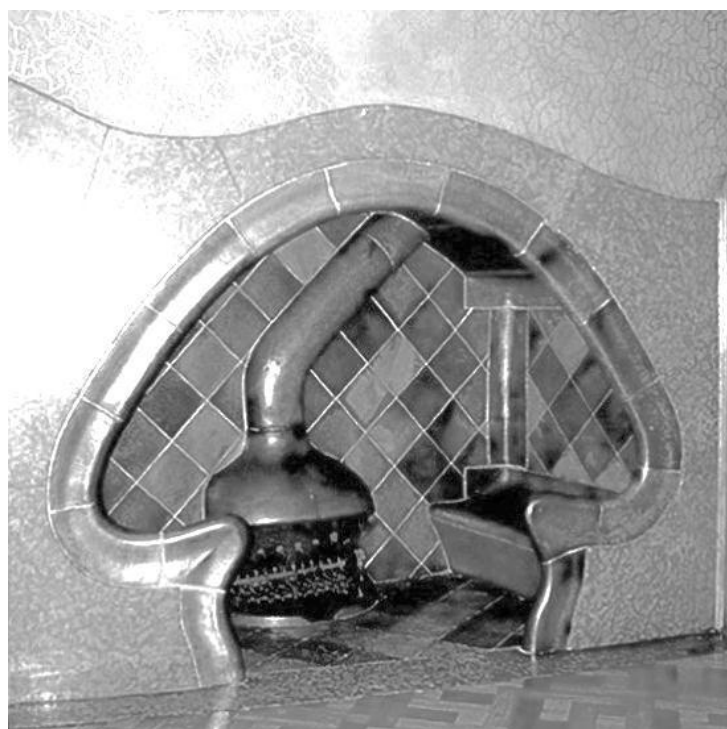


Figura 9 – Alcova de lareira na Casa Batlló, projecto de Gaudi

estiverem fisicamente capazes de estarem juntos como uma família.”¹¹² Embora possa não ser fácil, a *casa* deve potenciar isso, unindo espaços, ligando divisões, reduzindo as barreiras excessivas ao mínimo indispensável, criando a proximidade de diversas formas, como criando vistas, aberturas altas, armários acessíveis por dois lados.

Alexander defende de maneira inequívoca a importância da *alcova* como espaço individual, afirmando até que “Quartos não fazem sentido”¹¹³, mas antes que cada criança deve ter a sua *alcova* aberta para um espaço comum de trabalho. Este é, para ele, o balanço perfeito entre a privacidade e a vida em comunidade. Para ele a cama no quarto cria uma série de espaços estranhos e dificilmente adaptados às necessidades do seu habitante e ela parecerá sempre mais confortável quando adaptada a um local criado para esse fim. Dessa forma a cama ocupa o espaço a ela destinado e todo o restante espaço está livre para criar espaços de trabalho, de jogo, de estudo, de brincar ou simplesmente de estar. E mais à frente especifica “Se a *alcova* vai funcionar como *espaço próprio* para um criança, ela deve ser sempre um pequeno espaço com uma parede em falta”¹¹⁴. No fundo esta corresponde como que ao armário onde descansamos, onde guardamos o que necessitamos para a nossa vida diária, aquilo que é mais representativo para nós, que pode ser desde a nossa roupa, ao trabalho que estamos a desenvolver, até às lembranças de alguma actividade desenvolvida. Figurativamente podemos afirmar que a *alcova* é um armário à nossa escala. Aliás as camas de baldaquino, são mobiliário que define um *espaço próprio* dentro do quarto. Se existirem várias pessoas a dormir no mesmo quarto esta pode ser uma solução para criar subtipos de espaços, e definir o tal *espaço próprio* dentro de um espaço maior.

Uma *alcova*, independentemente da função, deve poder ser suficientemente espaçosa para que se possa utilizá-la sem demasiadas condicionantes, devidamente ventilada, facilmente fechada, garantindo privacidade através de uma cortina ou parede móvel, ou qualquer outro elemento e eventualmente, um pé direito inferior ao do espaço a ele associado ou um piso a uma cota superior ao do referido espaço (ver figura 8).

¹¹² Tradução livre. “In modern life, the main function of the family is emotional; it is a source of security and love. But these qualities will only come into existence if the members of the house are physically able to be together as a family”. ALEXANDER, Christopher et al.(1977). *A pattern language: towns, buildings, construction*. New York: Oxford University Press, 1977. P. 829

¹¹³ Tradução Livre. “Bedrooms make no sense” *Ibidem*. P. 868

¹¹⁴ Tradução Livre. “If the alcove is going to function as *A room of one's own (141)* for a child, then it needs to be almost a tiny room, with one Wall missing”. *Ibidem*, P. 870

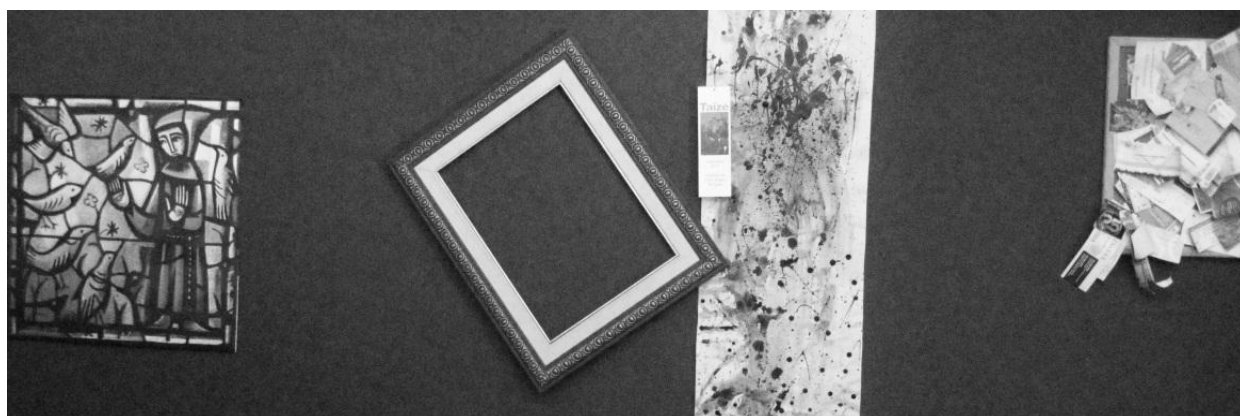


Figura 10 – Memórias, recortes, imagens na Parede do Quarto do Autor

A existência de uma divisão do tipo *alcova* implica que, logo no acto do projecto se crie um espaço específico para a cama, a mesa, o sofá deixando o resto da divisão livre, ao invés de se criar uma *sala* livre onde se coloca uma cama, uma mesa, um sofá. A *alcova* deve contudo poder comportar espaço para duas pessoas conversarem, jogarem, lerem. Em oposição o espaço que resta deve comportar o maior número de pessoas possível, nunca menos do que o conjunto das pessoas que aí trabalha.

4.7 O Armário

Hertzberger afirma que “a própria forma do espaço deve oferecer as oportunidades, incluindo os acessórios básicos, etc., para que os usuários preencham os espaços de acordo com as suas necessidades e desejos pessoais”¹¹⁵. Cada espaço, deve por isso ser projectado considerando a necessidade de ser ocupado, mas, mais essencialmente, de ser apropriado (ver figura 10).

Um *armário* pode ser muito mais que uma móvel para guardar objectos: pode ser ele próprio divisória entre espaços diferentes, servir para mostrar para outros espaços o que se passa naquele, ser construído com o projecto e ser ele próprio útil ao mesmo. Um *armário* pode conservar memórias, objectos secretos, documentos, entre outros, sendo importante que dentro de um espaço exista uma diversidade de *armários* passíveis de serem ocupados (ver figura 11). A decisão de incorporar *armários* deve ser logo considerada no projecto de arquitectura. Este deve responder às necessidades, e se se pretende ter uma *sala*, é possível incorporar desde logo formas de resolver a sua arrumação sem que isso implique móveis por medida. Trata-se de mobilar o espaço, mas antes disso considerar uma zona para arquivo, que pode ser mais ou menos representativo, construir divisórias, mediar transições ou até definir espaços dentro da mesma divisão.

¹¹⁵ HERTZBERGER, Herman (1991). *Lições de Arquitectura*. São Paulo: 2006. P. 24

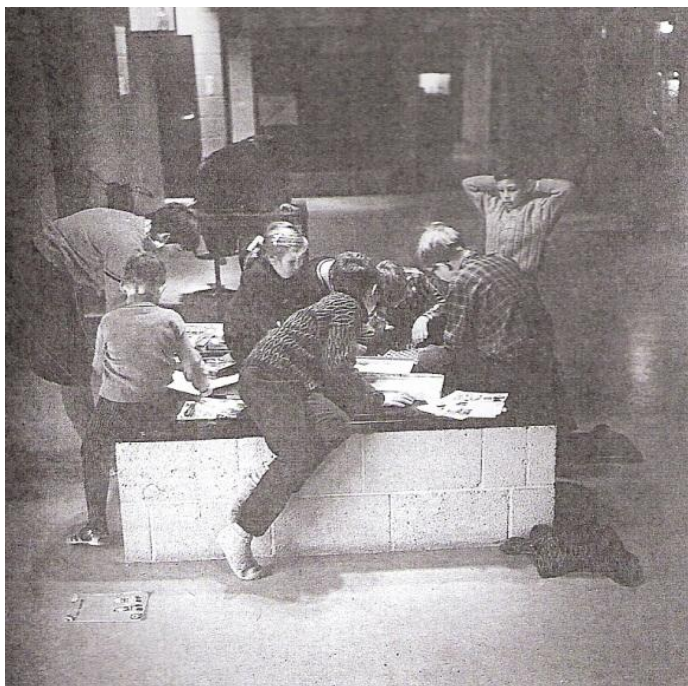


Figura 7 – Elevação no pavimento para as crianças utilizarem na escola de Montessori, em Delft, projecto de Herman Hertzberger. Fixa usos e delimita espaços.



Figura 8 – Armário com uma grande diversidade de objectos no Quarto do Autor

O *armário*, e tudo o que ele pode conter, assim como as paredes de uma casa, devem reportar directamente à personalidade de quem utiliza o espaço, e dessa forma tornar-se parte da caracterização do mesmo, e elemento constitutivo do imaginário do seu habitante.

Tal como cada *alcova*, cada *armário* deve conter aquilo que Alexander designa por “coisas da tua própria vida” ¹¹⁶, isto é, objectos que venham do nosso quotidiano, como discos ou livros de que gostamos, fotografias de família ou de momentos únicos ou apenas lembranças que recolhemos em alguma visita (ver figura 12).

A questão central é que muitas vezes as preocupações com a aparência do espaço ou com o que o utilizador acredita estar de acordo com o gosto de quem o visitará, fazem desvanecer a importância dos objectos da sua vida. Ironicamente, a visita a casa de alguém é muito mais fascinante se ela própria contar a história da vida dessa pessoa.

O *armário*, seja ele aberto, fechado, transparente, liso, encastrado, suspenso, até vazio, deve contar a história da vida de quem habita o espaço. Ele é, pois, parte da narrativa, que não é apenas estética mas essencialmente vivencial. Ele tem a escala mais reduzida de entre os vários tipos abordados e nele nos reportamos como sujeito, nele e em tudo o que ele contenha. De facto se o *armário* da casa for o que já esteve na casa de outra pessoa, eventualmente dos pais ou avós do morador, ele terá com certeza muito mais para contar do que se for novo, escolhido de acordo com as preocupações estéticas.

A pequena escala, como alerta Piera Scuri deve ser sempre considerada, não apenas na definição de *armários* ou estantes, mas essencialmente aí, por forma a possibilitar alterações do espaço, adequando-os e criando todas as respostas espaciais de que o morador necessita.¹¹⁷

Bachelard remete o *armário*, em especial aquele que é secreto, para uma categoria diferente: a de sujeito-objecto: “O *armário* e as suas prateleiras, a escrivaninha e as gavetas, o cofre e o fundo falso são verdadeiros órgãos da vida psicológica secreta. Sem esses ‘objectos’ e alguns outros igualmente valorizados nossa vida íntima não teria um modelo de *intimidade*. São objectos mistos, objectos-sujeitos. Têm, como nós, por nós e para nós, uma

¹¹⁶ Tradução Livre. “Things from your Life”. ALEXANDER, Christopher et al.(1977). *A pattern language: towns, buildings, construction*. New York: Oxford University Press, 1977. P. 1164

¹¹⁷ SCURI, Piera (1995). *Design of Enclosed Spaces*. New York: Chapman & Hall, 1995

intimidade”¹¹⁸. “E não é à toa que um homem discreto se gaba de ser um túmulo de segredos.”¹¹⁹

O *Armário* deve corresponder à sua função, e para além disso ser parte integrante do espaço. Ao criar espaços para acomodarem os *armários*, alguns na parede, outros para receber estantes, estamos, não só a considerá-los, mas mais a valorizá-los, e em simultâneo, a definir o carácter do espaço mais do que a ocupá-lo, revelando preocupações que ultrapassam as de resolver arrumações. Para além disso criamos condições para que essa *Sala* acomode tudo o que o habitante necessita.

¹¹⁸ BACHELARD, Gaston (1957). *A Poética do Espaço*. S. Paulo: Martins Fontes, 2003. P.91

¹¹⁹ *Ibidem*, P. 100

5 Dos espaços próprios aos espaços partilhados

Os tipos anteriormente abordados conformam imagens e conceitos específicos, mas cada uma das análises seguintes tem como principal objectivo conformá-las com realidades concretas e orientar para as tipologias abordados na parte prática do Projecto Final de Mestrado.

Considere-se aqui que cada um dos espaços abordados de seguida, quer para um grupo pequeno, quer para um indivíduo, podem ser de trabalho, de estudo, de vida doméstica, ou comportando estas várias actividades em simultâneo, sendo que distintamente serão dadas considerações acerca de cada uma delas.

5.1 Espaço para um grupo pequeno

Quando um conjunto de pessoas habita num mesmo espaço, independentemente das funções que aí vá desenvolver, as relações que estabelecem entre si e a maneira como se apropriam do espaço dependem também das possibilidades que este permite.

Desde logo o espaço e as suas características devem permitir que as pessoas tenham “liberdade para decidir se querem se unir a um grupo ou ficar sozinhas, se querem ser vistas ou não, se querem conversar com outras pessoas ou evitá-las. (...) Em termos espaciais, isto exige um grande número de lugares”¹²⁰, como alerta Hertzberger nas suas *Lições de Architectura*.

A adequação do espaço ao seus utilizadores é igualmente referido por Alexander quando afirma que “Quando mais do que meia-dúzia de pessoas trabalha num mesmo espaço, é essencial que não sejam forçadas a fazê-lo num grande indiferenciado espaço, mas antes que possam dividir o seu espaço e criar grupos mais pequenos.”¹²¹ Desconsiderando algum pragmatismo acerca da questão do número de pessoas, esta reflexão revela uma das preocupações a ter na concepção destes espaços, para trabalhar, estudar, estar, jogar, viver, isto é, de permitir que algum dos elementos consiga *recolhimento*, *silêncio* ou no limite *isolamento*.

¹²⁰ HERTZBERGER, Herman (1991). *Lições de Architectura*. São Paulo: 2006. P. 198

¹²¹ Tradução Livre. “When more than half a dozen people work in the same place, it is essencial that they not be forced to work in one huge undifferentiated space, but that instead, they can divide their workspace up, and so form smaller groups”. ALEXANDER, Christopher et al.(1977). *A pattern language: towns, buildings, construction*. New York: Oxford University Press, 1977. P.702

Consideremos apenas um exemplo: se tivermos uma mesa para trabalhar com mais três pessoas, e aí permanecermos todos os dias nos mesmos lugares sem existir nenhum sítio para onde nos podemos mudar quando precisarmos de nos recolher, enquanto o restante grupo estiver a tomar uma decisão importante. Com certeza que rapidamente alguma das pessoas irá afastar a sua mesa, criar uma pilha de livros entre si e o colega, ocupar uma prateleira como mesa, ou afastar-se para junto da janela para se poder recolher. Mesmo que o faça de forma inconsciente estará sempre à procura da resposta a uma necessidade a que o espaço não responde *per se*, da forma como está desenhado, isto é, de ter um *espaço próprio*, só seu.

Consideremos agora uma grande *sala* de estudo ou uma biblioteca de uma escola: possuem normalmente várias mesas, ora individuais, ora para duas pessoas, ora para grupos. Só assim é possível responder às necessidades dos alunos sem que isso implique lugares desnecessários ou em falta em número desmesurado. Se falarmos de uma *sala* de estar, normalmente existem sempre sofás grandes e sofás individuais, que mais não procuram do que garantir conforto quer a *sala* esteja cheia, quer alguém esteja sozinho. As pequenas diferenças de pé direito induzem rapidamente a criar zonas de jantar ou de estar mais recolhidas nos pés-direitos mais baixos, e zonas comuns de convívio nos pés-direitos mais altos.

Muitas vezes confrontam-se duas preocupações quando se projectam espaços para moradores indefinidos (do tipo utilizadores ou usuários): deixar a definição do espaço em aberto, para que as pessoas se possam apropriar, ou defini-lo considerando alguns pressupostos que podem estar errados. A opção é caracterizar o espaço tanto quanto possível, criando espaços amplos para funções comuns, espaços intermédios para pequenos grupos e espaços pequenos para cada pessoa. Independentemente de como as pessoas se irão apropriar do espaço, esta caracterização dificilmente interferirá com a função do espaço e pode ser feita apenas com alterações de pé-direito ou dos pavimentos. Analisando os conventos, estes são de facto um óptimo exemplo de como organizações espaciais relativamente rígidas se podem ir adaptando a diversos usos, por estarem desenhadas desta forma, isto é, como unidades complexas constituídas a partir de unidades mais pequenas repetidas. Como afirma Christopher Alexander em *Áreas comuns no centro*

“Nenhum grupo social – como uma família, um grupo de trabalho ou grupo de escola – pode sobreviver sem constantes contactos informais entre os seus membros”¹²².

Uma das grandes questões que devem ser consideradas na definição destes espaços, passa por pontuar os mesmos: entradas com patamares definidos que podem conter zonas de espera como Hertzberger faz na Escola de Montessori, em Delft, utilizar os *recantos* como locais para sentar, adequando os níveis de privacidade e de conforto necessários, definir os espaços antes e depois do acesso, quer do exterior para o interior do edifício, quer de um corredor para uma *sala*, utilizar as zonas de vista para criar pequenos *recantos* com namoradeiras ou locais de estudo, ou ainda bancos corridos a acompanhar fachadas muito iluminadas. Não fechamos o espaço à apropriação, mas não deixamos de o caracterizar.

5.2 Espaço individual

Se analisarmos muitos edifícios de escritórios verificaremos que quando existe a possibilidade de todas as pessoas estarem juntas, acabam por ser criados espaços mais pequenos ora para pequenos grupos ora individuais. No limite, e mesmo em pequenos escritórios, acabam por criar-se espaços específicos para cada uma das pessoas. Isso permite que se possa estar isolado, mas capaz de recorrer a outro alguém sempre que necessário.

Sempre que alguém procura um espaço de trabalho, que se deve entender aqui como um pequeno escritório ou atelier, procura um espaço seguro, onde se possa concentrar, tenha acesso a serviços de que necessite, e onde possa estabelecer contactos, caso necessite. Conjugando espaços pequenos, e deixando áreas partilhadas de maiores dimensões onde os vários utilizadores se possam cruzar possibilita-se o encontro e o garante de que em caso de necessidade as pessoas se podem auxiliar mutuamente.

Quando estes espaços se encontram associados à habitação, a articulação entre a zona de trabalho e a zona de habitação tendem a diluir-se. Por outro lado, se estiverem inseridos em escritórios de grandes dimensões, só permitem a interacção com pessoas da mesma área. Assim, se se criar uma organização constituída por pequenas unidades permite-se que pessoas muito diferentes de áreas distintas se encontrem e possam trocar experiências. Desse modo, a zona de trabalho funciona como uma divisão da casa que se encontra desanexa da estrutura habitacional.

¹²² Tradução livre. “No social group – whether a family, a work group, or a school group – can survive without constant informal contact among its members”. *Ibidem*. P. 618

Este espaço deve poder ser apropriado, e portanto deve ser deixado em aberto, não necessariamente tanto como Hertzberger deixou na Central Beheer, onde inclusivamente os acabamentos interiores foram deixados ao critério dos utilizadores, mas considerando algum grau de abertura para o utilizador. Contudo, é preciso considerar que “Embora a nudez do interior severo e cinzento seja um convite óbvio para que os usuários dêem os toques de acabamento ao espaço de acordo com seus gostos pessoais, isto, por si só, não é garantia de que irão fazê-lo.”¹²³

Um estudante, um investigador, um escritor, necessita de uma série de condições de conforto e apropriação a que é imprescindível responder. Para que haja concentração suficiente para um estudo aprofundado, normalmente procuram-se espaços pequenos, acolhedores, onde exista a curta distância todo o material de que necessite e onde possa controlar a vista para o exterior e a luz direccionada para aquilo que se está a estudar, o essencial *silêncio*, *isolamento*. Deve optar-se por superfícies quentes ao toque para que se o estudo se prolongar não se crie desconforto; ter *armários* individuais e conjuntos, espaço de arrumação de livros, cadernos, pastas, lápis, canetas, e todo o material de que necessitemos e onde possamos guardar tudo o que estamos a fazer.

Habitações para uma única pessoa podem considerar o menor número de divisões possível, criando antes *recantos* num espaço único, ao invés de vários espaços separados. Desta forma, e considerando que estas *alcovas* podem ser encerradas, o espaço pode ser utilizado sem que essas funções específicas interfiram umas com as outras.

A esta simplicidade refere-se Alexander quando aconselha a “Conceber uma casa para uma única pessoa como espaço da maior simplicidade: essencialmente uma *sala* única ou estúdio com *alcovas* maiores e menores em torno”. Uma outra preocupação nestes espaços passa por dar o espaço mínimo para as necessidades específicas, como zonas de dormir, casas-de-banho, bancadas de cozinha, sem que isso implique desconforto na sua utilização, deixando a maior quantidade de espaço amplo para que o morador possa colocar os móveis que deseja, a decoração a seu gosto, os “objectos da sua vida”¹²⁴.¹²⁵

O Espaço individual é exactamente esse para que nos remetemos, onde procuramos o *isolamento*, o *silêncio* de que necessitamos, o *recolhimento* necessário.

¹²³ HERTZBERGER, Herman (1991). *Lições de Arquitectura*. São Paulo: 2006. P. 24

¹²⁴ Tradução livre. “Things from your Life”. ALEXANDER, Christopher et al.(1977). *A pattern language: towns, buildings, construction*. New York: Oxford University Press, 1977. P. 1164

¹²⁵ Considerando uma habitação comum, o espaço que é sempre mais versátil é o quarto mais pequeno, onde as crianças brincam, onde o familiar que nos visita dorme, onde se passa a ferro, se guardam as roupas que já não utilizamos. Contudo este facto só se verifica em comparação com os restantes espaços.

6 Espaços Complementares

Espaços próprios, como *celas*, escritórios, habitações, que se conjugam por repetição, necessitam sempre de espaços comuns que equilibrem o *isolamento*, que estas unidades permitem, com uma participação na vida em comunidade.

6.1 Interiores

Nos conventos, os claustros compensam o *isolamento* das *celas*, as zonas de refeições e de estar comuns compensam o *recolhimento* dos gabinetes individuais nos escritórios, e as zonas de convívio nas escolas compensam o *silêncio* das *salas* de aula. “(...) Arranjar os grupos de modo a que cada pessoa esteja pelo menos à vista de outros membros do seu próprio grupo e arranjar alguns grupos de maneira a que partilhem acessos comuns, refeições, equipamentos, fontes de água, casas-de-banho.”¹²⁶

Para Alexander os espaços de reunião podem ser pensados com especial atenção a alguns factores: não devem ser muito vistosos, com espaços centrados, circulares ou quadrangulares, nunca alongados excessivamente, e com algumas das cadeiras diferentes “para sentar em diferentes temperamentos, formas e tamanhos. Uma luz sobre a mesa ou no centro do grupo ajudará a manter as pessoas juntas.”¹²⁷. Alexander refere-se a uma certa diversidade que torne de facto um espaço de reunião um espaço para todos, mas que os mantenha reunidos mesmo que mantendo posturas ou modos de estar completamente diferentes.

Nos conventos, os espaços comuns estão ao centro, como de resto foi referido nos capítulos anteriores. Esta estruturação tem uma enorme vantagem, como se verifica na Biblioteca de Exeter de Louis Kahn: todos se encontram, e necessitam de ter esse contacto com o espaço comum antes de recolherem ao seu *espaço próprio*. Para além disso, o espaço de cada um participa, ainda mais se se utilizarem os limites dos espaços como zonas de apresentação do que se faz no interior, na definição do espaço comum¹²⁸. Este, muito para além de resolver os acessos, é um espaço em si, com características próprias que ultrapassam as definidas pela envolvente.

As zonas de passagem devem estar pontuadas por pontos de interesse que enriquecem a complexidade espacial. O peitoril da janela pode prolongar-se para fora ou

¹²⁶ ALEXANDER, Christopher et al.(1977). *A pattern language: towns, buildings, construction*. New York: Oxford University Press, 1977.

¹²⁷ Tradução Livre. “to suit in different temperaments and moods and shapes and sizes. A light over the table or over the center of the group will help tie people together”. *Ibidem*. P. 716

¹²⁸ Os espaços de cada, um ao serem visíveis, embora atribuam a cada utilizador uma maior responsabilidade na preservação do espaço, garante-lhe uma maior sensação de segurança, pois ao sair deste, vai chegar a um espaço que ainda lhe pertence.

para dentro para receber vasos, objectos decorativos, ou servirem de apoio ao desempenho de algumas tarefas. Para o interior da janela podem criar-se zonas de arrumação e simultaneamente de relação com o espaço que lhe é exterior. Bancos corridos juntos à entrada criam situações de permanência que permitem, para além do mais, caracterizar e propiciar a ocupação do espaço exterior.

6.2 Exteriores

Consoante a envolvente em que se insere o edifício, zonas verdes ou pavimentadas podem ganhar ou perder importância. Quando falamos de um contexto urbano, a criação de uma zona verde junto ao acesso funciona tão bem como quando pavimentamos uma área considerável no acesso a um edifício isolado no meio da floresta. Contudo, os espaços exteriores ganham enormes qualidades quando incorporam vegetação, sombra, água e podem ser utilizados para jogos, conversas, convívios ou apenas para serem vistos quando não se desenvolve nenhuma actividade. Nesse sentido, por exemplo, o claustro de um convento, o pátio de um panóptico, ou apenas o quintal de entrada de uma habitação devem poder estar desocupados e serem óptimos filtros entre o exterior e o interior, mas também devem poder ser utilizados para uma festa, para uma actividade lúdica, para um jogo.

Zonas para sentar, espaços de recreio onde as crianças possam correr em segurança, controladas pelos pais que estejam no interior do edifício, locais com sombra onde se possa conversar ou apenas ler um livro, caracterizam e determinam claramente as capacidades dos espaços públicos. A permanência nos lugares aumenta a importância que lhes damos.¹²⁹

A participação na vida comunitária, naquilo que é partilhado, enraizando-nos não apenas ao local em que habitamos mas a todas as realidades que a ele dizem respeito pode ser determinante para sentirmos aquela como a “nossa” rua, este como o “nosso” bairro e a outra como a “nossa” cidade. Esta noção de posse face aos lugares leva-nos rapidamente a mantê-los, a preservá-los não apenas como espaços de participação comunitária, cívica, colectiva, mas também como espaços em si, o que se revela tendencialmente difícil se se tratarem de espaços ocupados apenas de forma temporária.

Hertzberger, referindo-se ao zonamento territorial, considera que, se as diversas esferas, desde o privado ao público, forem bem articuladas, facilmente se podem incorporar espaços exteriores comuns na esfera privada e dessa forma garantir a sua manutenção.

¹²⁹ Mas esta permanência não deve nunca ser apenas funcional, mas essencialmente uma permanência tranquila, que desfruta do que de melhor esse lugar nos pode oferecer, seja a luz, a sombra, a vista, o limite construído ou o horizonte longínquo, fecho ou abertura, escala, etc..

Para ele, a articulação entre as esferas permite criar pontos de interesse mais diversificados, e dessa forma uma maior riqueza dos espaços e da forma como estes podem ser apropriados em simultâneo.

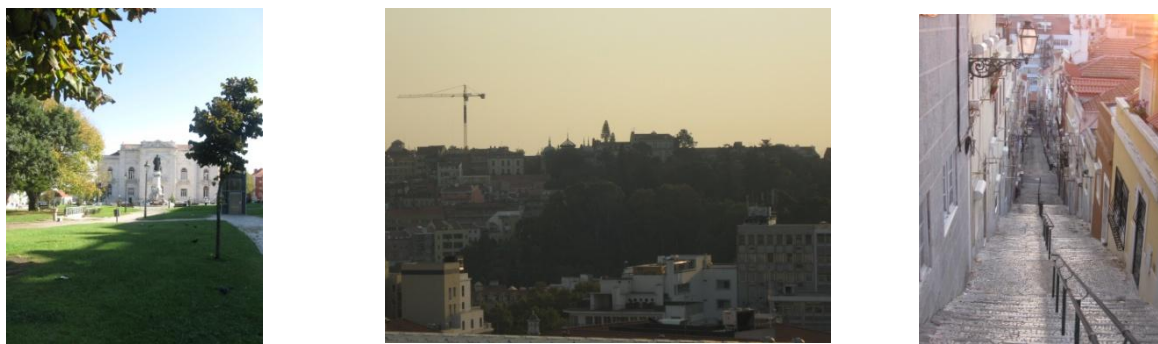


Figura 9 – Imagens da Colina de Santana



Figura 10 – Planta esquemática da colina de Santana no contexto da Cidade de Lisboa, e esquema com principais acessos aos Hospitais.

7. Intervenção no Convento de Santo António dos Capuchos para Centro de Estudos (Ver Anexo 4 - 1)

7.1 Enquadramento

Com a criação do Novo Hospital de Todos os Santos, em Chelas, os vários hospitais que ocupam a colina de Santana, nomeadamente, o Hospital do Desterro, o Hospital de Santa Marta, o Hospital Miguel Bombarda, o Hospital de Santo António dos Capuchos e o Hospital de São José, serão desactivados (ver figura 13).

Considerando este facto, elaborou-se uma estratégia para estes complexos, que incluem edifícios conventuais e hospitalares, bem como património móvel, que constitui um espólio único para a história da medicina em Portugal. Conta-se, neste contexto, desde mobiliário hospitalar, a objectos e utensílios médicos, até azulejaria. Para além deste facto, as cercas dos hospitais, antigos conventos, possuem património arquitectónico ímpar no panorama português que necessita de ser considerado na reafecção destas estruturas.

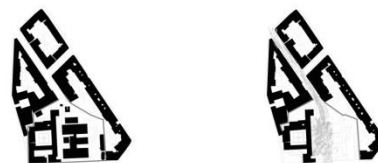
O projecto desenvolvido, a par da dissertação pretende centrar-se na procura de uma proposta equilibrada que possa responder a estas necessidades. Considerando os vários hospitais, a escolha recaiu sobre o hospital de Santo António dos Capuchos, constituído por convento e cerca iniciais consideravelmente alterados, à qual foram sendo acrescentados diversos outros corpos hospitalares. Localizado no cimo da colina, constitui um ponto de vista privilegiado sobre a cidade. De certa forma, falamos de um *retiro* na cidade, um canto de onde pudemos olhar o mundo, onde nos podemos recolher, como referido na abordagem de Bachelard¹³⁰, ou sobre outro ponto de vista numa *heterotopia*¹³¹ na cidade.

7.2 Estratégia

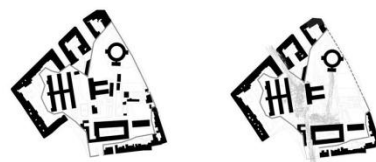
A colina de Santana, embora localizada no centro da cidade, apresenta algumas características que a tornam digna de visita. Os acessos principais da cidade naquela zona da cidade fazem-se na periferia da colina, o que a tornam numa zona de difícil acesso e desconhecida por muitas pessoas, por não terem naturalmente que por ela passar nos percursos que fazem pela cidade (ver figura 14). Complexos arquitectónicos como estes

¹³⁰ BACHELARD, Gaston (1957). *A Poética do Espaço*. S. Paulo: Martins Fontes, 2003. 242 pp.

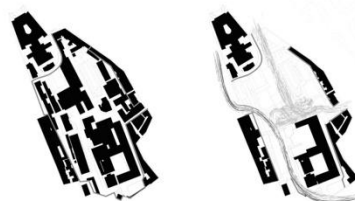
¹³¹ FOUCAULT, Michel (1967). *Des espaces autres. Hétérotopies*. Paris, 1967.



Santa Marta
Proximidade a Av. da Liberdade
Caracterizar a envolvente próxima
Serviços públicos e administrativos



Miguel Bombarda
Maior encerramento
Manutenção da relação da cerca com a cidade
Vertente Cultural



São José
Fachada Sul da Colina na relação com Martim Moniz
Permite a resolução da acessibilidade à colina
Vertente pública (Learning Center)
Equipamentos de saúde ligados à faculdade



Desterro
Proximidade a Av. Almirante Reis
Qualificar a envolvente
Serviços públicos e administração- Incubadora de empresas



Santo António dos Capuchos
Miradouro/Jardim
Posição Central e em relação com o Campo dos Mártires da Pátria
Abertura à população em geral (comércio/ lazer)

Figura 11 – Esquemas dos cinco Hospitais existentes na Colina de Santana e primeiras orientações para as intervenções realizados pelo autor

podem potenciar essa visita, em especial por poderem aliar habitação, trabalho, bem-estar, lazer, cultura e comércio.

A reconversão de cada um dos hospitais deve considerar a necessidade destes possuírem um papel determinante para a colina e para a cidade, e dessa forma devem ser amplamente explorados os programas multifuncionais e que possuam uma componente pública preponderante. Por outro lado, devem estar claramente articuladas as funções dos vários hospitais a reconverter, de modo a poderem conformar a colina, como actualmente como hospitais conseguem conformá-la. Neste contexto os amplos espaços verdes, quer de jardim, quer de hortas e pomares valorizam, não apenas a cerca como a colina no contexto da cidade. Por outro lado, no contexto da cidade, a colina representa, pelas suas características, como que um *retiro* na cidade, factor que foi determinante para a estratégia a desenvolver.

Cada uma das cercas dos conventos, actuais hospitais, tem características particulares que propiciam determinado tipo de usos (ver figura 15). Assim, e considerando essas particularidades foram definidas para cada um destes complexos determinadas premissas orientadoras da estratégia a desenvolver para estes.

No que ao convento de Santo António dos Capuchos diz respeito, a implantação do convento face à cidade foi determinante para a definição de uma estratégia que tinha como principais objectivos, a reconversão do complexo arquitectónico para um Centro de Estudos, garantindo uma manutenção da memória do hospital, e, simultaneamente, introduzindo novas funções, para além do facto de se poderem conjugar interesses públicos e privados. Por outro lado, esta reafecção deveria procurar uma clareza na reorganização dos vários corpos (existentes e propostos) de modo a colocar em destaque a estrutura do convento, constituindo os restantes a plataforma sobre a qual o convento se encontra pousado¹³². Esta plataforma deve contudo conformar os limites da cerca conventual original (ver figura 16). A função reforça o carácter simbólico do edifício e conjuga-se com a noção de que este espaço delimitado, ou seja a cerca do convento, conforma uma realidade própria, e que não deve ser adulterada na intervenção.

O Centro de Estudos possui diversas valências que permitem uma grande variedade de públicos. Conjugada com as funções que ocupam o espaço exterior comum, a

¹³² Esta estratégia implica desde logo a destruição de alguns dos edifícios por não possuírem características estético-funcionais e de segurança que permitam a sua manutenção, ou em casos pontuais, por não se coadunarem com a estratégia definida.



Figura 12 – Vista aérea do Complexo do Hospital de Santo António dos Capuchos – Googel Earth



Figura 13 – Alterações no Piso 1 do edifício do Convento – Amarelos e Vermelhos

intervenção ganha maior viabilidade e uma maior dinâmica dos públicos criados. Desta forma, os utilizadores podem estar junto a espaços mais dinâmicos funcionalmente, mas com relativa autonomia das diversas áreas e funções. Dentro dos limites da cerca existem essas várias funções, mas que estão pensadas para se tornarem complementares. Desta forma, o *retiro* que a cerca configura é valorizado, e *recolhimento* desejado pode ser alcançado.

A Intervenção inclui: um edifício de residências artísticas com espaços de trabalho comuns associados a pequenas habitações; uma zona expositivo dos trabalhos aí desenvolvidos ou outros; um edifício destinado a actividades desportivas e de lazer, com espaços para aulas de actividade física conjunta, *sala* de máquinas, piscina, e zona de massagens; e um edifício de comércio e serviços, destinado a responder às necessidades dos utilizadores do complexo arquitectónico. Em qualquer um dos casos procurou-se colocar os espaços de maiores dimensões, e mais públicos, orientados para o interior, tanto nos edifícios que conformam a cerca como no convento (garantindo inter-relações entre os edifícios com funções diferentes), colocando os espaços de pequenas dimensões, *espaços próprios*¹³³, orientados para o exterior, de modo a permitir que aí se possa usufruir da vista, e dessa forma ampliar o espaço¹³⁴. Os espaços grandes, partilhados conjugam-se ao centro, como que um claustro para onde todas as funções se abrem e para as quais todos convergem, ao passo que os espaços menores são como *recantos*, que olham o mundo.

O convento original, por seu lado, será intervencionado, mantendo os elementos originais do convento, a sua imagem e volumetria, mas alterando os interiores introduzindo clareza na relação entre os elementos das várias intervenções (ver figura 17). Criam-se, nos vários pisos, *espaços próprios* (individuais, partilhados e comuns) de estudo e/ou trabalho, para investigadores, estudantes, professores, ou outros profissionais que necessitem destes para desenvolverem a sua actividade (Ver Anexo 4 – 6 e 4 - 7).

No rés-de-chão, e associado ao claustro, estão localizados a zona de entrada, a loja do complexo, e o espaço de exposição, para além da parte pública da zona administrativa. Nos pisos superiores estarão os *espaços próprios* que terão uma componente tanto mais privada quanto mais subimos no edifício. O piso inferior, que correspondia à antiga cave do convento, será prolongado de modo a acomodar as funções que necessitam de espaços de

¹³³ Espaço para o desempenho de funções individuais, onde os ocupantes se poder recolher, procurar o silêncio que as áreas comuns dificilmente possibilitam. São aqueles em que o morador pode exercer o seu controlo.

¹³⁴ A noção de limite ganha aqui outra importância, considerando que se deseja que o novo conjunto de edifícios remeta para a antiga cerca do convento.



Figura 148 – Interior da Igreja do Convento de Santo António dos Capuchos

maiores dimensões, não compatíveis com a métrica do convento, conformando a plataforma comum do conjunto: o auditório, a biblioteca, a *sala* de conferências, as salas de aula para cursos e workshops.

Nesta estratégia, o convento passa a ser o local onde qualquer pessoa, quer possua ou não um espaço, se possa recolher, isolar, procurar o *retiro*, fazer *silêncio*. Quer por motivos de trabalho, de recreio, de lazer, ou de descanso, o convento pretende criar as condições para a que as pessoas o sintam como num abrigo onde se podem recolher¹³⁵. Neste complexo o utilizador (ou habitante) pode consultar algumas obras, descansar um pouco, olhar a vista, mas sobretudo retirar-se do contexto envolvente. Se para a cidade a cerca do convento conforma um espaço para onde nos podemos retirar, o convento, dentro do contexto da cerca apresenta-se como o espaço onde pudemos procurar isolarmo-nos. No seu interior, podemos escolher entre uma grande diversidade de espaços, mais ou menos públicos, mas contidos na relação com a envolvente, onde se permite ao utilizador uma grande capacidade de apropriação destes, ocupá-los à sua maneira e poder desenvolver a sua actividade num local que se pode facilmente adaptar às suas necessidades, isto é, passível de se tornar o “seu” espaço.

7.3 O Centro de Estudos

A Igreja existente mantém o acesso directo pelo exterior e pelo claustro de modo a que possam existir celebrações religiosas, e que possa ser visitada ou usada para momentos de oração em qualquer altura do dia. Não se pretende que esta seja musealizada e se torne ponto de interesse turístico exclusivé, mas antes que mantenha o seu carácter religioso e seja um local para a oração, meditação ou para o simples *recolhimento* (ver figura 18).

O acesso ao convento far-se-á pela porta Este, orientada para o portão principal da cerca do convento, e dará acesso directo ao claustro, permitindo daí o acesso à escola, livraria/loja, administração, zona expositiva de acesso livre, e átrio do centro de estudos. Se o espaço expositivo se apropria da antiga *sala* do capítulo de forma simples e pouco intrusiva face ao existente, no caso dos braços Sul e Oeste do complexo, a estratégia de reabilitação passou por refazer os interiores, preservando os elementos construtivos originais do convento ainda existentes e mantendo as fachadas, lajes e ritmo de vãos presentes, procurando sempre distinguir o que eram os elementos originais da nova

¹³⁵ BACHELARD, Gaston (1957). *A Poética do Espaço*. S. Paulo: Martins Fontes, 2003.



Figura 19 – Corredor de acesso ao claustro do convento de Santo António dos Capuchos

intervenção. Na livraria, e por apresentar aberturas a Norte e a Sul, optou-se por colocar as estantes junto aos vãos a Sul, servindo como um primeiro obstáculo à luz excessiva, aproveitando-a apenas para uma pequena zona de leitura junto à janela, que tira proveito igualmente da vista para o exterior. No caso do átrio, este liga-se directamente ao claustro no braço Oeste do convento, mas afasta-se da vista do exterior criando uma *sala* de espera, de leitura, de estar, junto à fachada exterior, virada para Oeste (Ver Anexo 4 – 9).

Nos pisos superiores encontram-se quatro tipos de *espaços próprios*: os espaços individuais, os espaços partilhados, os espaços comuns e os espaços para habitação. Para aceder aos mesmos, teve-se como principal preocupação criar circulações simples nos extremos dos braços Sul e Oeste do convento, procurando pontuar os extremos das mesmas com zonas comuns, quer de refeições ou estar, quer zonas de sanitários, bem como aberturas para o exterior que iluminem e mostrem a vista (dado que no braço sul os corredores são interiores). Para além disso, é importante que estes se relacionem com os espaços que são servidos (como os define Louis Kahn), e por isso as paredes limites dos mesmos possuem armários que ora abrem para o corredor, ora para o interior dos espaços. Uns deixam apenas passar a luz de um lado para o outro, permitindo sempre que os moradores¹³⁶ possam perceber se se encontram sozinhos, acompanhados, se o espaço está ou não ocupado, e para além disso para que se possa perceber que tipo de actividade se desenvolve dentro de cada um dos espaços (como sugere Hertzberger utilizando as transições como espaços de apresentação do trabalho desenvolvido no interior dos espaços) (Ver Anexo 4 – 10).

O acesso aos espaços individuais ou para pequenos grupos não se faz de forma directa mas antes através de um espaço de transição entre os limites exterior e interior, sendo o primeiro de relação com o corredor, mais opaco, e o segundo de relação com o espaço interior, mais transparente. Contudo, existirá sempre uma divisória de correr no limite com o corredor para que, caso seja necessário encerrar o espaço por motivos de som, cheiros, segurança, privacidade ou outros, isso seja possível. Desta forma, os espaços constitutivos do todo participam dos espaços comuns e elas próprias caracterizam e tomam parte na definição dos mesmos. Os utilizadores, mesmo que recolhidos, participam na vida comum do centro de estudos, fomentando troca de experiências e o relacionamento entre os moradores. Para além disso, e baseado naquilo que já foi referido acerca do meio de transição ser a área de maior importância na definição da privacidade, este espaço dá

¹³⁶ No sentido daquele que deixa de ser usuário e passa a ser morador, no âmbito da definição apresentada por HERTZBERGER, Herman (1991). *Lições de Arquitectura*. São Paulo: 2006.

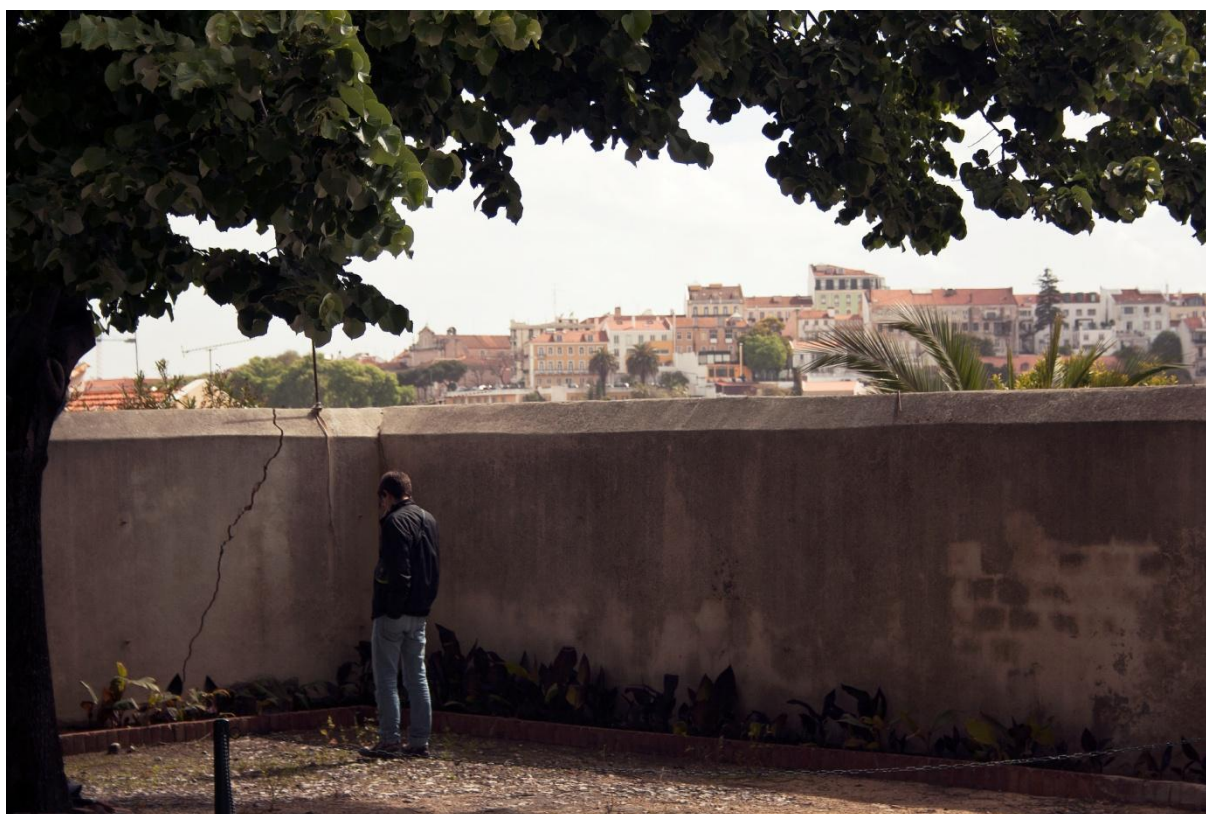


Figura 15 – Vista para a Cidade a partir do Exterior do Antigo edifício do convento.

espessura ao espaço de transição procurando dessa forma garantir que, mesmo que a porta esteja aberta, as pessoas compreendam que estão a invadir espaço que não lhes pertence.

7.3.1 Espaços próprios

Os *espaços próprios* foram colocados na relação com a vista para o exterior, ao invés do contacto com o claustro onde se colocaram as zonas para grupos, por se considerar que aí teriam melhores condições lumíneas e por ser a vista um factor de abertura em compensação ao *recolhimento* que o espaço permite. Estes espaços são caracterizados por zonas de arrumação, mesas de trabalho ou estudo, e uma série de aberturas. Estas últimas foram foco de especial atenção dado que a relação com o exterior, como nas referências feitas a Bachelard (e tendo em conta a preocupação destes espaços serem como que cantos de onde podemos olhar o mundo¹³⁷, seja ele exterior do edifício ou exterior do espaço individual), e poder controlar a forma como a fazemos, foi uma das questões mais importantes e amplamente abordada nas reflexões feitas anteriormente. Dado o número de vãos destinados a estes, foi possível criar 15 espaços com dimensões muito idênticas e que respeitam a estrutura existente. Junto às janelas colocaram-se as zonas de trabalho onde, para além da luz, é possível a vista para o exterior (que se estende até à margem sul do rio Tejo, passando por todo o vale da Avenida e pela Baixa Pombalina) (Ver Figura 20 e Anexo 4 – 11).

Para compensar as zonas de vista, estas bancadas, estendem-se sempre ao longo da parede onde se situa o vão, podendo o morador evitar a vista e a luz directa sempre que o desejar. Se os vãos existentes garantem a vista, introduziram-se outros, acima dos existentes, que garantem iluminação, sem vista, ou apenas com vista para o céu, numa posição mais alta e que aumenta a luz que chega ao espaço, sem que isso interfira com a privacidade do morador. O contacto entre o tecto e as paredes divisórias, e estas e a parede exterior, é feito através de vidro fosco que permite que o utilizador perceba se existe ou não ocupação do espaço ao seu lado. Por outro lado, esta zona em vidro permite a separação clara entre os elementos existentes e a nova intervenção. É necessário, para além do mais, considerar que estes espaços, embora se designem por espaços individuais, podem receber mais pessoas (Ver Anexo 4 – 15 Tipologias 1 e 3).

Garantindo apenas os limites mais rígidos na transição entre as circulações e os espaços individuais, através dos paramentos ocupados por armários, prateleiras e estantes, e entre estes espaços, através de paredes lisas com zonas transparentes ou

¹³⁷ Como apresentado por Gaston Bachelard na sua obra *A Poética do Espaço*. S. Paulo: Martins Fontes, 2003.



Figura 21 – Claustro dos Capuchos

semitransparentes, a iluminação necessária para os espaços passível de ser controlada e a vista sobre a cidade emoldurada e passível de ser ocultada, estão propiciados espaços que o morador ocupará, poderá utilizar à sua maneira, caracterizando como desejar, colocando aí “as coisas da sua vida”¹³⁸. Assim, o espaço passa a ser do próprio, daquele que o utiliza, pode ter a imagem que o utilizador desejar sem que isso altere a estrutura topológica do edifício, as necessidades de *recolhimento*, *isolamento* e *silêncio* e a capacidade de ser *retiro* face à relação com a comunidade.

7.3.2 Espaços Partilhados

Os espaços partilhados, isto é, os espaços para pequenos grupos e o espaço de trabalho comum, situam-se (com a excepção da zona de estar e de refeições) na relação com o claustro (Ver figura 21). Nesse caso, o acesso é delimitado, como no caso dos espaços individuais, por uma zona de transição entre o limite mais rígido e opaco com o corredor e por um limite mais transparente com o espaço interior, que resolvem grande parte da arrumação necessária para estes espaços. Os vãos existentes garantem a iluminação necessária e são aqui mantidos na dimensão e na localização existente por estarem orientados a Norte e a Este e por os espaços necessitarem de mais iluminação dado serem áreas consideravelmente superiores às dos espaços individuais.

A luz na zona de trabalho faz com que as pessoas se mantenham juntas, como afirmado no capítulo designado “Espaço para um grupo pequeno”, em especial quando essa luz incide sobre a mesa de trabalho, preocupação essa a que aqui se procurou responder. Para além das janelas existentes, introduzem-se bandeiras, acima das mesmas para possibilitar a iluminação do espaço sem que a vista interfira com o mesmo. Para além disso, todas as características destes espaços, como as zonas em vidro fosco, as bancadas junto à janela, e a maneira como se relacionam os espaços com a envolvente são idênticas às utilizadas nos espaços individuais. (Ver Anexo 4 – 15 Tipologia 2)

Por seu lado, no que se refere ao espaço de trabalho/estudo partilhado existente apenas no 2º piso, com pé direito muito superior, e cujo objectivo é cada utilizador poder requisitar uma mesa para trabalhar/estudar, este não necessita de ver alterada a sua métrica de vãos, através da introdução de bandeiras, dado que os vãos existentes já são muito altos, permitindo que bastasse colocar a zona que pode ser fechada até meia altura, obstruindo a vista, mas deixando que se possa olhar o céu e ter iluminação no espaço. Não

¹³⁸ “Things from your own life” como definidas por ALEXANDER, Christopher et al.(1977). *A pattern language: towns, buildings, construction*. New York: Oxford University Press, 1977.



Figura 16 – Vista para o interior do Claustro a partir do patamar do piso 1

existem aí mesas isoladas, mas antes mesas corridas largas em frente a cada janela, utilizáveis por ambos os lados e que permitem que quem se encontra a utilizar esse espaço tenha o máximo de luz possível onde ela é necessária, remetendo para os espaços com luz menos intensa, ao longo das paredes, as zonas de arrumação a que os utilizadores podem recorrer sempre que desejarem. Acedendo-se a este espaço a Sul, pode sair-se dele para o coro alto da igreja pelo limite Norte, e assim ter um espaço de reflexão afastado daquele a que o público em geral tem acesso.

7.3.3 Espaços para habitação

O último piso possui, ao invés dos espaços individuais de trabalho/estudo como acontece nos dois pisos abaixo deste, pequenos estúdios individuais ou partilhados, (seguindo a mesma lógica dos espaços localizados nos pisos inferiores) que utilizam o pé direito conseguido com o espaço desocupado deixado pela estrutura de madeira da cobertura.¹³⁹ As preocupações com estes estúdios aproximam-se às dos restantes espaços, fazendo sempre o acesso para o espaço central da habitação atenuado, neste caso pela zona da casa-de-banho e cozinha (apenas nos estúdios individuais), com a iluminação a incidir na zona da mesa, com a bancada corrida de trabalho na parede exterior, mediando o existente com a nova intervenção. Ambos os espaços podem ser encerrados, e quem visita o estúdio nem se aperceberá da existência destas valências. As zonas de dormir situam-se no piso superior, aproveitando a zona de maior pé-direito, e a luz conseguida com recurso a clarabóias colocadas no tecto sob as pequenas secretarias existentes junto à cama. Desta forma, a privacidade está garantida e os estúdios podem ser utilizados como os espaços individuais ou partilhados, sem que isso interfira com a esfera mais privada da pequena habitação. (Ver Anexo 4 – 15 Tipologia 4 e Anexo 4 - 16)

7.3.4 Espaços Públicos

Considerando a esfera mais pública do Centro de Estudos, a que se acede através do átrio, esta situa-se no piso da antiga cave do convento, que se prolonga para além dos limites deste, utilizando, na zona inferior do convento, os espaços que aí já existiam. Chegando ao piso inferior, a zona arqueada constituirá o corredor de acesso a todas as *salas* situadas a Este deste e às zonas de sanitários a Oeste, e culminará no foyer que

¹³⁹ Esta localização deve-se também ao facto de ser o piso mais distante dos circuitos públicos e a escolha de colocar alguma habitação no complexo prende-se com o facto de garantir a utilização, pelo menos de alguns espaços ao longo de todo o dia.



Figura 23 – Imagem do interior da Cisterna do Convento dos Capuchos.

permite o acesso ao auditório, à Biblioteca e à cisterna, da qual já é possível avistar o exterior.

A transição do corredor de acesso para as *salas* de aula é anunciada por molduras de madeira salientes da parede limite, onde se colocam as portas das *salas*. Desta forma, a nova intervenção destaca-se do existente, preservando-o tal qual ele é. Estas molduras ganham volume e funcionam como a transição para o interior da *sala*, para a esfera mais privada, passando pela zona de acesso às arrecadações da *sala*, e garantindo, por estas já se encontrarem sob a plataforma de acesso público, a iluminação para a zona de cave, através de entradas de luz colocadas sob os canteiros da plataforma¹⁴⁰. O espaço central das *salas* possuem vistas para o exterior para os espaços ajardinados entre o edifício do centro de estudos e os edifícios que definem o limite da cerca, através de janelas adossadas à parede que aparentam ser quadros colocados na mesma quando vistos do exterior, e garantem profundidade quando vistas pelo interior. Para além disso, a simplicidade do seu desenho e a existência de pontos de água, arrecadações e acesso ao jardim permitem uma multiplicidade de usos. (Ver Anexo 4 – 8)

No que diz respeito ao foyer, este é o espaço que articula o corredor existente com as zonas mais públicas e por isso apresenta de forma distinta uma zona de estar das zonas de circulação, de modo a que os percursos não se cruzem. O Auditório possui aberturas a Oeste e a Sul, que podem ser facilmente encerradas, e que garantem que este espaço pode relacionar-se com o exterior, mas também funcionar como *black box*. A biblioteca ocupa os outros dois limites em torno da cisterna e utiliza a zona das janelas para criar *nichos* de leitura, deixando as zonas mais interiorizadas para as estantes¹⁴¹.

À cisterna tem-se acesso através de uma escada situada no foyer, de onde esta pode ser vista como uma caixa semienterrada cuja função permanece incógnita. Esta desce numa única direcção até a uma plataforma sobre a água que permite a visita à cisterna onde se recolhe parte das águas do complexo e que pode ser utilizada para exposições ou outras intervenções artísticas. A cisterna é um espaço de grande interioridade, iluminado apenas pelas aberturas zenitais existentes sobre o espelho de água construído por cima da cisterna, à cota da plataforma pública do convento (Ver figura 23). Todos os outros espaços

¹⁴⁰ Esta transição garante que, independentemente dos cursos ou workshops que decorram no interior destas salas, as zonas de acesso livre como a cisterna ou a biblioteca possam ser acedidas sem perturbar as aulas.

¹⁴¹ As janelas orientam-se para a zona exterior da cisterna e por isso não se relacionam directamente com a zona de circulação mais pública.



Figura 24 – Materialidades escolhidas para o Centro de Estudos

apresentam janelas como as descritas para as *salas* e que ocultam a existência de espaços ocupados sob a plataforma, conferindo-lhe uma aparência maciça e despojada, deixando o convento como área em destaque.

7.3.5 Caracterização espacial (Ver Anexo 4 – 14 e Anexo 4 - 16)

Na caracterização dos espaços interiores optou-se pelo uso de matérias de pequena escala e de cores quentes por forma a aumentar a noção de conforto do espaço sem que isso dependa dos objectos e mobiliário. Por possuírem muitos dos espaços prateleiras embutidas, armários e estantes em madeira, o espaço ganha desde logo uma caracterização que, à partida acolhedora, será essencialmente caracterizada pela forma como essas são ocupadas pelo morador. Para além disso, as paredes lisas, que não sejam pré-existent, serão sempre texturadas e de cor quente o que reforçará a sensação de acolhimento. As paredes existentes, na sua maioria exteriores, apresentar-se-ão pintadas, mantendo a forma, as imperfeições e todas as marcas que lhe foram feitas ao longo do tempo, garantindo que a história não é apagada, mas reinterpretada.

No exterior o convento apresentará a cor branca, com a caixilharia em madeira nas janelas de peito e nas bandeiras, sendo a separação entre elas em pedra. A plataforma e os edifícios envolventes serão em tijolo maciço com os limites, aros, e qualquer abertura no volume, em pedra, dando coerência estrutural ao conjunto. Desta forma este espaço ganha uma tonalidade quente, funcionando termicamente muito bem, pois no verão manterá a humidade da noite tornando o espaço mais fresco e no inverno manterá o calor, aquecendo o espaço (Ver figura 24).

Embora este edifício incluía estruturas pré-existent de diversas épocas, todas aquelas que não interferem com as necessidades da nova função são mantidas, pois o passado não se altera, nem se anula, preserva-se.

Para a cidade, esta cerca apresentava-se como uma série de grandes edificações, sem coerência entre elas e que não possuíam qualquer identidade na paisagem urbana. Com esta intervenção o convento de Santo António dos Capuchos, como Centro de Estudos, ganha destaque, anulando os restantes edifícios, e aumentando a mancha verde que os envolve. Constitui-se como um *retiro* na cidade, isolado no cimo da colina, mas debruçando-se sobre esta. Como que subimos para um espaço próprio para olhar a cidade.

8. Conclusão

A *room of one's own*, conceito definido por Christopher Alexander, apresenta-se nesta dissertação como uma abordagem sobre uma série de conceitos, tipologias e espaços referidos por uma grande diversidade de autores que possuíam preocupações comuns mas cujos pontos de vista não tinham sido ainda confrontados.

A dissertação desenvolve uma série de conceitos, referências, tipologias e exemplos, que procuram desenvolver o conceito inicial, contribuindo para o seu enriquecimento, e procurando argumentos que o justifiquem e reforcem a sua importância.

O espaço individual, a personalidade individual, o indivíduo, o *recolhimento* de que ele necessita, o “seu” *silêncio*, o espaço para as “suas coisas” e para a “sua” identidade, aquelas que para a sua personalidade remete, que ele controla: este é o âmago da questão desenvolvida que pode ser revisitada noutros âmbitos ou contextos, mas que aqui se constrói como reflexão base para um projecto de arquitectura.

Espaços Próprios são necessários para cada um de nós, individual ou colectivamente, representam-nos, protegem-nos e contêm aquilo que de mais importante possuímos. Sem esta protecção, a que Hertzberger chama *ninho*, não temos a segurança suficiente para o contacto com outros. A arquitectura tem por obrigação criar espaços para todas as necessidades do Homem, devendo ter em especial atenção aqueles que servem de base para a vida humana. Os espaços próprios incluem-se nestes últimos e devem, por isso, ser alvo de especial enfoque no desenvolvimento dos projectos de arquitectura.

Nesta dissertação as constantes referências a autores como Alexander, de visão pragmática, complementam-se por completo aos pontos de vista mais abstractos de autores como Bachelard ou Yi-Fu Tuan. Desta forma, justificam-se as várias componentes e reforça-se a importância que estes *espaços próprios* merecem.

A procura não consistiu em fazer desta dissertação um dicionário de conceitos, definidos inequivocamente, de forma rígida e fechada, mas antes uma abordagem global, aberta, como que analisando problemáticas muito mais abrangentes, que podem individualmente ser alvo de pesquisas, mas que se conjugam no tema proposto. Tipificando e definindo conceitos constrói-se o enquadramento para outras abordagens a esta temática.

Se para a arquitectura as questões dos materiais, dos cheios e vazios, da luz e da sombra, das acessibilidades são a base da concepção dos espaços, nestes termos, uma aproximação como a que se procurou estabelecer, pode contribuir para uma compreensão da mútua interação destas variáveis nas relações entre as pessoas e destas com os espaços onde habitam. *Espaços próprios*, têm características específicas e merecem esta

preocupação com materialidades, luz, acústica por forma a serem qualificados nas suas especificidades. Desta forma, a presente dissertação teórica permitiu uma série de conhecimentos aplicados na intervenção no Convento de Santo António dos Capuchos para Centro de Estudos, mas que podem ser utilizados adequadamente noutras intervenções.

Capacitado para uma ou para um pequeno grupo de pessoas, um *espaço próprio* necessita de ter uma abertura com vista para o exterior, tão ampla quanto possível, mantendo sempre a possibilidade de ser iluminado sem a interferência desta vista. Se a mediação com o exterior deve ter a possibilidade de ser controlada, na mediação com os espaços contínuos devem existir aberturas, essencialmente aquelas que não interferem com a privacidade mas que permitem uma noção de segurança e de comunidade, como as bandeiras ou as janelas de vidros foscos. Para além disso, a transição entre os espaços de transição e o *espaço próprio* propriamente dito devem ser feitas de forma mediada, evitando uma vista total sobre o mesmo, e garantindo que o acesso de alguém ao espaço não implica necessariamente que a privacidade do seu *morador* seja posta em causa.

Um *espaço próprio* deve ser caracterizado por materiais de pequenas dimensões, à escala da mão do utilizador, para que o espaço, mesmo de pequenas dimensões, pareça maior, e que possam ser feitas pequenas alterações caso seja necessário. Para além disso, os materiais devem ser preferencialmente texturados. Possuindo as infraestruturas básicas, de preferência com capacidade para sofrerem ligeiras adaptações, o utilizador pode alterar pontos de luz, zonas com funções diferentes e introduzir equipamentos sem que isso implique esforços exagerados.

A pertinência do conceito ultrapassa claramente as questões arquitectónicas, aproximando-se à sociologia, à psicologia, à psicanálise, mas nunca esquecendo a realidade e a proximidade do tema face a cada um de nós. A pesquisa experienciada, conjuga-se com uma busca pelas definições teóricas, definidas por outros autores, bem como com projectos de arquitectura referenciados.

Este trabalho permite mostrar que uma nova forma de abordagem a um problema tão contemporâneo permite aproximações a outras áreas do conhecimento construindo uma noção mais complexa da realidade, ultrapassando os limites de determinadas disciplinas específicas. Para além disso, esta dissertação, ao ser desenvolvido como base para um projecto de arquitectura, possibilitou que fosse sendo averiguada a aplicabilidade e as formas como se podem definir espaços dessa natureza. A realidade em presença neste projecto condicionou fortemente a abordagem feita e por isso, em paralelo, os desenvolvimentos do âmbito teórico e prático, equilibraram a abordagem e foram mutuamente interferindo um no outro.

Este projecto final de mestrado, de âmbito consideravelmente vasto e com possibilidades de abordagem amplas, conformou aquelas que parecem ser as bases de uma pesquisa do tema genérico. Conclui-se assim uma pesquisa que pode ser novamente retomada noutra circunstância ou noutro contexto, possibilitando novas referências e outras abordagens que a possam enriquecer.

Um *espaço próprio*, como a arquitectura, não é estanque, preserva memórias, e guarda-as como num ninho, onde nos podemos encolher.

9. BIBLIOGRAFIA

AAVV. *Património Hospitalar, Património em risco.* Revista Pedra e Cal nº 46. Amadora: Canto redondo Edições, Abril 2010

ALEXANDER, Christopher et al.(1977). *A pattern language: towns, buildings, construction.* New York: Oxford University Press, 1977. 1016 pp. ISBN: 0-19-501919-9

BACHELARD, Gaston (1957). *A Poética do Espaço.* S. Paulo: Martins Fontes, 2003. 242 pp. ISBN: 85-336-0234-0

BLANCHAR, Maurice (1948). *Les temps de la poésie.* Paris, France. G.L.M., 1948

BOESIGER, Willy (1992). *Le Corbusier; oeuvre complete.* ed. Les Éditions d'Architecture; 1995, ISBN: 0-500-34038-2

BURGIN, Victor (1996). *In/Diferent Spaces: Place and Memory In Visual Culture.* Berkeley: University of California Press, 1996. 333 pp. ISBN: 0-520-20299-6

CAPITEL, A. (1988). *Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración.* Madrid, Alianza, 1992. ISBN: 0-8176-6036-4

FOUCAULT, Michel (1967). *Des espaces autres. Hétérotopies.* Paris, 1967. ISBN: 978-2-35526-033-9

GALFETTI, Gustau (1995). *Casas Refúgio/Private Retreats.* Barcelona: Editorial Gustavo Gili; 2002., ISBN: 8-4252-1899-3

GARCIA, Ana Rita (2002). *Instituição total (GOFFMAN): uma reflexão a propósito de centros de educação.* Lisboa; Gestin; 2002.

HALL, Edward (1966). *A Dimensão Oculta.* Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1986. 230pp. ISBN: 972-708-123-1

HENZE, Anton (1966). *Le Corbusier – La Tourette.* Fribourg; Office du Livre, 1966. ISBN: 0-8150-0052-9

HERTZBERGER, Herman (1991). *Lições de Arquitectura.* São Paulo: 2006. 272 pp. ISBN: 85-336-1034-3

KAHN, Louis (1998). *Conversations with Students*. Texas: Rice University: 2002. 93 pp. ISBN: 1-56898-149-X

KAHN, Louis (2003). *Essential Texts*. New York: W. W. Norton & C^a, 2003. 288 pp. ISBN: 0-393-73113-8

KLEIN, Alexander (1980). *Vivienda Mínima: 1906-1957*. Arquitectura/Prespectivas. Barcelona, Gustavo Gili, 1980. 363 pp. ISBN: 84-252-0965-X

LATOUR, Alessandra (1991). *Louis I. Kahn – escritos, conferencias y entrevistas*. Biblioteca de Arquitectura: El Croquis Editorial, Madrid, 2003. 363 pp. ISBN: 84-88386-28-1

HANSON, Julianne, HILLIER, Bill (1984). *The Social Logic of Space*. 4^a ed. Cambridge, Cambridge University Press, 1997. 281pp. ISBN: 0521367840.

MALNAR, Joy et al.(1992). *The Interior Dimension: A theoretical approach to enclosed space*. New York, Van Nostrand Reinhold, 1992. 364pp. ISBN: 0-442-23739-1

MARTINS, José Paulo (2006). *Os Espaços e as práticas – arquitectura e ciências sociais: habitus, estruturação e ritual (Tese de Doutoramento)*. Lisboa: FAUTL. 2006.

MCCARTER, Robert (2003). *Louis Kahn*. London: Phaidon, 2009. 484 pp. ISBN: 0-7148-4045-9

MONEO, Rafael (1985). *La vida de los edificios. Las ampliaciones de la mezquita de Córdoba*. Madrid: Revista Arquitectura nº 256: 1985.

NASCIMENTO, Mariana Correia Neves Crawford (2009). *O “mínimo” como espaço para habitar: caso de estudo: o Edifício da Madragoa*. Lisboa: Instituto Superior Técnico, 2009. Dissertação para obtenção do grau de Mestre de Arquitectura.

NORBERG-SCHULZ, Christian (1980). *Genius loci. Towards a phenomenology of architecture*. Londres: Academy Editions, 1980. ISBN: 0-847-80287-6

PEREC, George (1974). *Species of spaces and other Pieces*. London, England: New York, N.Y., USA: Penguin Books, 1997. 288 pp ISBN: 0-140-18986-6

PEREIRA, Michel t. (2000). *Construir os espaços físicos de uma universidade e Edifícios em destaque*. In Universidade de Aveiro. Arquitectura e Urbanismo. Lisboa: White & Blue, 2000

PILÃO, Célia; TACÃO Sandra (2011). *Colina de Sant'ana: Viagens pela Memória dos Lugares*. II Seminário – Património Hospitalar de Lisboa – Jornadas europeias do Património. Lisboa: 2011.

ROSSI, Aldo (2001). *A Arquitectura da Cidade*. Edições Cosmos. Lisboa. 2001. ISBN: 978-97-276-2126-2

SEGAUD, Marion (2007). *Anthropologie de l'espace – habiter, fonder, distribuer, transformer*. Collection Armand Colin; 10ª Edição; 2007; Paris. 288 pp. ISBN: 978-2-200-24815-4

SCURI, Piera (1995). *Design of Enclosed Spaces*. New York: Chapman & Hall, 1995. 181 pp. ISBN: 0-412-98961-1

YI-FU TUAN (1977). *Space and Place – The Perspective of experience*; Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997. 235 pp. ISBN: 0-8166-0884-9

ZUMTHOR, Peter (2006). *Atmosferas*. Barcelona; Gustavo Gili, 2006. 72 pp. ISBN: 978-84-252-2169-9

ANEXOS

A1 – *A Room of one's Own* por Christopher Alexander

A2 – Programa do projecto para o Centro de Estudos

A3 – Esquços do projecto para o centro de Estudos

A4 - Desenhos do Projecto

A 1 – A Room of one's Own por Christopher Alexander

... the *Intimacy Gradient* (127) makes it clear that every house needs rooms where individuals can be alone. In any household which has more than one person, this need is fundamental and essential – *The Family* (75), *House for a small family* (76), *House for a couple* (77). This pattern, which defines the rooms that people can have to themselves, is the natural counterpart and complement to the social activity provided for in *Common areas at the heart* (129).

* * *

No one can be close to others, without also having frequent opportunities to be alone.

A person in a household without a room of his own will always be confronted with a problem: he wants to participate in family life and to be recognized as an important member of that group; but he cannot individualize himself because no part of the house is totally in his control. It is rather like expecting one drowning man to save another. Only a person who has a well-developed strong personal self, can venture out to participate in communal life.

This notion has been explored by two American Sociologists, Foote and Cottrell:

There is a critical point beyond which closer contact with another person will no longer lead to an increase in empathy. (A) Up to a certain point, intimate interaction with others increases the capacity to empathize with them. But when others are too constantly present, the organism appears to develop a protective resistance to responding to them... this limit to the capacity to empathize should

be taken into account in planning the schools and the housing of individual families. (B) Families who provide time and space for privacy, and who teach children the utility and satisfaction of withdrawing for private reveries, will show higher average emphatic capacity than those who do not. (Foot, N. and L. Cottrell, *Identity and Interpersonal Competence*, Chicago, 1955, pp. 72-73,79.)

Alexander Leighton has made a similar point, emphasizing the mental damage that results from a systematic lack of privacy ["Psychiatric Disorder and Social Environment" *Psychiatry*, 18 (3), p. 374, 1955].

In terms of space, what is required to solve the problem? Simply, a room of one's own. A place to go and close the door; a retreat. Visual and acoustic privacy. And to make certain that the room is truly private, they must be located at the extremities of the house: at the ends of building wings; at the ends of the *Intimacy Gradient* (127); far from the common areas.

We shall now look at the individual members of a family one at a time, in slightly more detail.

Wife. We put the wife first, because, classically, it is she who has the greatest difficulty with the problem. She belongs everywhere, and every place inside the house is in a vague sense hers – yet it is only very rarely that the woman of the house has a small room which is specifically and exclusively her own. Virginia Woolf's famous essay "A room of one's own" is the strongest and most important statement on this issue – and has given this pattern its name.

Husband. In older houses, the man of the house usually had a study or a workshop of his own. However, in modern houses and apartments, this has become as rare as the woman's own room. And it is certainly just as essential. Many a man associates his house with the mad scene of young children and the enormous demands put on him there. If he has no room of his own, he has to stay at his office, away from home, to get peace and quiet.

Teenagers. For teenage children, we have devoted an entire pattern to this problem: *Teenager's Cottage* (154). We have argued there that it is the teenagers who are faced with the problem of building a firm and strong identity; yet among the adults, it is the young who are most often prevented from having a place in the home that is clearly marked as their own.

Children. Very young children experience the need of privacy less – but they still experience it. They need some place to keep their possessions, to be alone at times, to have a private visit with a playmate. See *Bed cluster* (143) and *Bed alcove* (188). John Madge has written a good survey of a family's need for private space ("Privacy and social interaction" Transactions of the Bartlett Society, Vol. 3, 1964-65), and concerning the children he says:

The bedroom is often the repository of most of these items of personal property around which the individual builds his own satisfactions and which help to differentiate him from the other members of the inner circle of his life – indeed he will often reveal them more freely to a peer in age and sex than to a member of his own family.

In summary then, we propose that a room of one's own – an alcove or bed nook for younger children – is essential for each member of a family. It helps develop one's own sense of identity; it strengthens one's relationship to the rest of the family; and it creates personal territory, thereby building ties with the house itself.

Therefore:

Give each member of a family a room of his own, especially adults. A minimum room of one's own is an alcove with desk, shelves and curtains. The maximum is a cottage – like a *Teenager's Cottage* (154), or an *Old age cottage* (155). In all cases, especially the adult ones, place these rooms at the far ends of the intimacy gradient – far from the common areas.

* * *

Use this pattern as an antidote to the extremes of “togetherness” created by *Common areas at the heart* (129). Even for small children, give them at least an alcove in the communal sleeping area – *Bed Alcove* (188); and for the man and woman, give each of them a separate room, beyond the couples realm they share; it may be an expanded dressing room – *Dressing room* (189) – a home workshop – *Home Workshop* (157) – or once again, an alcove off some other room – *Alcoves* (179), *Workspace enclosure* (183). If there is no money for it, it may even be possible to give a person a cottage, attached to the main structure – *Teenager’s Cottage* (154), *Old age cottage* (155). In every case there must at least be room for a desk, a chair, and *Things from your life* (253). And for the detailed shape of the room, see *Light on the two sides of every room* (159) and *The shape of indoor Space* (191).

(...)

A 2 – Programa do projecto para o Centro de Estudos

CENTRO DE ESTUDOS DE SANTO ANTÓNIO DOS CAPUCHOS

Indicações iniciais		Quant.	Área unidade (m ²)	Área Total (m ²)
CISTERNA PISO -2				
Cisterna	Visitável para exposições / Manter alguma água no interior	1	150	150
CENTRO DE ESTUDOS - PISO -1				
Salas Polivalentes	Para as aulas, workshops, reuniões (≈ 80m ²)	7	95	665
Áreas de Apoio	Zonas de águas e arrumos (≈ 20m ²)	14	29	406
Foyer	Articulado com outras funções	1	200	200
Auditório	Potencialmente utilizável de forma autónoma	1	300	300
Apoio Auditório	Tão discretos quanto possível	1	100	100
Instalações Sanitárias	Publicas para as salas e para o auditório	1	50	50
Biblioteca	Potencialmente utilizável de forma autónoma	1	320	320
Arquivo e Apoios	Preferencialmente nas zonas sem iluminação directa	1	159	159
Acessos	De preferência em zonas opostas no complexo	2	50	100
Circulações	Área mínima possível / Utilização das circulações para outros fins (exposição, zonas de estar...)	1	200	200
ÁREA TOTAL - PISO -1				2500
ÁREA TOTAL DISPONÍVEL - PISO -1				2500
ÁREA TOTAL				
ÁREA TOTAL DISPONÍVEL				
ZONA COMUM - PISO 0				
Igreja	Reabilitação mantendo uso Religioso	1	500	500
Claustro (Zona Coberta)	De acesso livre e sem controlo por parte da recepção	1	160	160
Claustro (Zona Descoberta)		1	120	120
Átrio	Associado ao Claustro	1	90	90
Recepção / Bengaleiro	Acesso independente face à igreja e à zona da Administração	1	20	20
Zona de Divulgação	Ocupando uma zona de destaque e com relação directa com a plataforma exterior	1	210	210
Zona de Estar, Leitura, Internet	Associado à Zona de Divulgação e com acesso ao exterior	1	80	80
Exposição permanente	Para recepção do espólio do Hospital	1	100	100
Acessos	Quer para o público, quer de serviço apenas para a zona da Administração	3	100	300
Instalações Sanitárias de Serviço	Na zona de Administração	1	20	20
Arrumos	Na zona de Administração	2	20	40
Secretariado	Com acesso individualizado / 4 Salas	1	120	120
Sala Pessoal	Junto ao Secretariado	1	30	30
Acesso de Serviço	Na zona de Administração	1	30	30
Circulações	Área mínima possível, utilizando o claustro para o	1	0	0

A ROOM OF ONE'S OWN

efeito

ÁREA TOTAL DA ZONA COMUM - PISO 0	1700
ÁREA TOTAL DISPONÍVEL	
- PISO 0	1700

ESPAÇOS PRÓPRIOS - PISO 1 e 2

Zonas de Trabalho Individual	Com vista controlada para o exterior / Passíveis de serem associados	16	13	208
Zonas de Trabalho de Grupo	Com vista para o claustro	3	30	90
Instalações Sanitárias	Colocadas junto a um dos acessos	1	12	12
Zonas Comuns	Com vista para o claustro	1	70	70
Acessos	De preferência nos extremos das zonas de circulação	2	45	90
Circulações	De preferências virados para o Claustro	1	100	100
Sala de Conferências	Na zona de pé direito mais elevado	1	130	130
Gabinetes Administração		4	30	120
Direcção		1	60	60
Sala de Reuniões		1	60	60

ÁREA TOTAL - PISO 2 810

ÁREA TOTAL - PISO 3 700

ÁREA TOTAL DISPONÍVEL - PISO 2 810

ÁREA TOTAL DISPONÍVEL - PISO 3 700

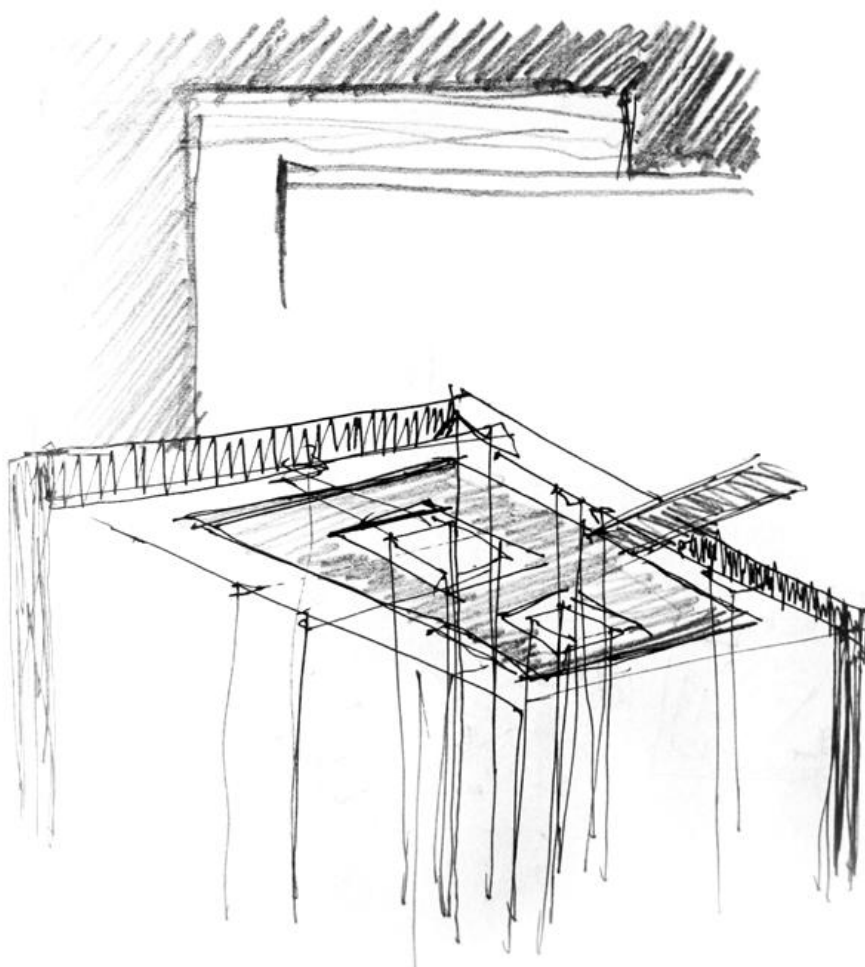
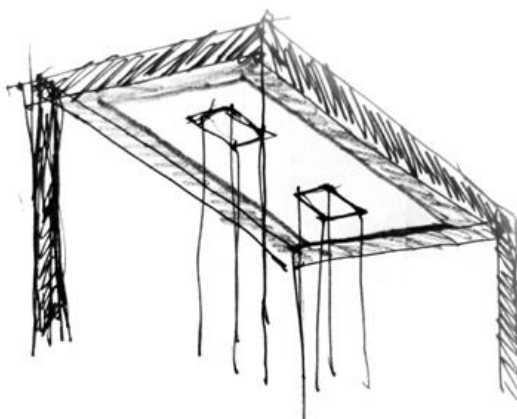
BIBLIOTECA - PISO 3

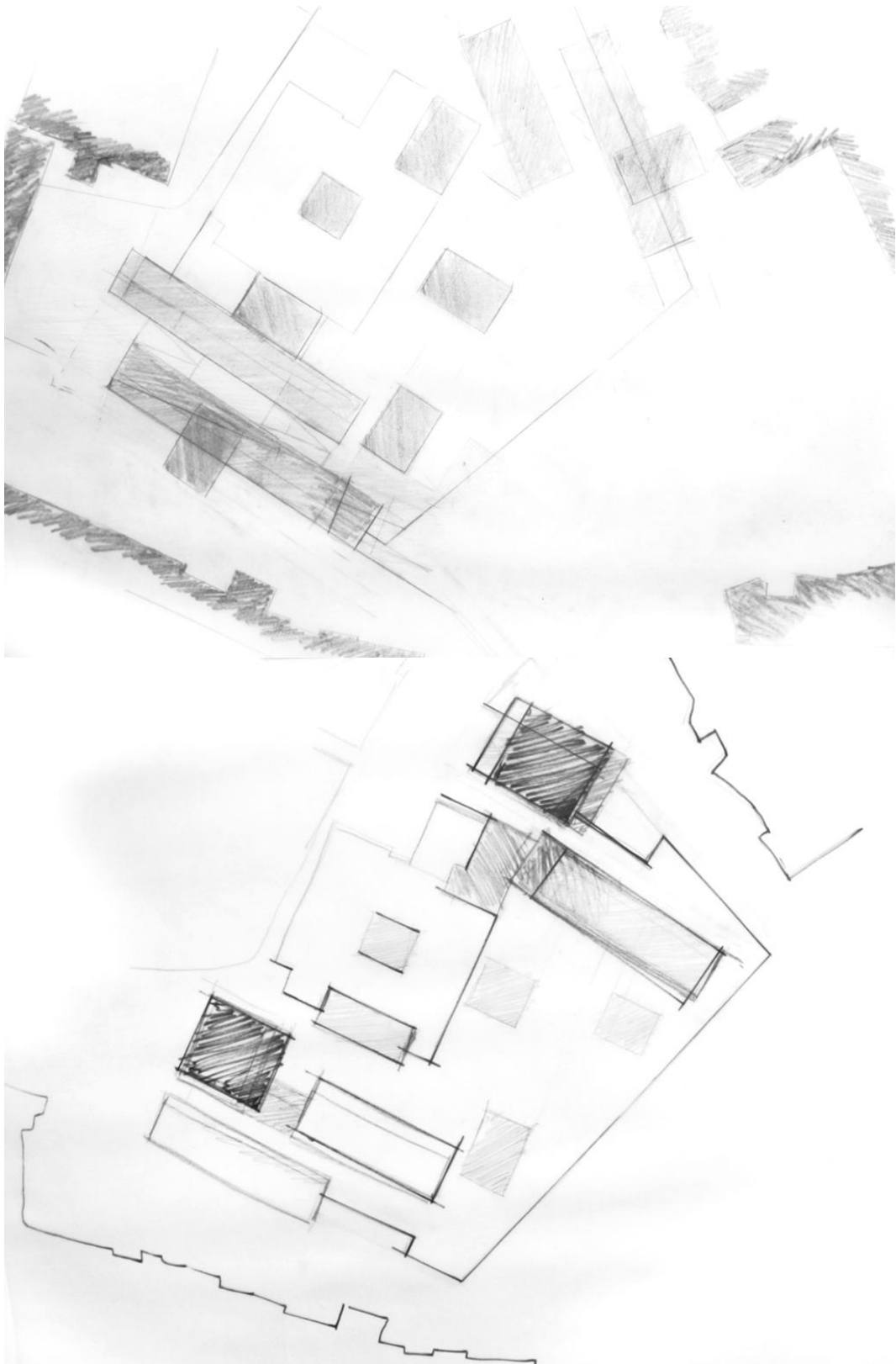
Estudios Individuais	Com vista controlada para o exterior / Passíveis de serem associados	16	20	320
Zonas Comuns	Com vista para o claustro	1	80	80
Acessos	De preferência nos extremos das zonas de circulação	2	100	200
Circulações	De preferências virados para o Claustro	1	100	100

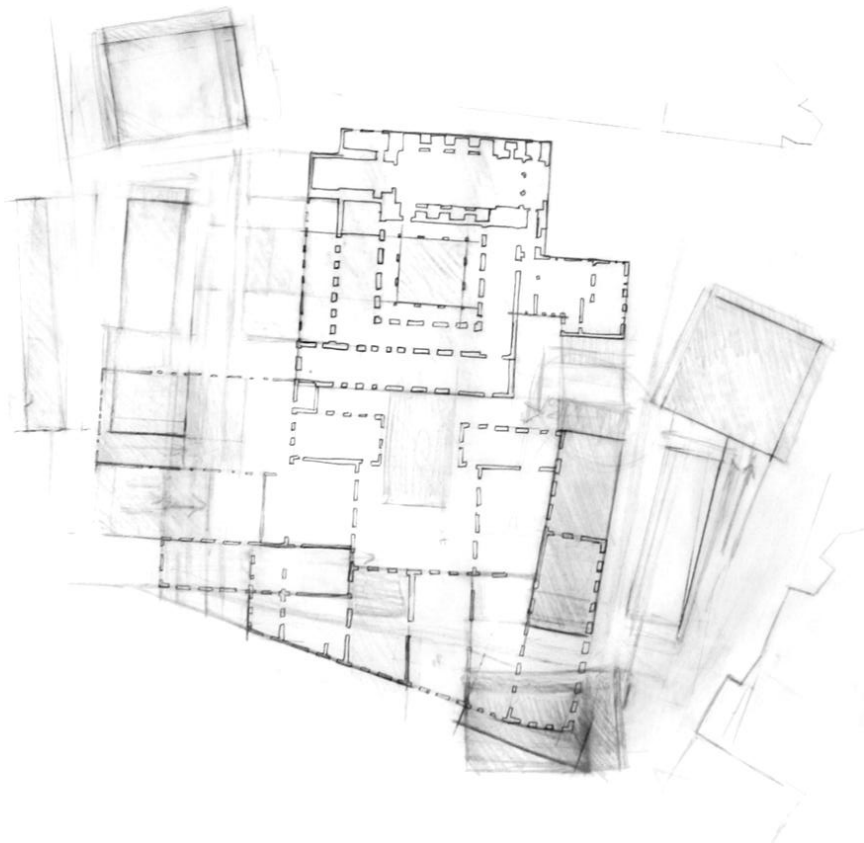
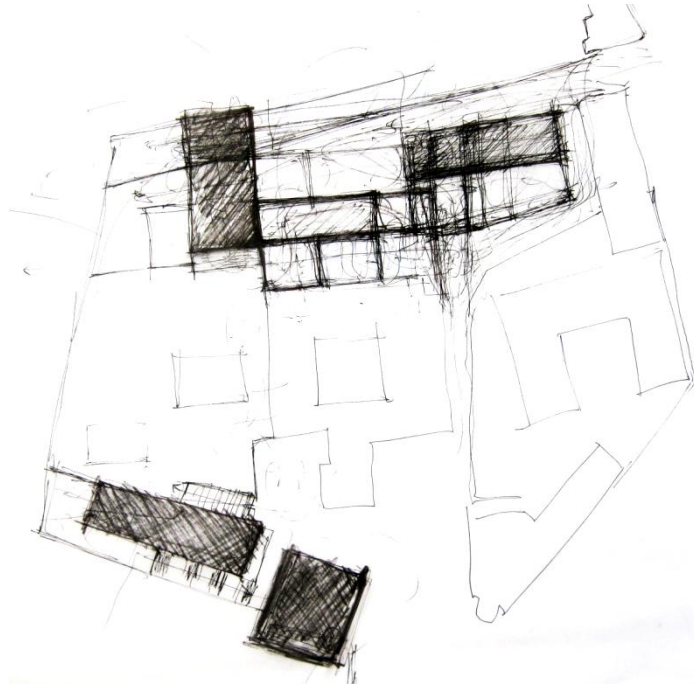
ÁREA TOTAL - PISO 3 700

ÁREA TOTAL DISPONÍVEL - PISO 3 700

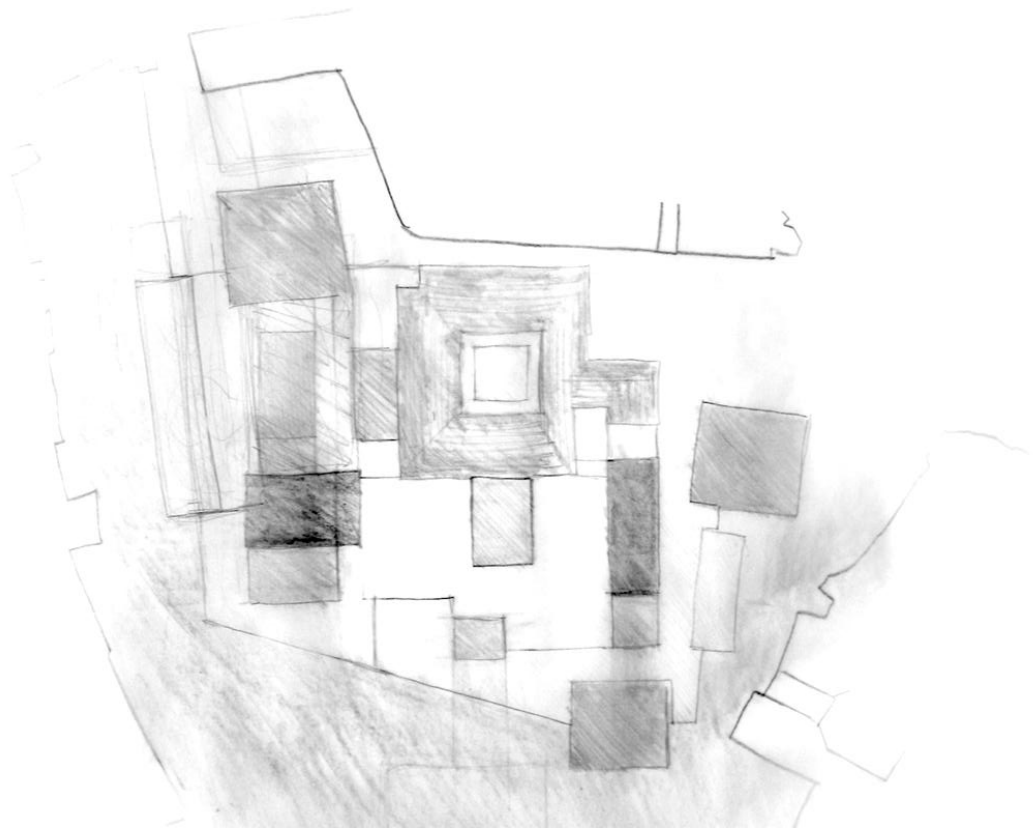
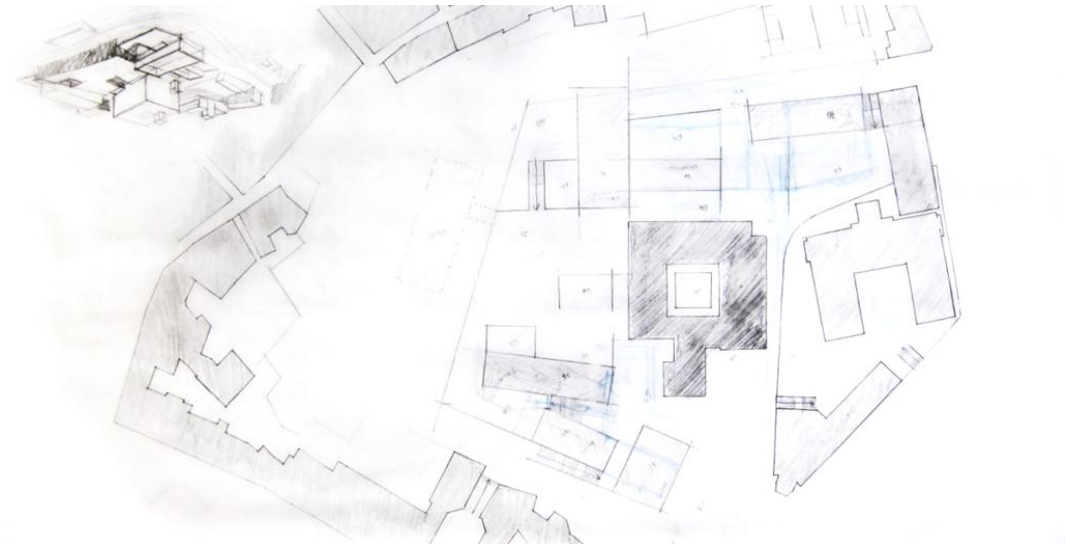
A 3 – Esquços do projecto para o Centro de Estudos

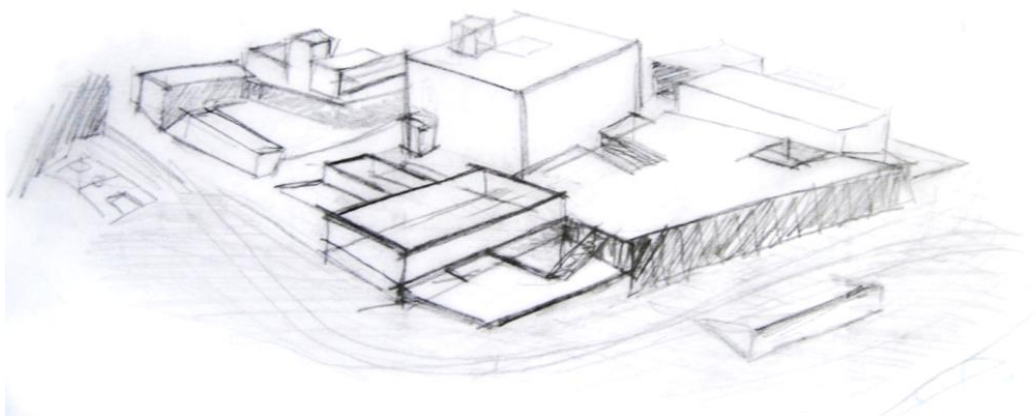
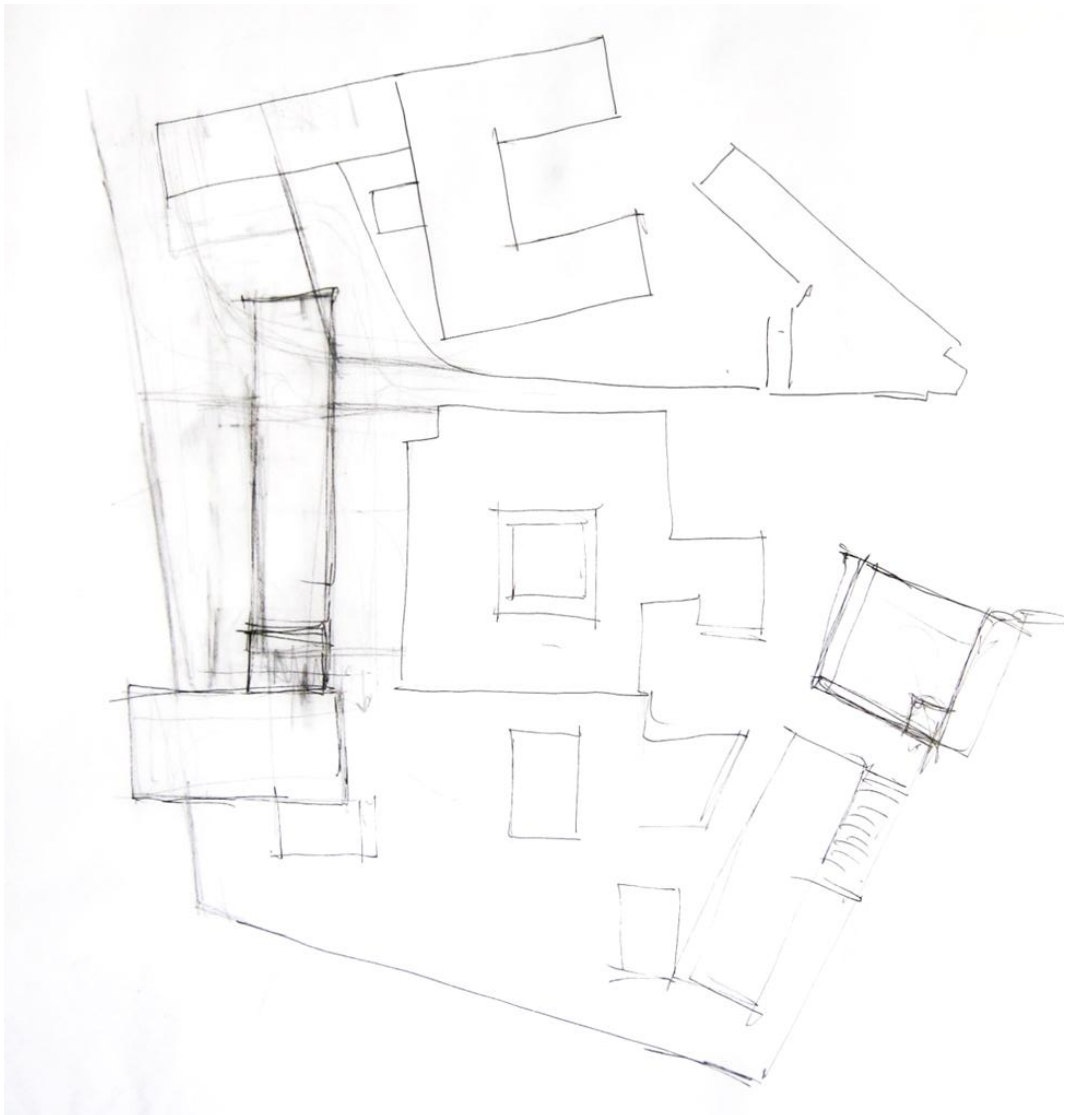




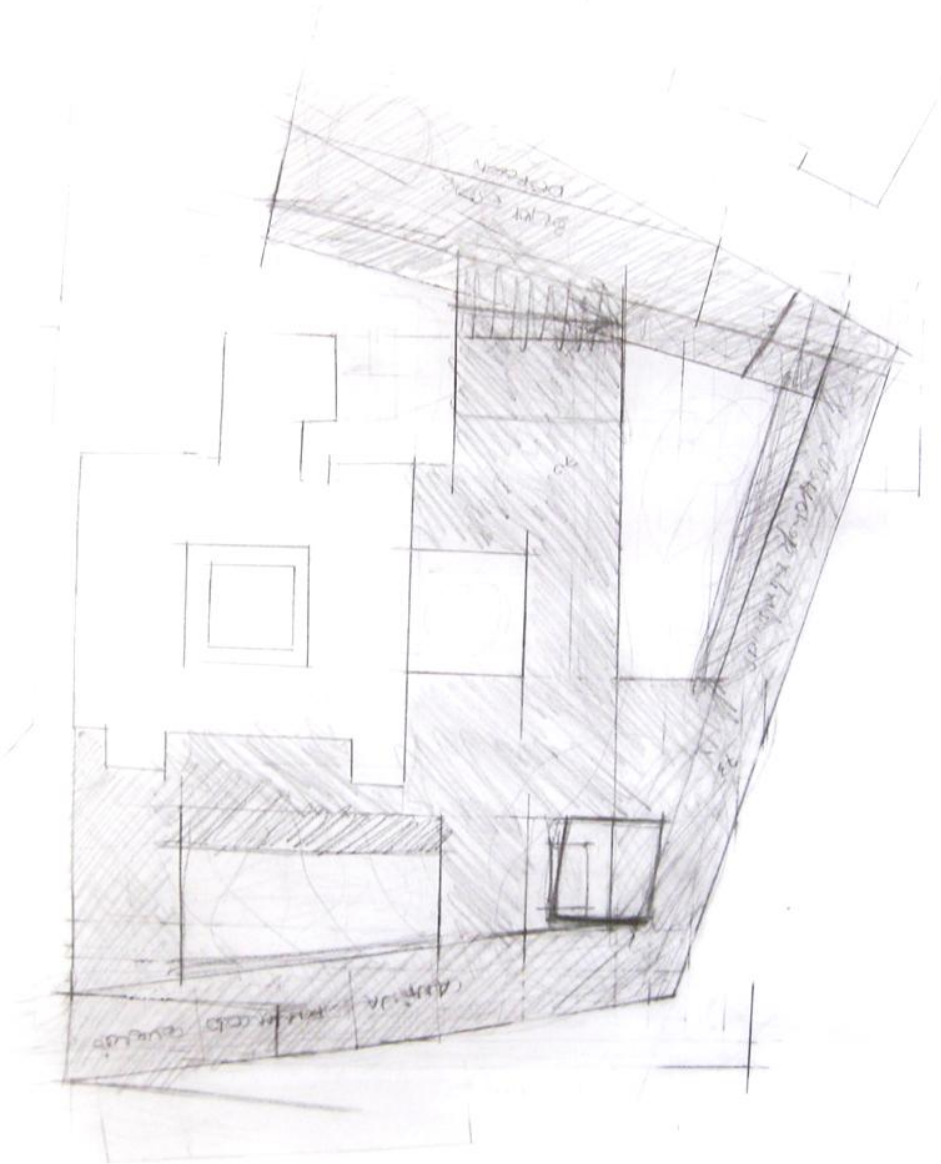


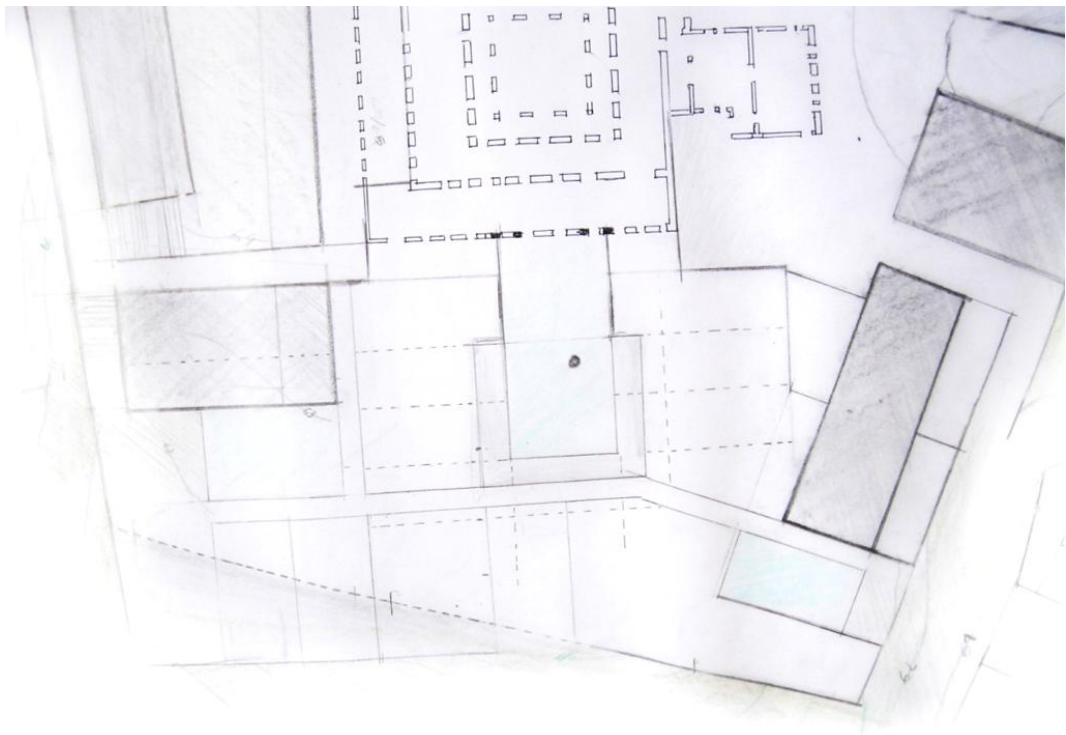
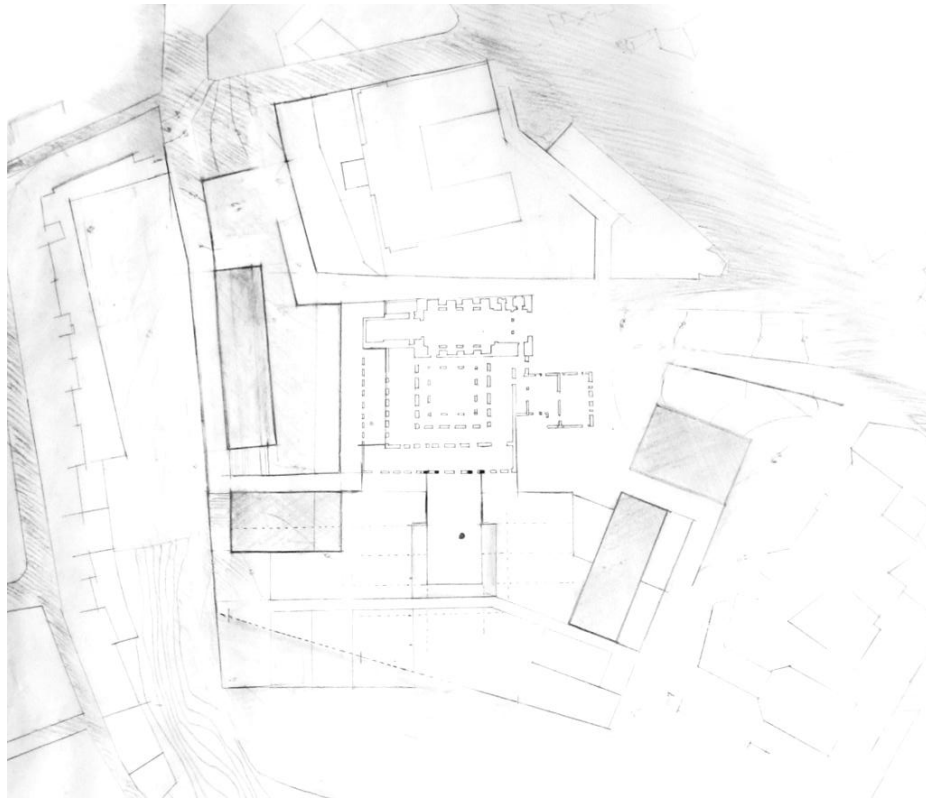
A ROOM OF ONE'S OWN

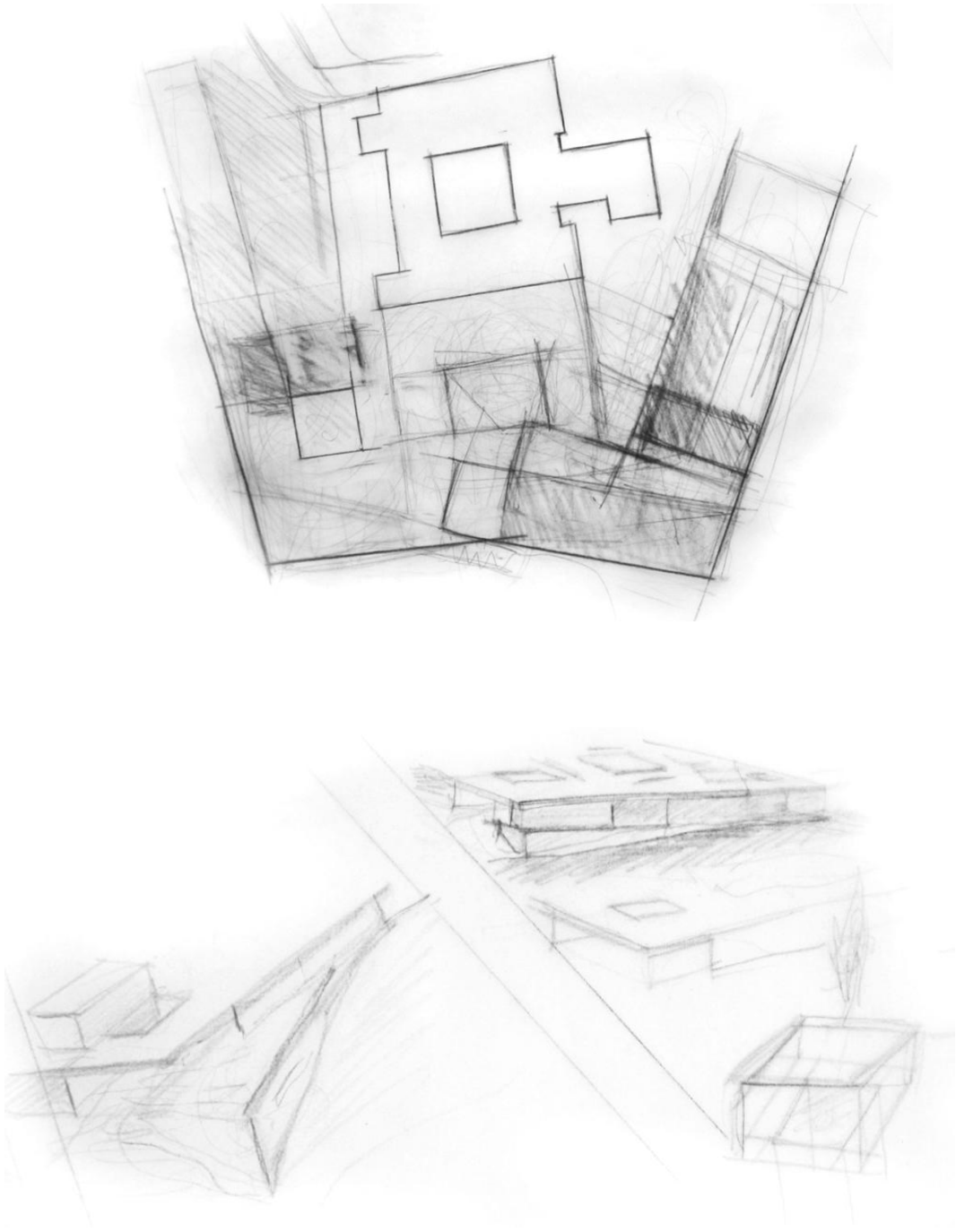


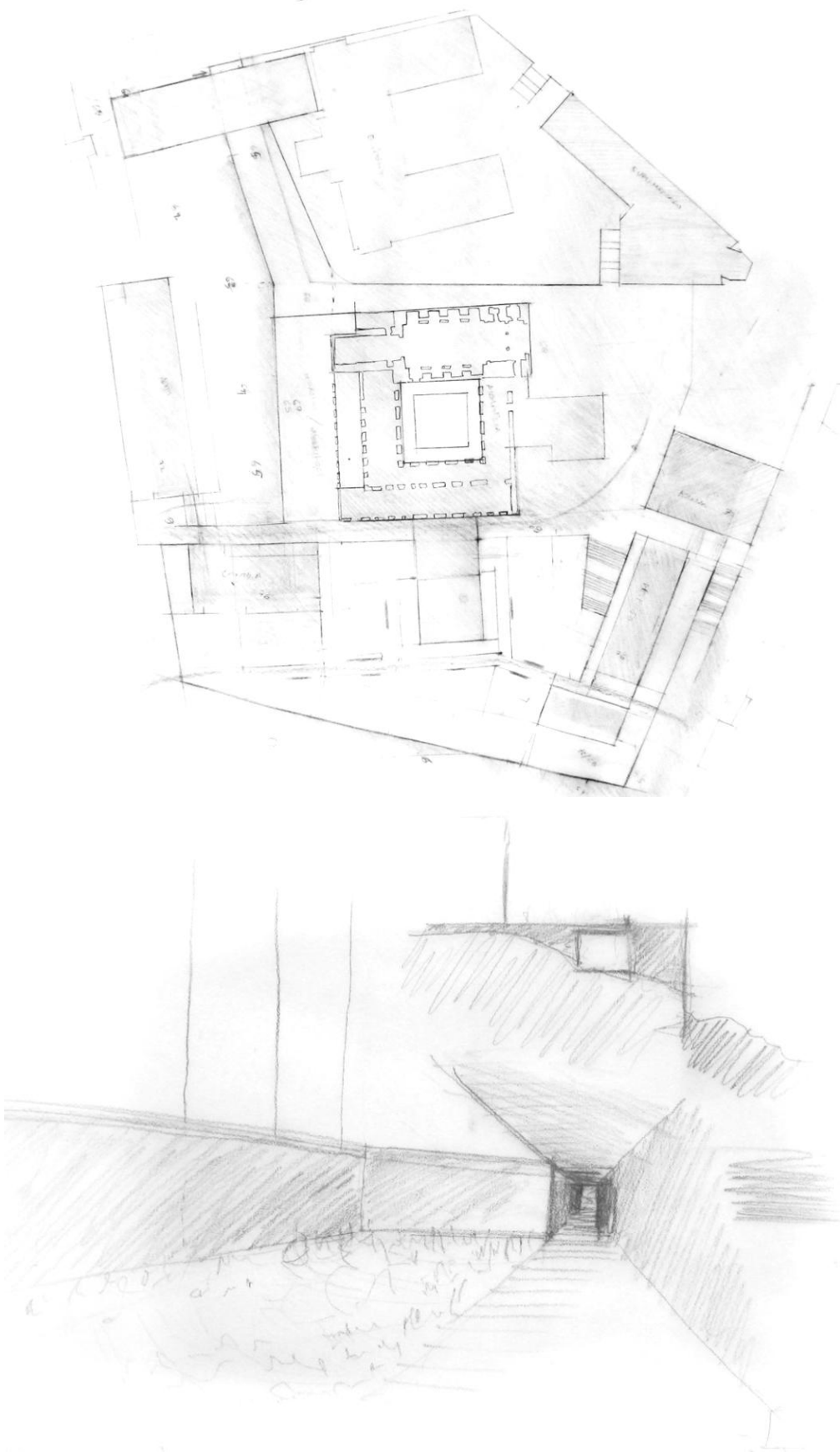


A ROOM OF ONE'S OWN

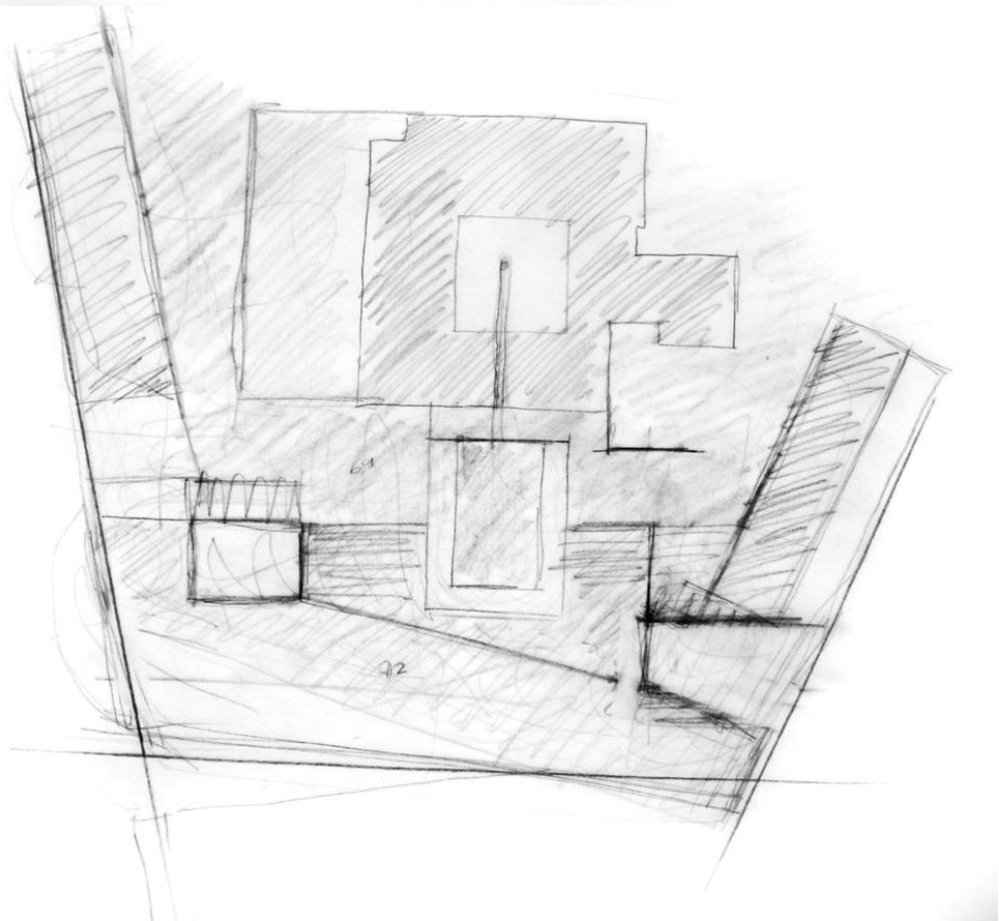
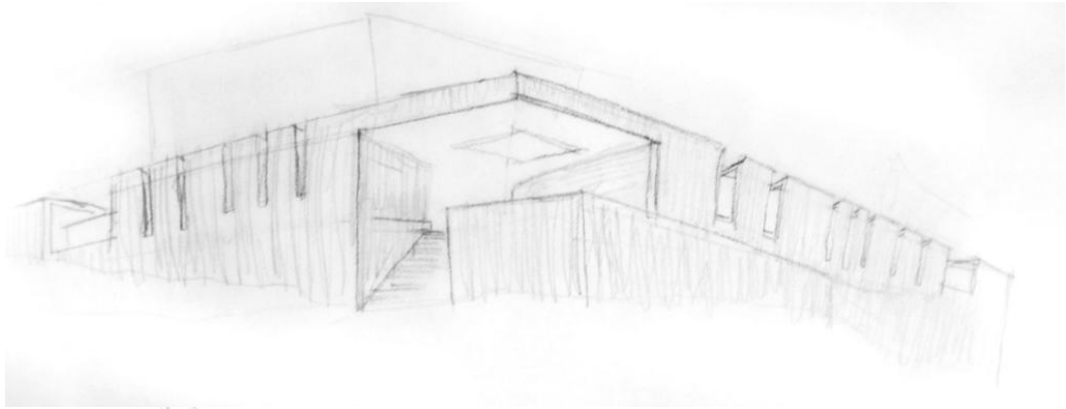


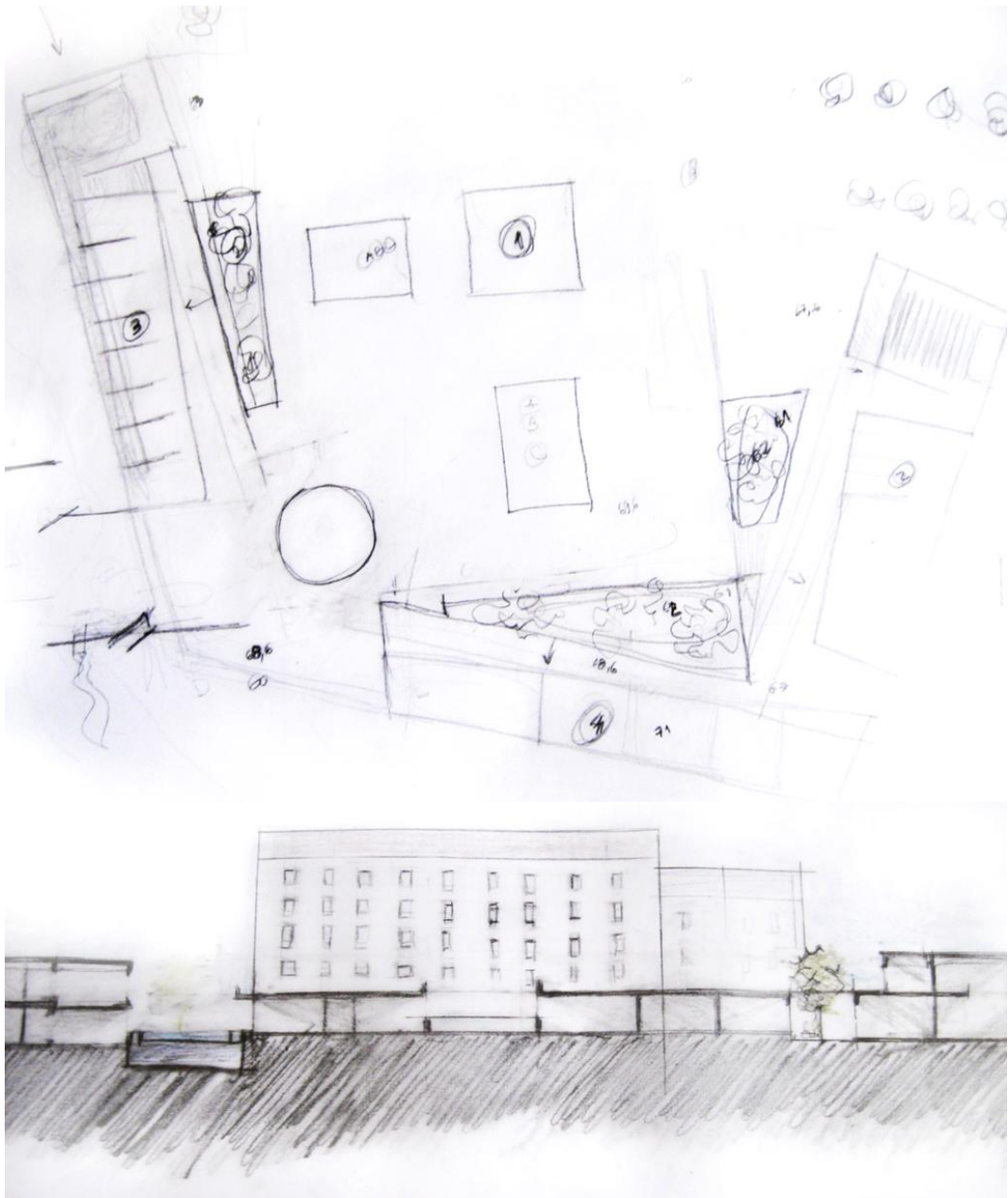




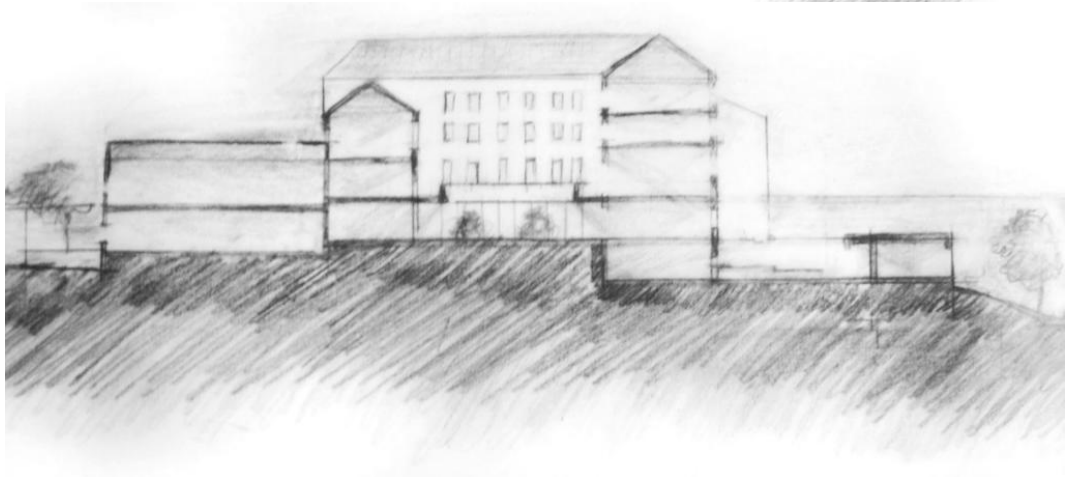
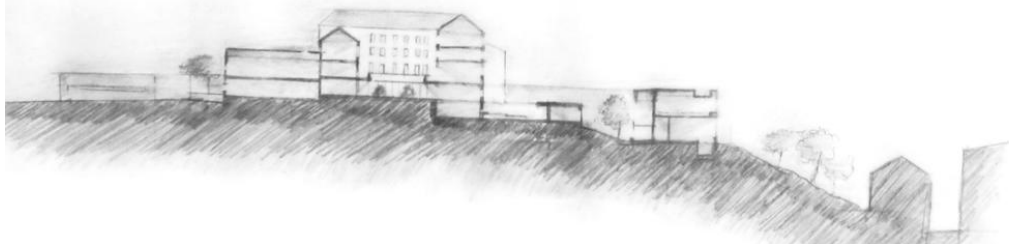
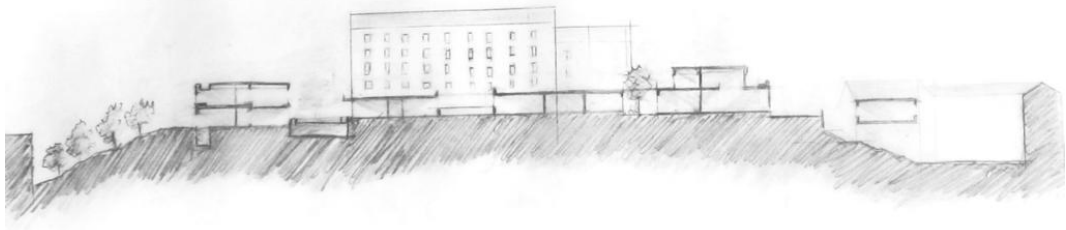
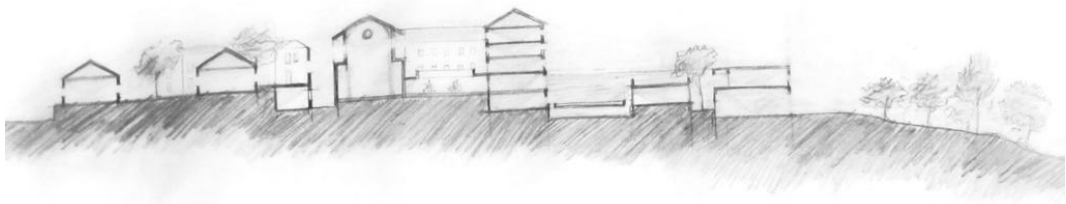


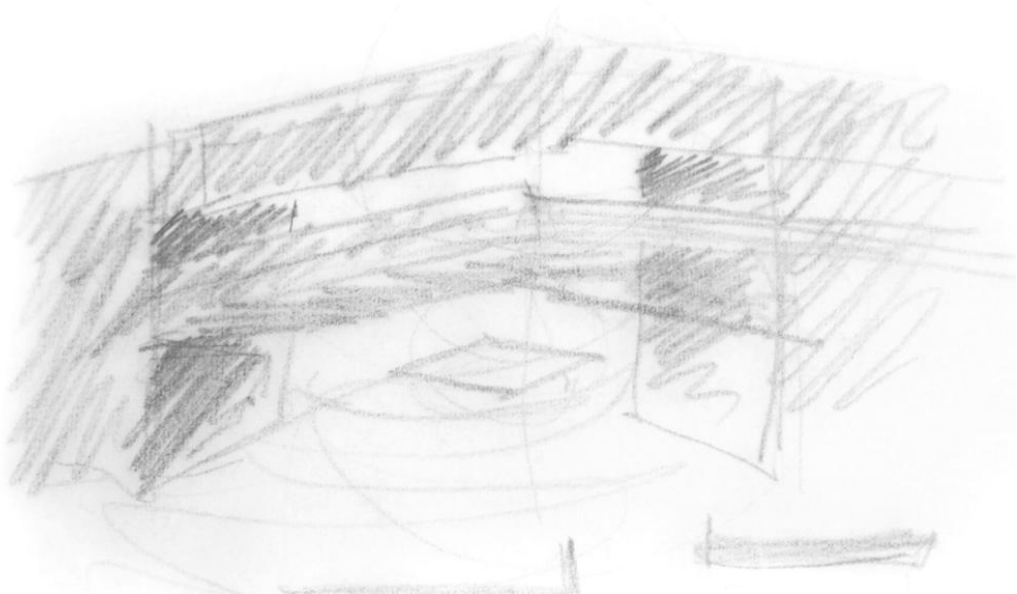
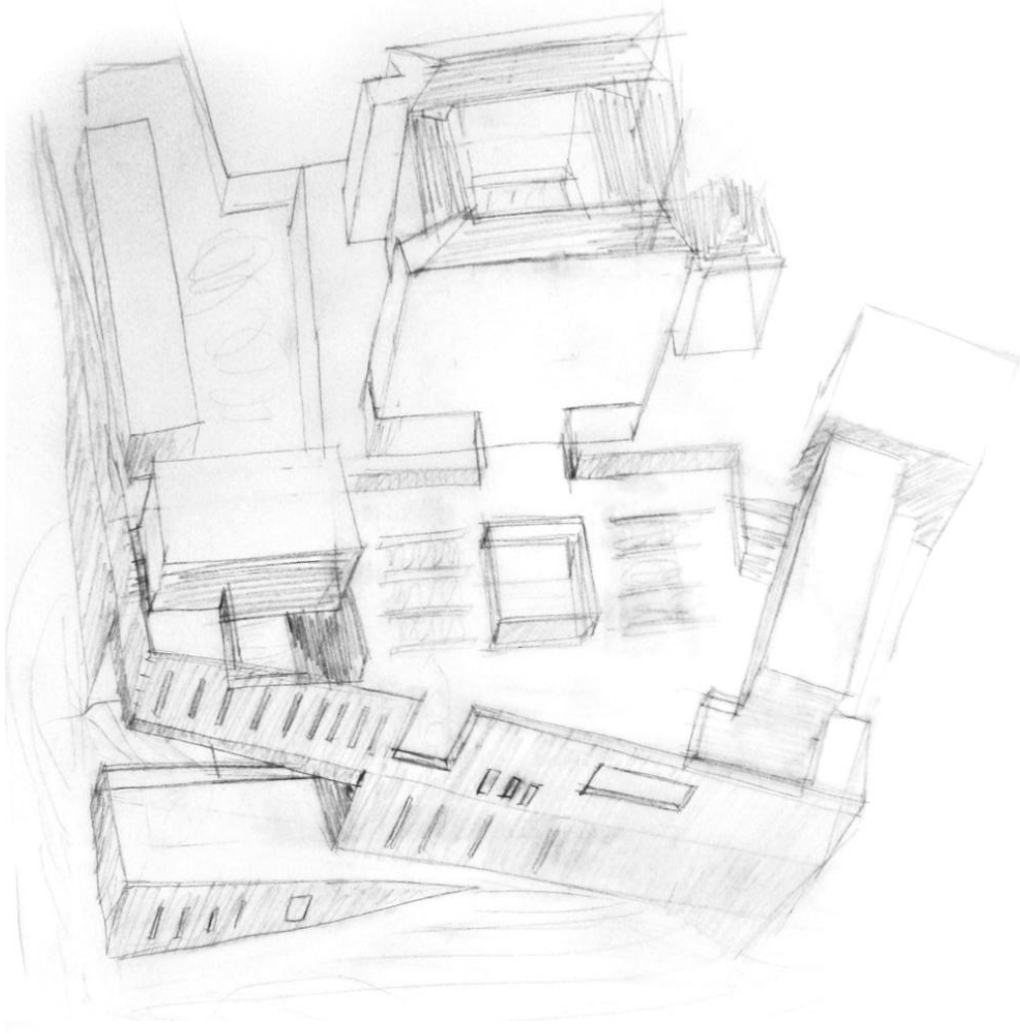
A ROOM OF ONE'S OWN



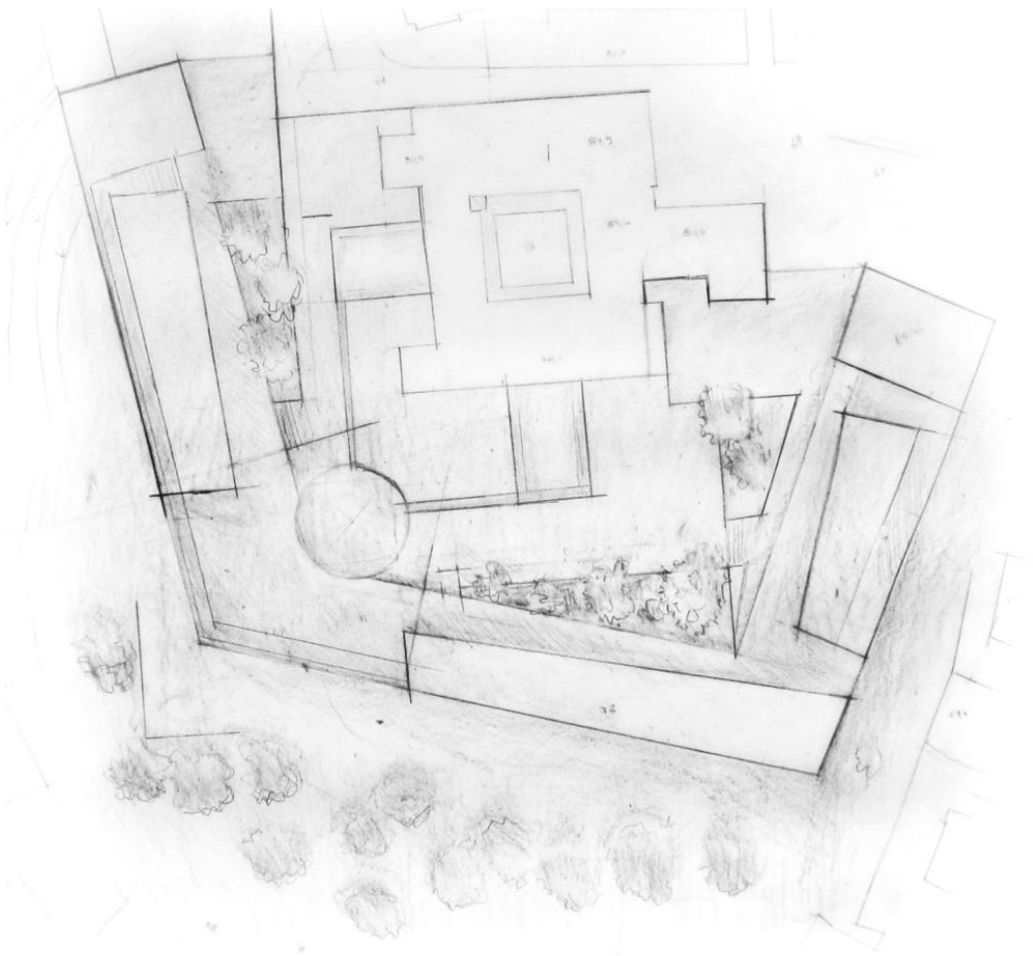
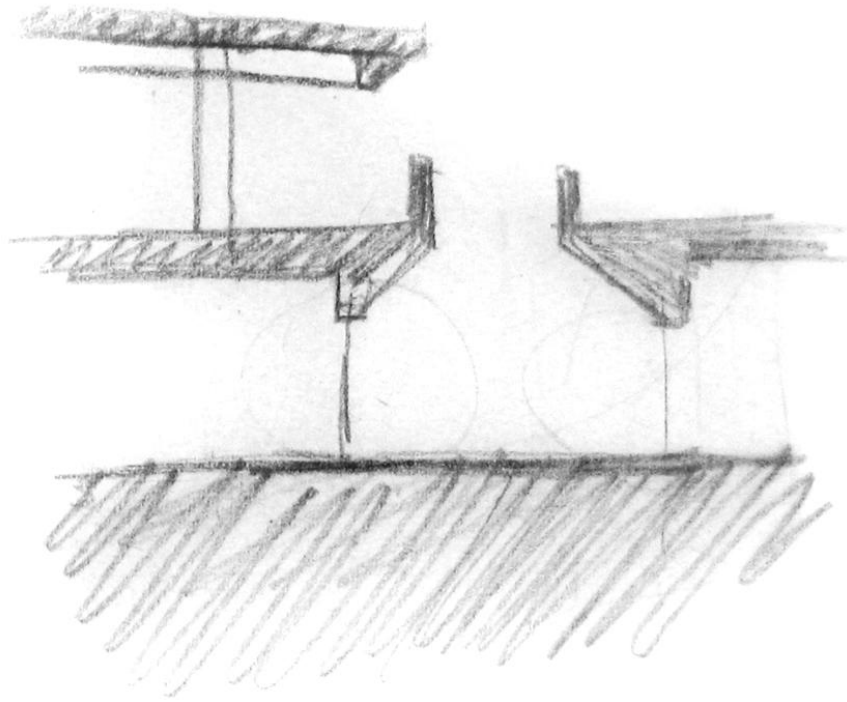


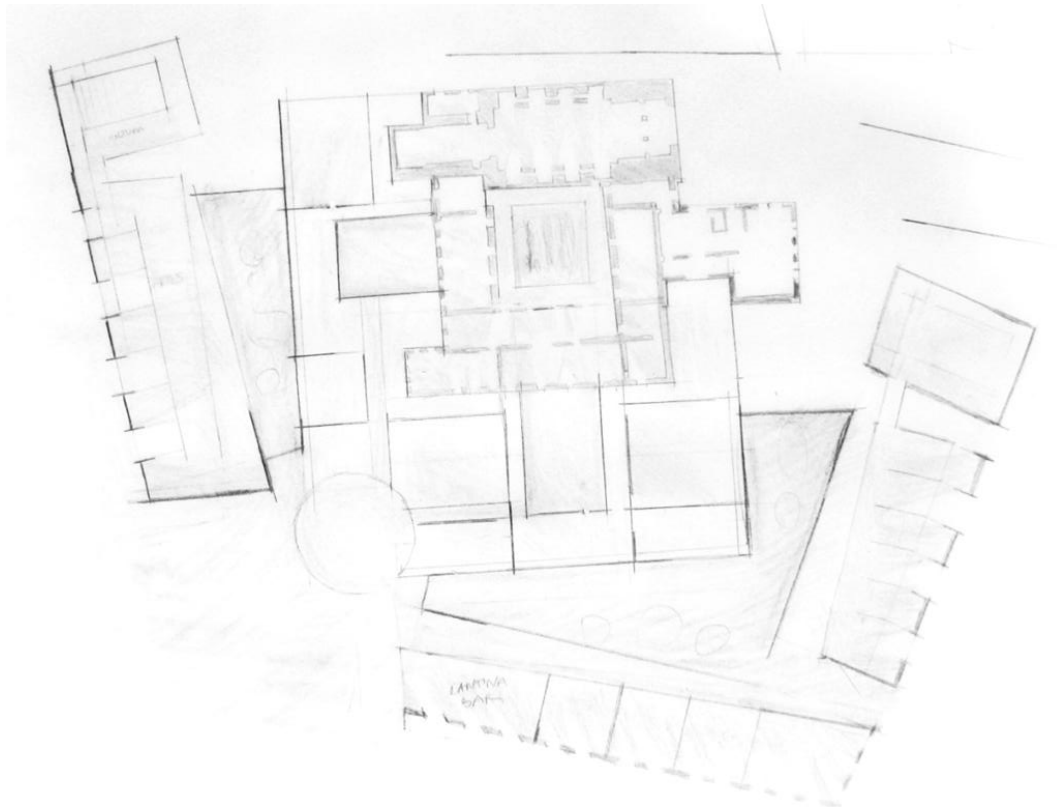
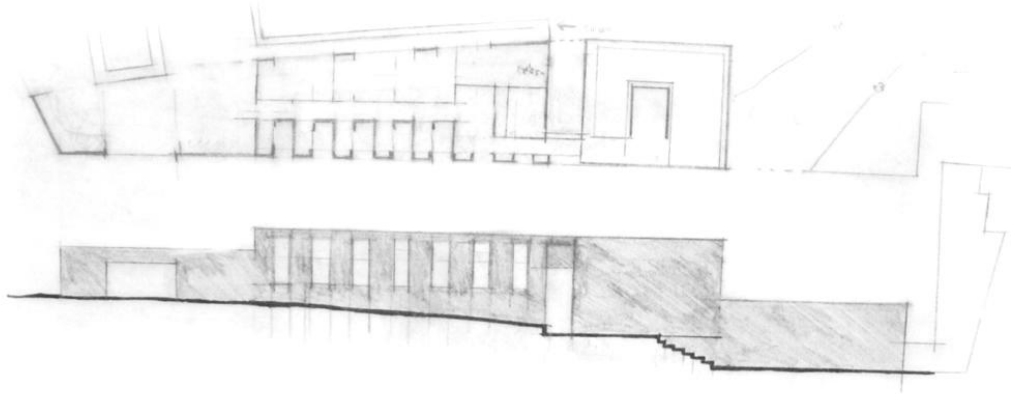
A ROOM OF ONE'S OWN



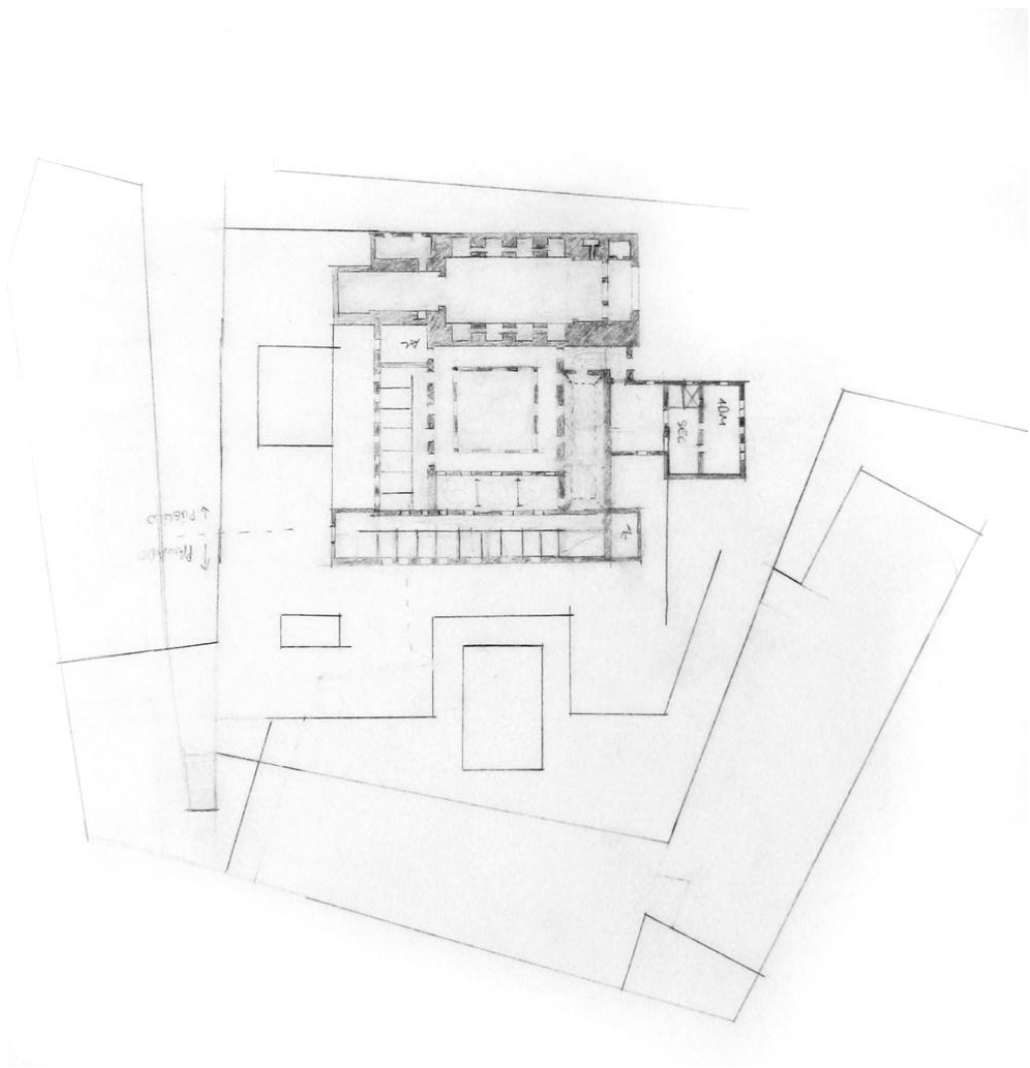
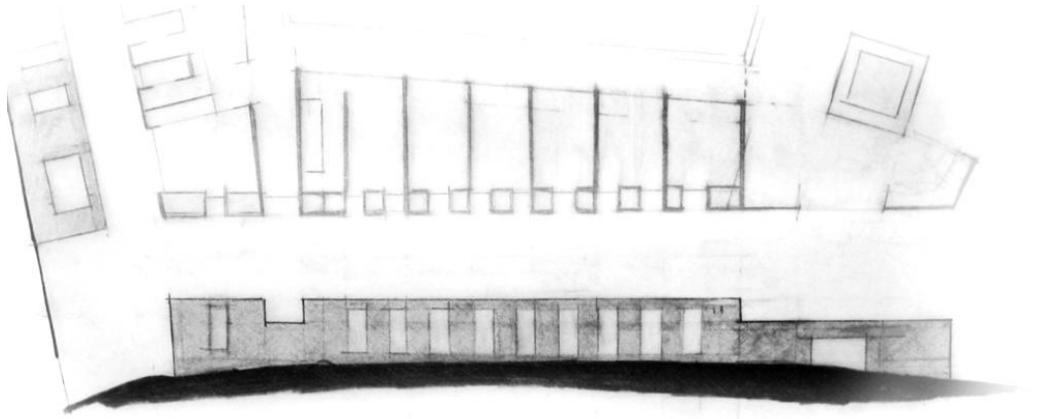


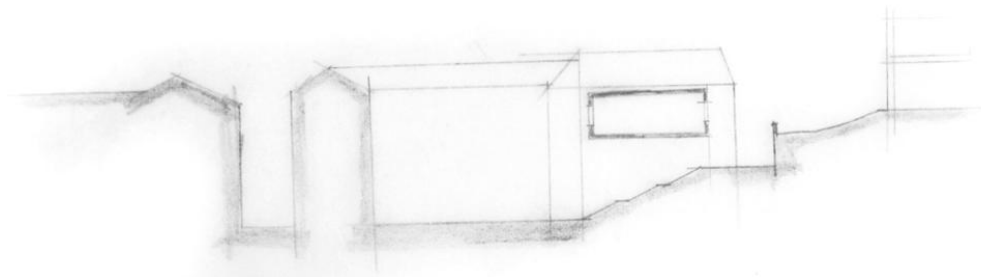
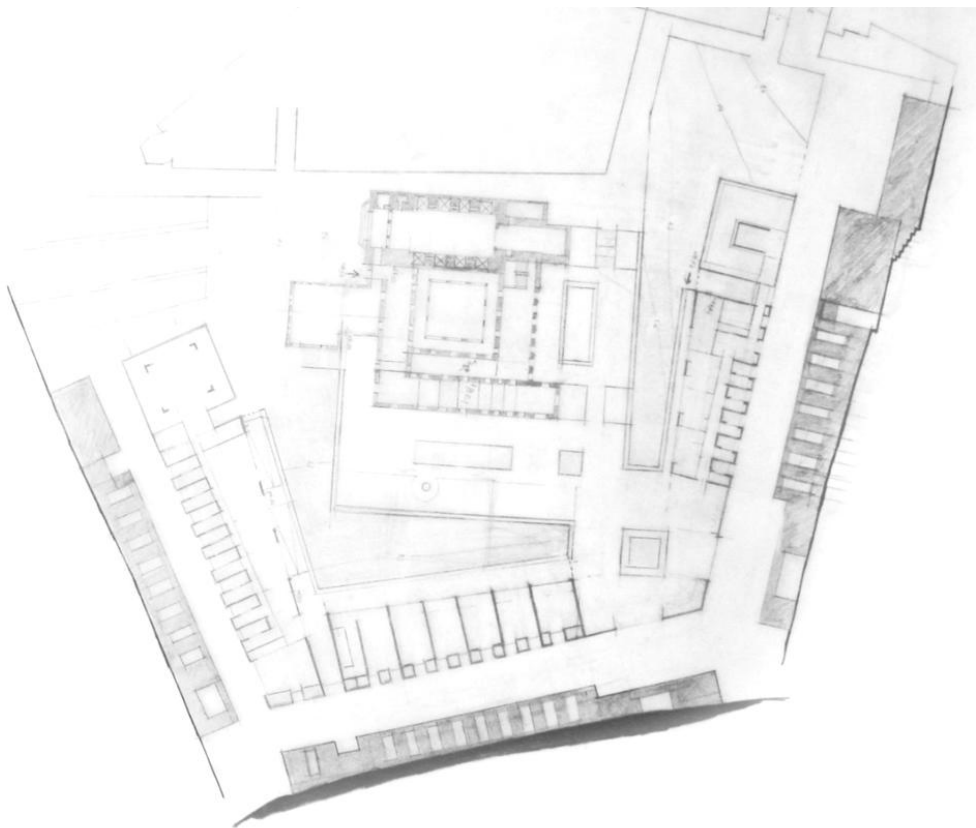
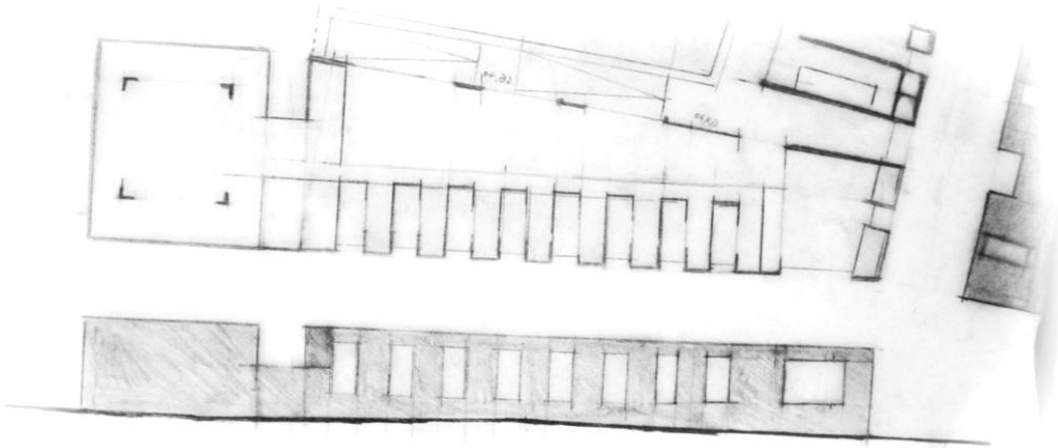
A ROOM OF ONE'S OWN



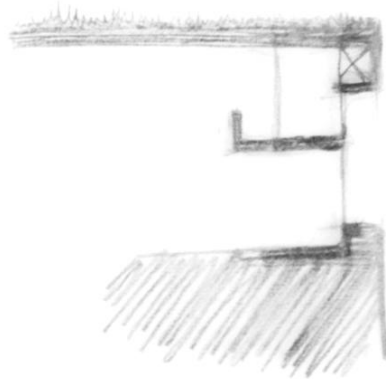
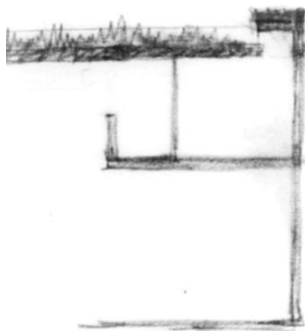
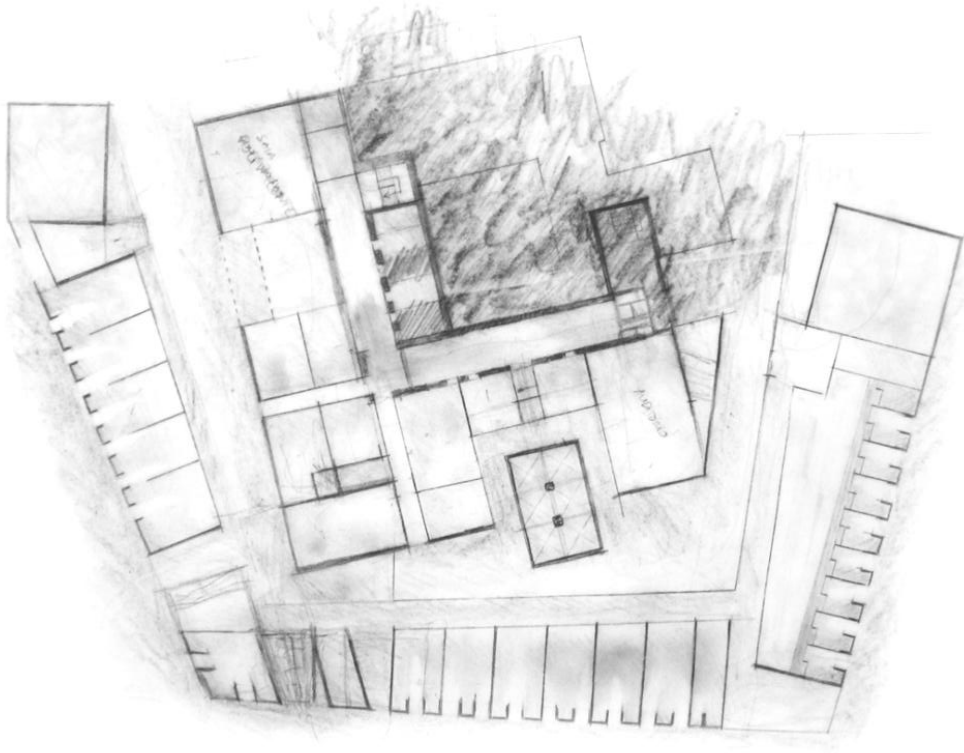


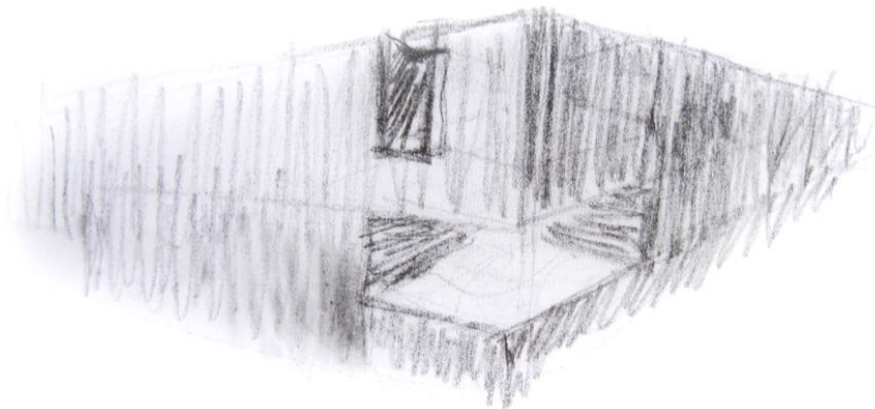
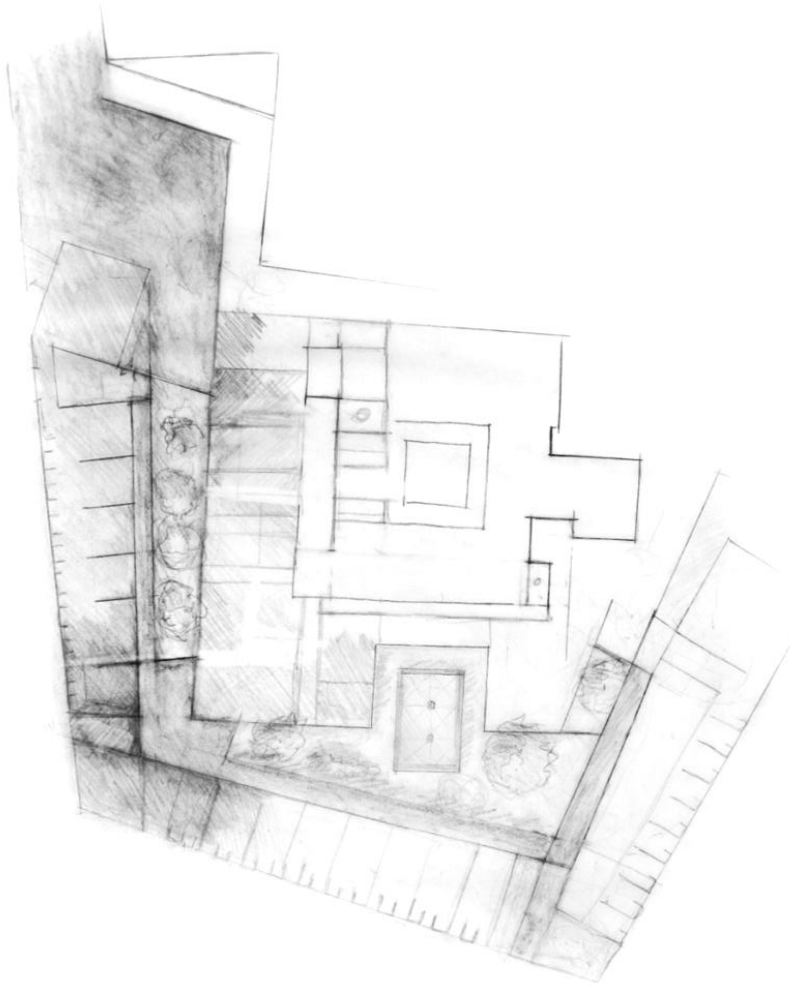
A ROOM OF ONE'S OWN

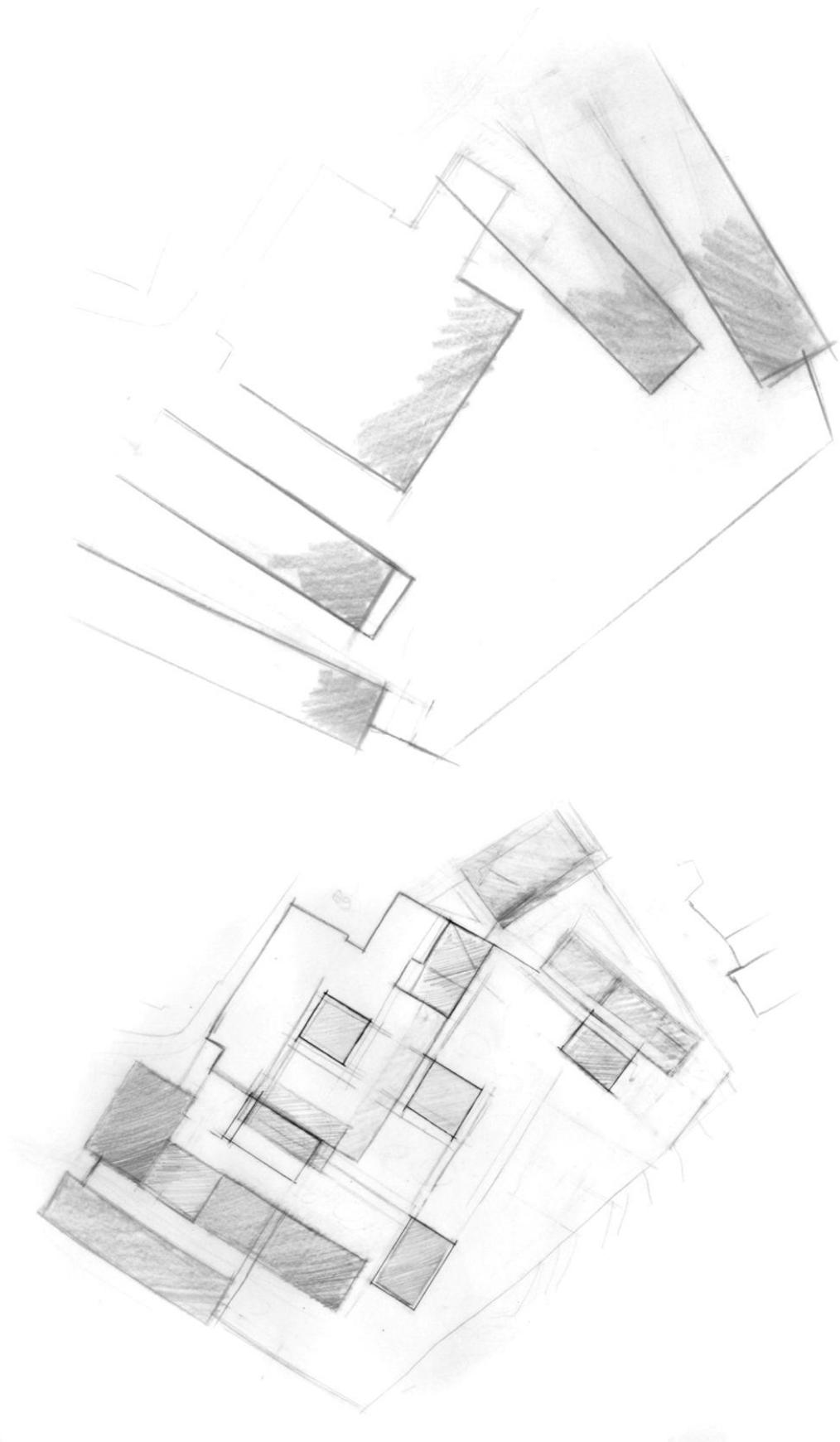


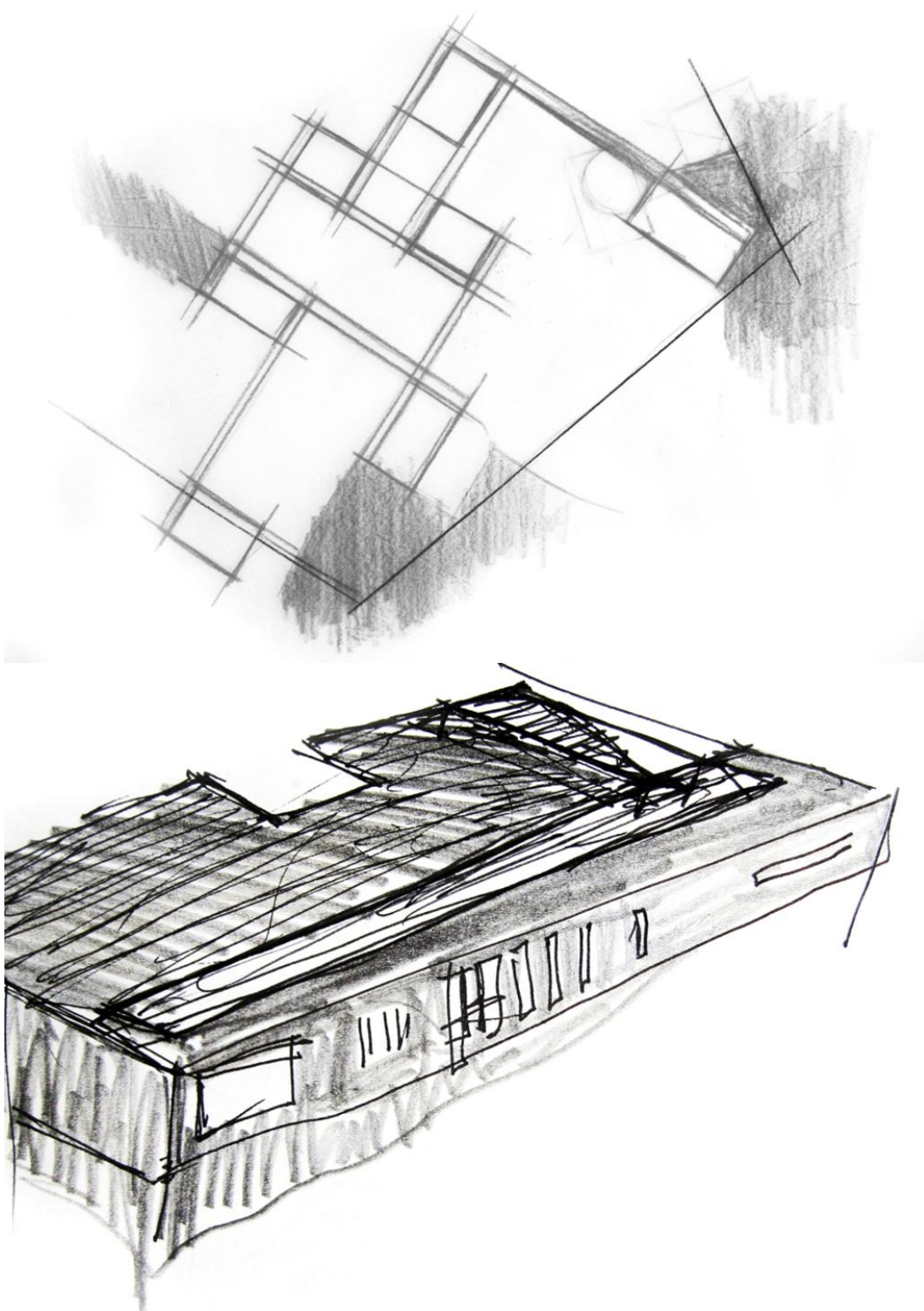


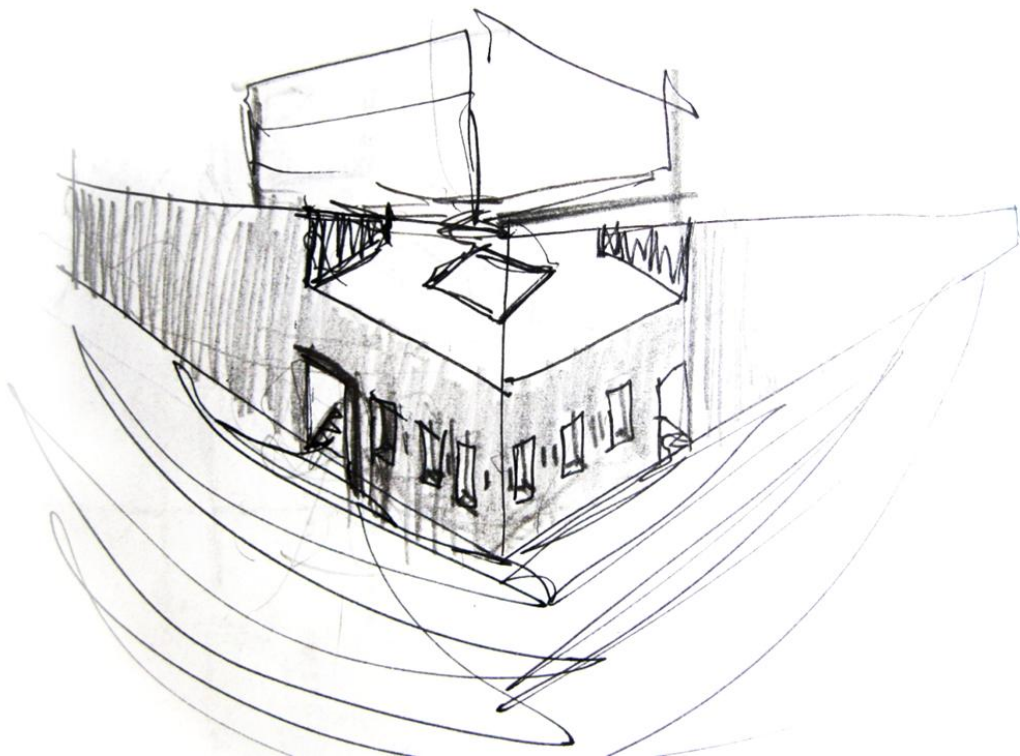
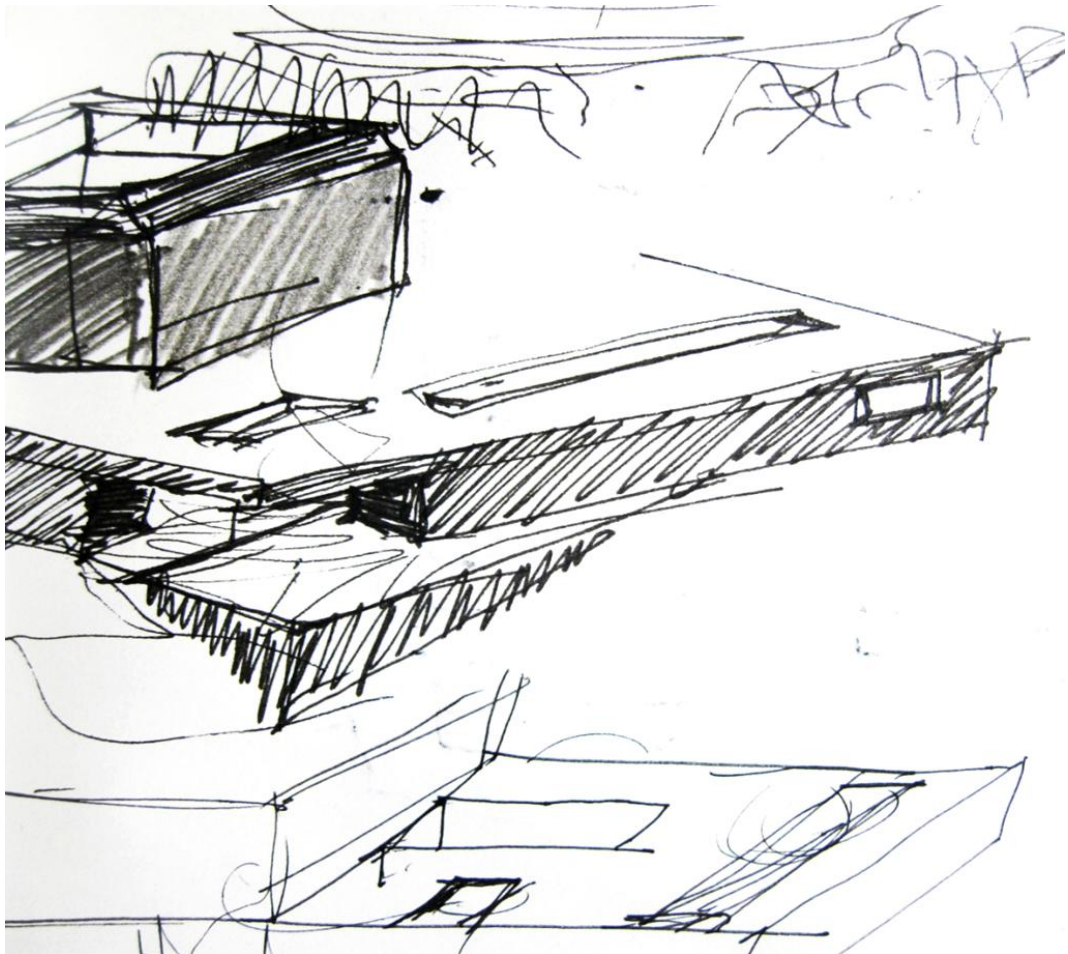
A ROOM OF ONE'S OWN

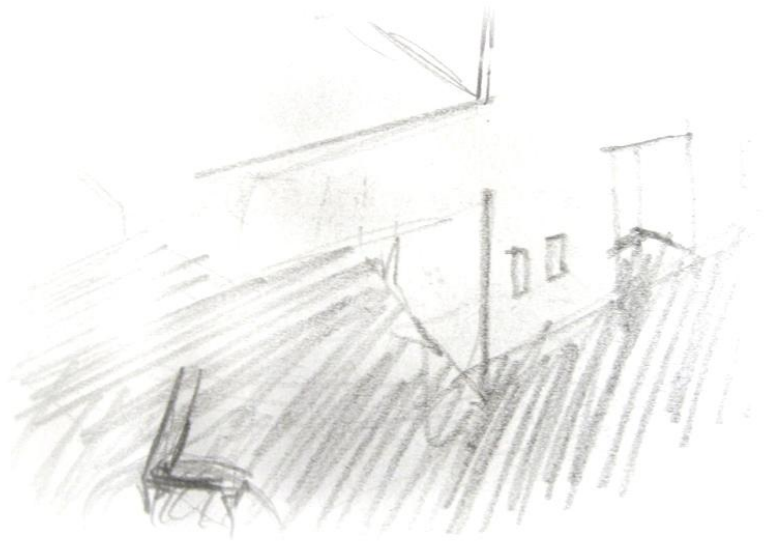




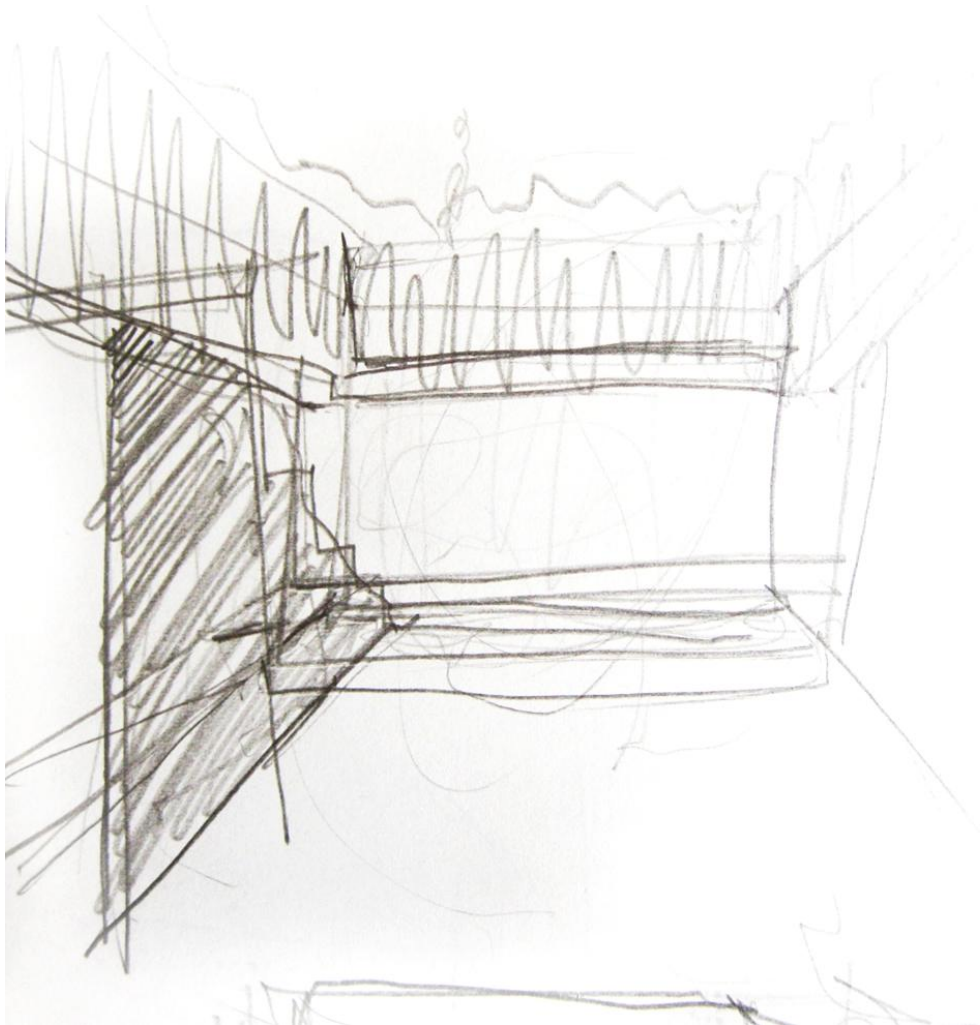
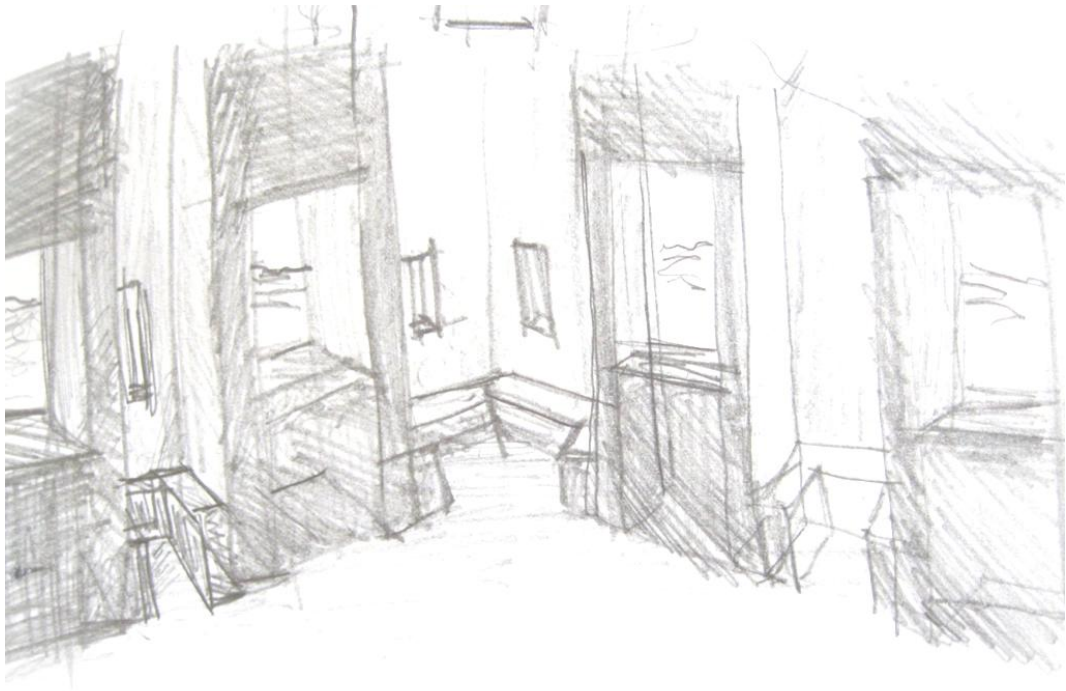


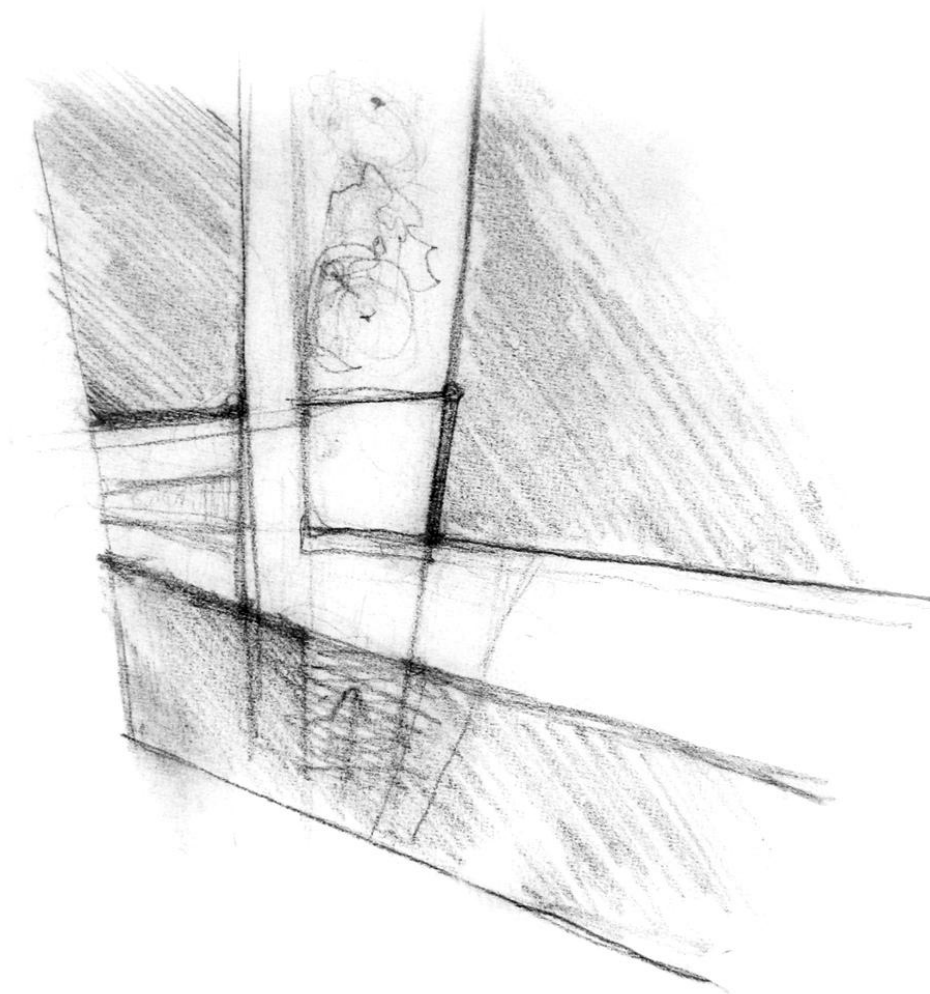
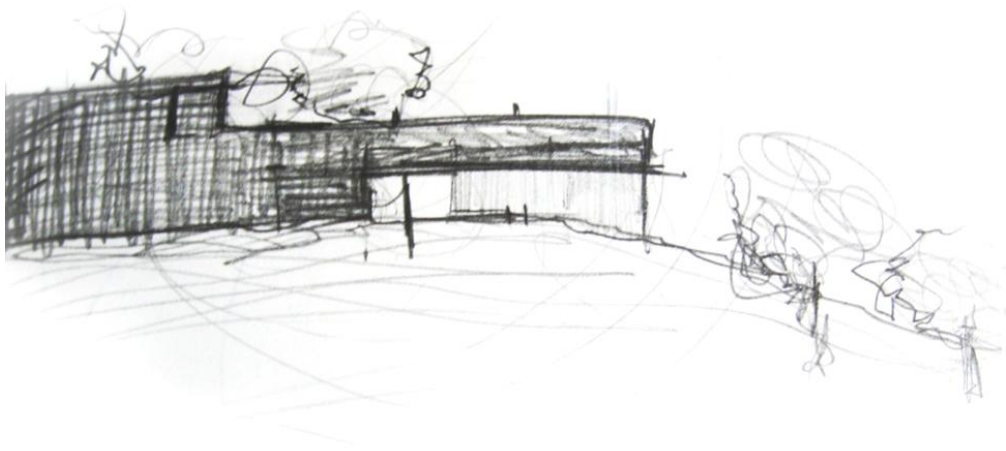




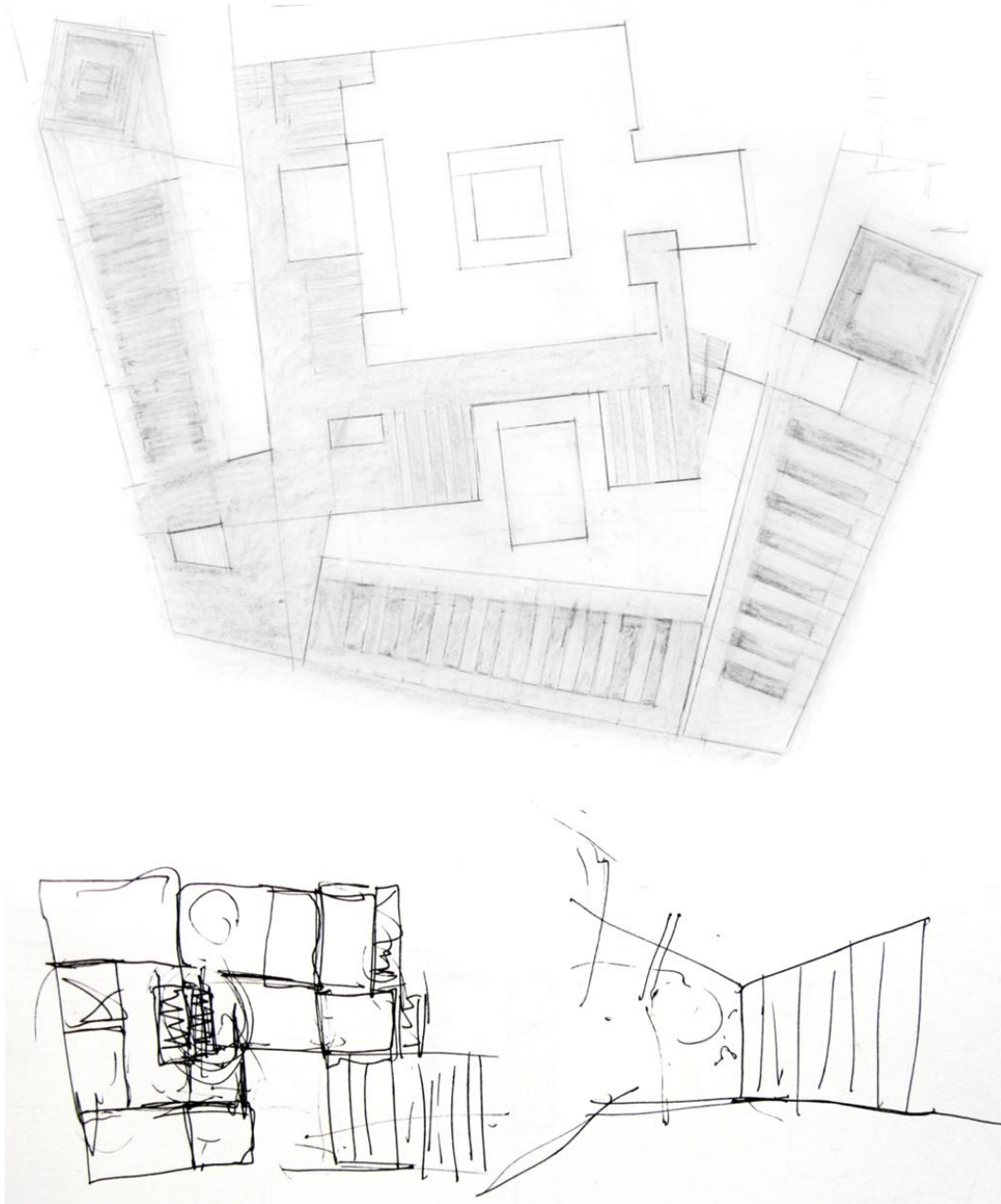


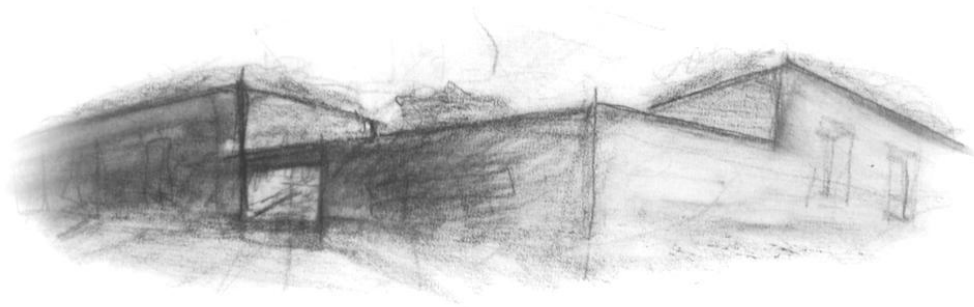
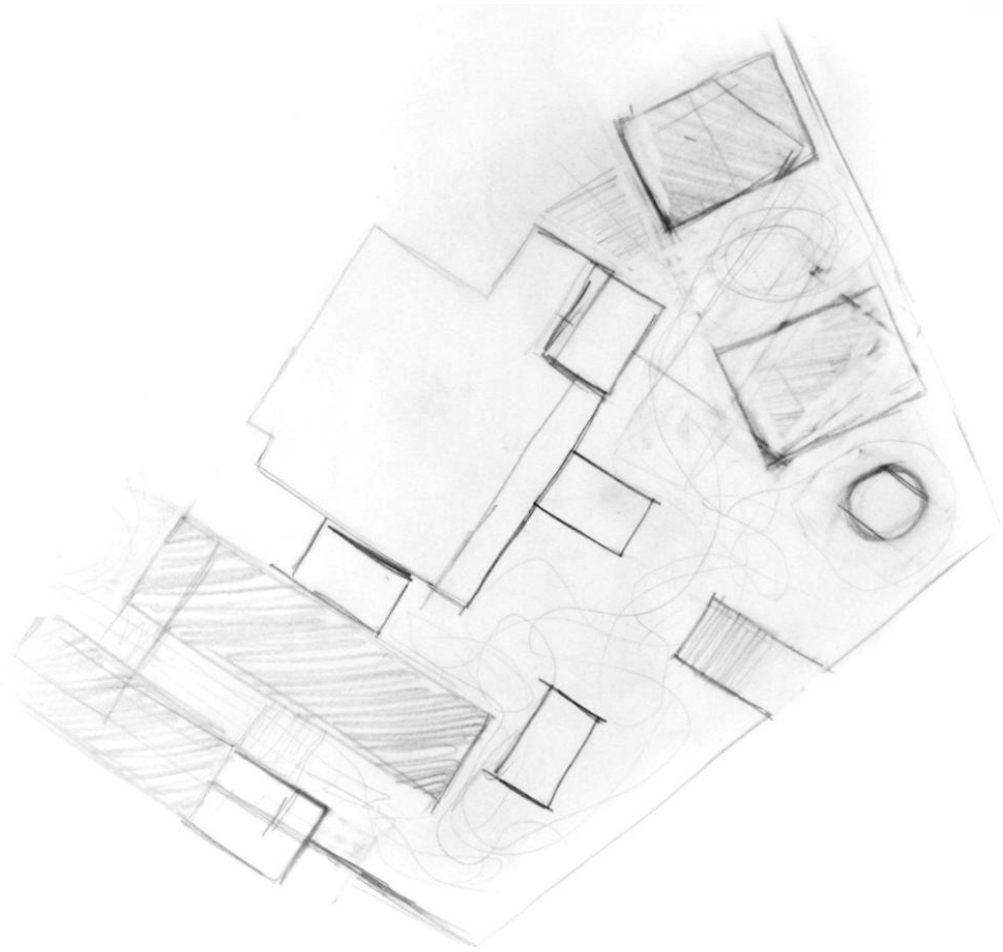
A ROOM OF ONE'S OWN

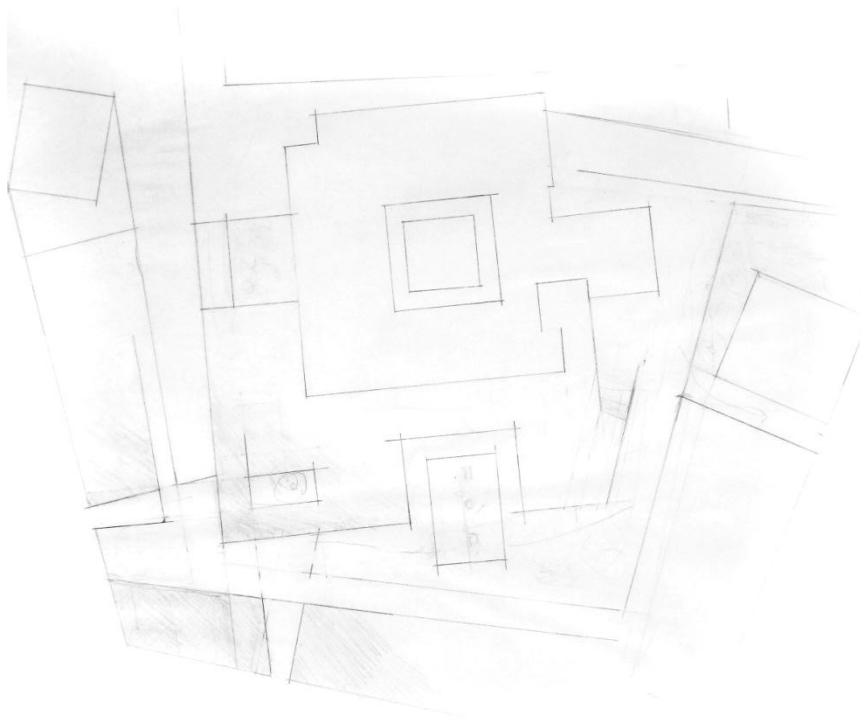
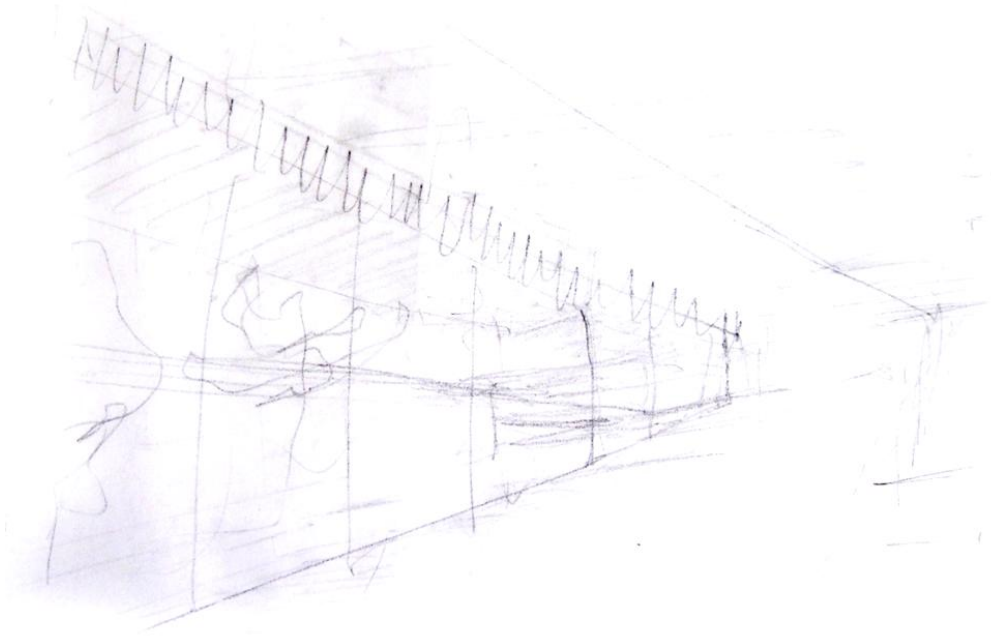


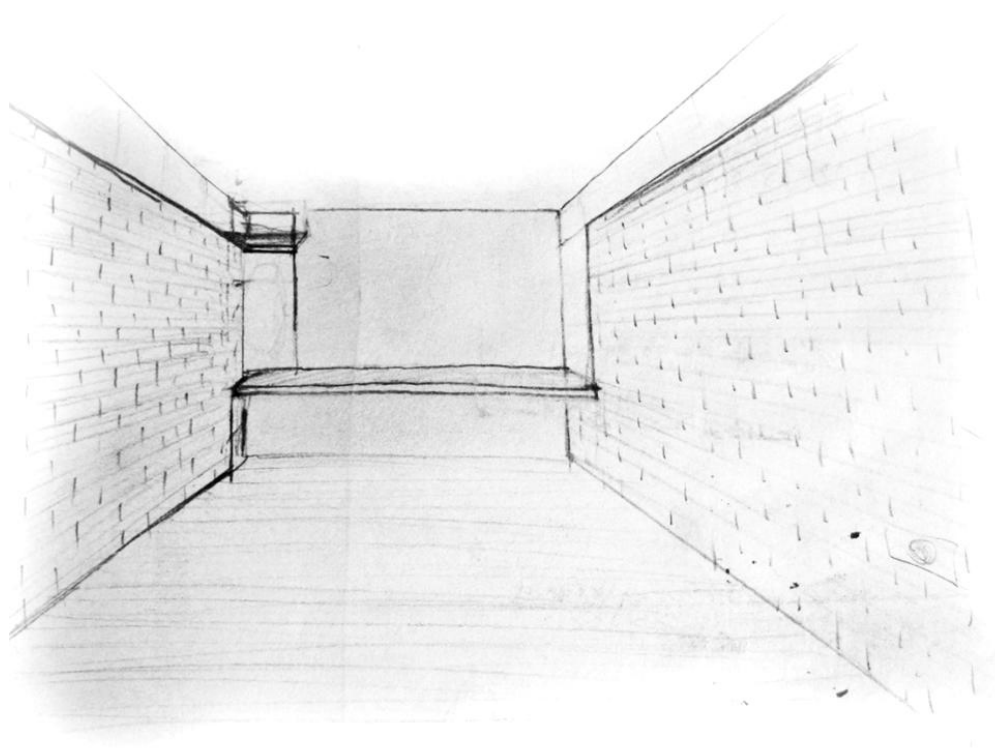


A ROOM OF ONE'S OWN









A 4 –Desenhos do Projecto

1 – Da Cidade à Colina	
2 – Do Convento ao Centro de Estudos	
3 – Renders e Fotomontagens	
4 – Planta de Cobertura	1/500
5 – Planta do Piso 0 e Corte AA'	1/500
6 – Planta do Piso -1 e Corte BB'	1/500
7 – Planta do Piso -2 e Corte CC'	1/500
8 – Planta do Piso -1 e Corte DD'	1/200
9 – Planta do Piso 0 e Corte EE'	1/200
10 – Planta do Piso 1 e Corte FF'	1/200
11 – Planta do Piso 2 e Alçado Sul	1/200
12 – Planta do Piso 3 e Alçado Oeste	1/200
13 – Planta do Mezzaninno do Piso 3 e Alçado Este	1/200
14 – Corte Construtivo DD'	1/50
15 – Tipologias do Centro de Estudos	1/50
16 – Tipologia 4 - Detalhe	1/20
